

Itaytera

— Número 42

Ano 1998 —

EM DEFESA DE BÁRBARA DE ALENCAR

"Queixava-se ele (José Carvalho, trineto da heroína) que nem José Martiniano havia reagido. Porém agora, um século e trinta e quatro anos após, já sem o entusiasmo que apaixonava e cega, eu posso dizer:

- Se José Martiniano, filho da acusada, teve real ciência das injúrias que arrojavam à sua mãe, e não assumiu, como era de esperar, uma atitude contrária, nem tão pouco alardeou, foi porque, profundo conhecedor dos espíritos revolucionários, sabia ser inútil levantar a sua voz contra aqueles que, por infelicidade, debilidade mental ou pura maldade, maculavam um nome isento de culpa".

RUTH DE ALENCAR, no estudo
BÁRBARA DE ALENCAR, no livro MULHERES DO BRASIL,
Editora Henriqueta Galeno, Fortaleza, 1952 - 1º Volume.

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Secção de Letras

- 01 - PATRONO:
Pe. Dr. José Antonio Maria Ibiapina.
Ocupante:
João Lindemberg de Aquino
- 02 - PATRONO:
Bruno de Menezes
Ocupante:
Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 03 - PATRONO:
José Alves de Figueiredo.
Ocupante:
Pe. Neri Feitosa
- 04 - PATRONO:
Alexandre Arraes de Alencar.
Ocupante: Vaga
- 05 - PATRONO:
Mons. Pedro Esmeraldo da Silva.
Ocupante: Vaga
- 06 - PATRONO:
Dr. Irineu Nogueira Pinheiro.
Ocupante: Vaga
- 07 - PATRONO:
Antônio Barbosa de Freitas.
Ocupante: Vaga
- 08 - PATRONO:
Álvaro Bomilcar da Cunha.
Ocupante:
Dr. José Newton Alves de Sousa
- 09 - PATRONO:
Dom Francisco de Assis Pires.
Ocupante:
Mons. Fr^o de Holanda Montenegro
- 10 - PATRONO:
Pe. Emídio Leite Cabral.
Ocupante:
- 11 - José Huberto Tavares de Oliveira
PATRONO:
Raimundo Gomes de Matos
Ocupante: Vaga
- 12 - PATRONO:
Leandro Bezerra Monteiro
Ocupante:
Dr. Antonio Araújo Ribeiro
- 13 - PATRONO:
Dr. Otacílio Macêdo
Ocupante: Vaga
- 14 - PATRONO:
Manoel Rodrigues Monteiro.
Ocupante: F.S. Nascimento
- 15 - PATRONO:
Leandro Chaves de M. Ratisbona
Ocupante: Vaga
- 16 - PATRONO:
Pe. Francisco Pita
Ocupante: Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO:
João Brígido dos Santos
Ocupante:
Dr. Emídio Macêdo Lemas
- 18 - PATRONO:
Dr. Raimundo de Monte Arraes
Ocupante: Vaga
- 19 - PATRONO:
Dr. José Alves de Figueiredo Filho
Ocupante:
Dr. Wellington Alves de Sousa
- 20 - PATRONO:
Senador José Martiniano
de Alencar
Ocupante: Vaga
- 21 - PATRONO:
Mons. Pedro Rocha de Oliveira
Ocupante: Pe. Antonio Vieira
- 22 - PATRONO:
Barreto Sampaio
Ocupante:
Dr. Napoleão Tavares Neves.

EDITORIAL

Eis mais um número da Revista ITAYTERA, órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, de Crato, Ceará.

Não se pode consignar, em algumas palavras, o somatório de esforços, de canseiras e de dificuldades, para se lançar referida publicação, que agora atinge o número 42, referente ao ano de 1998.

Não se pode negar, também, que é mais uma vitória de peso, com a raça do ICC, sempre buscando documentar os aspectos regionais, notadamente de biografias, com que grafa, para o futuro, os aspectos mais curiosos de nossa formação histórica.

Resta-nos agradecer, de todo o coração, e com muita sinceridade, aquelas que ajudaram com recursos, na capacidade de cada um, para o novo número da ITAYTERA.

Todavia, se nos permitem - e isso não representa um demérito para os demais - gostaríamos de mencionar o BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S/A - BIC CRATO, e a Prefeitura Municipal do Crato, pelas inestimáveis ajudas que nos proporcionaram na presente edição. Aos demais também o nosso reconhecimento.

Aos poucos vamos nos aproximando do número 50 da ITAYTERA.

Queira Deus que cheguemos lá. Só isso será um marco expressivo na vida cultural da região, que todos os anos acolhe, generosamente, nossa publicação.

J. Lindemberg de Aquino
- Diretor -

FORUM HERMES PARAHYBA

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

- Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

No curso da minha já longa existência, quer considerada sob o ponto de vista individual, quer profissional, tenho sido alvo, modéstia à parte, de honrarias que sobremaneira me envaidecem.

A vaidade, na sua genuína acepção, não é um pecado, mas uma virtude. O reconhecimento próprio, ou pessoal, de uma afirmação positiva no mundo cada vez mais competitivo e desleal da atualidade.

Distinguido para a representação dos meus colegas da Turma de 1937 da Faculdade de Direito do Ceará, foi esta a primeira incumbência que me tocou profundamente o coração.

Seria 56 anos depois agraciado pela ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL, Secção do Ceará, em Fortaleza, seja em 11 de Agosto de 1993, com o TROFÉU CLÓVIS BEVILAQUA, com a escolha, inclusive, altamente honrosa, para interpretar, no ato solene da outorga, os sentimentos dos demais colegas homenageados: Luiz de Borba Maranhão, Wagner Barreira, José Frota Parente e o Mestre Olavo Oliveira, de saudosa memória.

Outras instituições a que tenho dado a minha modesta colaboração não têm sido menos pródigas nas suas manifestações de apreço.

Apraz-me destacá-las, rendendo-lhes nesta oportunidade o preito da minha gratidão, as Faculdades de Filosofia, Ciências Econômicas e de Direito do Crato, e, presentemente, o Instituto Cultural do Cariri, aqui fundado em 1953, cujos destinos ora presido e que tanto tem projetado esta cidade nos centros intelectuais do País.

Cumpr-me, no entanto, confessar, sem diminuição de estima às anteriores, que esta homenagem com que me honra a JUSTIÇA de minha terra, aninha-se, mais sensivelmente na minha alma, porque representa na verdade uma fase decisiva da minha vida em que,

intensa e entusiasta foi a minha presença nos auditórios desta e de outras regiões vizinhas do nosso amado Ceará.

Foi - perdoai-me a imodéstia desta afirmação - o meu persistente devotamento aos serviços da Justiça, a partir dos idos de 1942 até o merecido repouso de uma aposentadoria, que me credenciou ao gesto magnânimo dos meus colegas desta circunscrição, confiando-me a presidência, sucessivamente, ou por reeleição, desde o seu início, da Sub-Secção do Cariri da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Ceará, enquanto ela aqui funcionou, suspensa como a de Sobral por circunstância imperiosas, e, felizmente restaurada e agora em plena e proveitosa atuação em bem da classe e da preservação da paz e da ordem social.

Por isso representou e ainda representa uma etapa que considero marcante nas minhas atividades forenses, e que resumi quando, convidado pela Secção do Ceará, discorri em plenário do 1º SIMPÓSIO DOS ADVOGADOS deste Estado realizado em Fortaleza em 11 de Agosto de 1973, debatendo o Tema "A Vida do Advogado no Interior do Estado". de parceria com o talentoso advogado de Iguatu Dr. Meton Vieira.

Etapa que guardo na minha saudade através dos companheiros cujos nomes aqui declino - olhos voltados para os longes de amáveis reminiscências - a eles estendendo também esta grata homenagem: Luiz de Borba Maranhão, graças a Deus ainda vivo; Gregório Calou de Sá Barreto, desaparecido tragicamente em plena produtividade mental; Edvard Teixeira Férrer, o primeiro e brilhante promotor público da comarca de Juazeiro do Norte, ao tempo dessa figura invulgar de juiz que foi Juvencio Joaquim de Santana; José Peixoto de Alencar Cortez, o promotor ainda vivo e prestimoso que marcou época nos prélios tribunícios do tribunal do juri; Francisco Ferreira de Assis, o incansável defensor dos pobres na justiça do trabalho, no momento preso ao leito de dor com tenaz enfermidade; Edizio de Figueiredo de Abath, advogado e jornalista em franca atividade na Capital da República; Jósio de Alencar Araripe, inteligência que, infelizmente para o foro, foi arrebatada pelos amavios e pela inclinação irresistível das atividades agrárias; Aluisio Cavalcante,

advogado de escol, do Conselho Estadual de Educação, professor emérito, figura marcante nos meios intelectuais de Fortaleza... Foi essa gente, essa pleidade de devotados cultores do Direito nesta feraz região sulcearense, que me colocou à frente da Sub-Secção e a quem a este ensejo agradeço penhorado tamanha prova de confiança, agradecendo a Deus que me possibilitou esta hora, que considero solar da minha existência, para de público fazer esta confissão, justamente em frente às mais altas e expressivas figuras da nobre magistratura cearense.

Lanço um olhar retrospectivo para o Tribunal de Justiça do Ceará, de ontem e de hoje, e vejo sem preocupação de prioridade ou primazia, os membros que dignificaram e dignificam a colenda instituição e junto aos quais ofereci o contributo como auxiliar que o advogado é da Justiça: Vicente Bessa, José Maria de Queirós, Auri Moura Costa, Aurino Augusto de Araújo Lima, Carlos Facundo, José Barreto de Carvalho, Agenor Studart Monte Gurgel, Jorge de Sousa, Pedro Pinheiro de Melo (meu colega de Turma), José Jucá Filho, José Ferreira de Assis, Agueda Passos Rodrigues Martins, José Maria de Melo, junto ao qual exerci as minhas atividades advocatícias ainda em Farias Brito, o qual, jovem ainda, revelava pelo aprumo inicial da carreira o juiz de alto coturno que viria a ser, já agora às vésperas de assumir a direção da Egrégia Corte de Justiça do nosso Estado, Edmilson da Cruz Neves, a quem pelas raízes do Cariri e pelo meu gratificante relacionamento com o seu ilustre genitor, me ligam idênticos laços de sadia amizade.

Foi essa gente também que, ao seu tempo, assinalou uma passagem áurea do foro desta bicentenária Comarca, uns já arrebatados pela "Indesejável das Gentes", outros ainda atuantes nas letras jurídicas, nas suas onímodas manifestações.

Agradável, por seu turno, a incumbência a mim confiada, de testemunhar pelos demais homenageados desta hora, a gratidão pela honraria com que são condignamente distinguidos:

Desembargador HERMES PARAYBA, o Patrono deste FORUM, a sua presença na Comarca do Crato foi das mais fecundas, pela dedicação constante, ininterrupta aos negócios do foro. Dava

audiência diariamente quer houvesse, quer não, matéria ou assunto especial a resolver. Manteve, num jornal da terra, uma coluna que intitulou - Jurisprudência - em que publicava, constantemente, as suas decisões, vasadas em linguagem simples mas de aprimorada concepção estilística. Sobre ele, no meu trabalho - MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO - me expando com dados biográficos à altura dos seus reais merecimentos. Justa, sob todos os títulos, a escolha do seu nome para este Forum.

Dr. ANTONIO NIRSON MONTEIRO - Iniciou a sua carreira na advocacia, mas sentiu cedo que a sua vocação irresistível era a da magistratura. Nela ingressou mediante concurso em que revelou, a par de sua inteligência, o substancial acervo de sua cultura jurídica. Infelizmente, vítima da contingência humana, afastou-se do Pretório e se acha recolhido ao repouso do seu lar e sob os cuidados de extremosa esposa, vítima de insidiosa e persistente enfermidade. Deixa, no entanto, se não resistir à gravidade dos seus incômodos, uma folha inestimável de serviços à Justiça, que há de conservar, pelos tempos em fora, a sua inapagável memória...

Dr. LUIZ DE BORBA MARANHÃO - Figura acabada de advogado inflexível na defesa de suas causas. Primeiro Diretor da Faculdade de Direito do Crato, que ajudou a fundar, professor de História na Faculdade de Filosofia desta cidade, tribuno de mão cheia nas pugnas do Tribunal do Juri, defensor público de inextinguível devotamento na defesa dos necessitados. Esta homenagem é um galardão ao seu valor e ao seu merecimento.

Dr. FRANCISCO LEITÃO MOURA - Depois de exercer, com proficiência, em diversas comarcas do Estado, as árduas funções de representante do Ministério Público, veio desempanhar idênticas funções nesta Comarca, assegurando as tradições de relevância e de brilho da Promotoria nesta heráldica cidade plantada ao sopé da majestosa Araripe. Professor de Direito da nossa Escola, tem já os seus méritos reconhecidos pela Ordem dos Advogados do Brasil - Medalha CLÓVIS BEVILAQUA - de cidadão honorífico pelas cidades de Juazeiro do Norte e Barbalha e é figura de incontestável destaque do grêmio Leonístico local.

Esta homenagem é um prêmio ao seu real valor.

Dra. MARIA ZILMA BARBOSA CAPIBARIBE - Acertadamente, preferiu a carreira do Direito à da Medicina, como era o desejo dos seus familiares. Foi bom.

Atuou, inicialmente, na área polêmica do Tribunal do Juri. Concursada para a advocacia de ofício, desempenhou as funções respectivas em diversas comarcas do nosso Estado, inclusive junto ao Instituto Penal Professor OLAVO OLIVEIRA. Ingressou na magistratura em 1986. Foi promovida por merecimento para esta Comarca em 1992, aqui consolidando os seus pendores judicantes, revelando-se pelo seu intrínseco valor de magistrada e cidadã, um elemento autêntico hoje estimada pelo Crato, a que vem prestando, além dos seus valiosos préstimos na Justiça, também os de ordem social e moral, em consonância com a sua formação genuinamente cristã. Deve-se, evidentemente, à desenvoltura e zelo com que desempenha as suas atribuições, a designação, mais do que merecida, do seu nome para a Sala do Tribunal do Juri.

Cumpre-me a esta altura dos caminhos que venho percorrendo pelas paráguas encantadoras das lembranças e do reconhecimento, agradecer, penhorado, ao Colendo Tribunal de Justiça, na pessoa do eminente Desembargador JOSÉ ARI CISNE, cuja presença na Presidência da Superior Instância tem sido a mais lisonjeira, a confiança em mim depositada para elaborar a MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO, cuja data de criação estamos todos comemorando entre alegrias e festas espirituais. Trabalho que, pela premência de tempo não foi possível ser hoje aqui lançado, como desejaríamos.

Das instituições sociais, a Justiça afigura-se-me uma das mais sagradas criações de Deus, que assim a considero.

Como a Religião de CRISTO, no dizer de um sábio, é o sal da Terra, a Religião do Direito é a garantia da sobrevivência dos povos e das nacionalidades.

A balança e a espada são o símbolo da equidade e da ordem, sem as quais não é possível a convivência tranquila das organizações sociais.

À Dra. Maria Zilma Capibaribe e aos demais membros integrantes do Poder Judiciário do Crato, o penhor da minha gratidão pela lembrança de darem a este Salão o meu humilde nome.

Os Tribunais e os Foruns representam os Templos onde se celebram os rituais de TEMIS.

Merecem, por isto, que se acomodem em recintos confortáveis, à altura da majestade e da dignidade das instituições como esta que aqui agora se instala.

O Crato bem o merecia, depois de 180 anos de criação da segunda maior comarca do "SIARÁ GRANDE".

Emoldurada pelo alcantilado biombo da Floresta Nacional do Araripe, que "ainda azulada no horizonte", embalada pela música em surdina de suas inesgotáveis fontes cristalinas e enfeitada pelo tapete verde dos canaviais dos seus ubertosos brejos, Crato os saúda e os recebe de braços e coração abertos ilustres visitantes de outras terras, que aqui comungam com a cidade a hóstia desta mágnã efeméride.

Aqui, no alto da Coluna de CRISTO REDENTOR, erguida na Praça da Estação da Via-Férrea de Baturité, que a incúria dos maus governos desativou, ostenta-se visível esta legenda que é um convite sincero da alma aberta e hospitaleira do nobre povo do Crato.

"SEJA BENVINDO, NESTA TERRA HÁ LUGAR PARA TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE".

(Discurso pronunciado pelo advogado Raimundo de Oliveira Borges no ato solene de instalação do FORUM HERMES PARAHYBA do Crato, em 11 de Janeiro de 1997).

LITERATURA CARIRIENSE

Barros Alves

A literatura caririense, forte, fértil e pujante, igualmente terra e povo da nação Cariri, mostra-se ao mundo em modesta demonstração pelas páginas de uma publicação que faz história. A Revista Itaytera é marco exponencial de tudo quanto se publica de melhor em termos literários na região caririense. Pelas mãos santas de J. Lindemberg de Aquino, cujo afã de servir rivaliza com o talento que vai nas veias de intelectual de boa cepa, tenho recebido religiosamente exemplares da revista que conta a história literária do Cariri pela pena de seus poetas e prosadores, cuja produção vai além do que imaginamos em qualidade.

O número 40, correspondente a este ano de 1996, apresenta-nos uma plêiade de nomes que assinam textos sobre os mais variados temas, abrangendo vários gêneros e, evidentemente, expressos em múltiplos estilos, pois, como bem conceituou Buffon "o estilo é o próprio homem". Portanto, tantos são os estilos quantos são aqueles que escrevem nesta Itaytera. A mim me apetece a leitura de poemas. Li-os todos. Provei-os e aprovei-os. Tirante a lira inspirada demorei-me em apreciar os textos em prosa, entre os quais, sem desmérito para os que não citarei, quero referir-me a "O Primeiro Templo Católico do Cariri", de Napoleão Tavares Neves; "O Preconceito no Folclore", de Francisco de Vasconcelos; "A Festa do Pau da Bandeira...", de Edvar Costa; "Os Macacos de Darwin", de Mary Schultze.

É de louvar, sem favor, todos quantos se empenham na feitura de Itaytera; os que editam e os que a ela comparecem com produções que mostram a face literária do Cariri. Ou ainda aqueles que em outros lugares e momentos diversificados falam pelo Cariri, em favor de sua gente. Louve-se, sobretudo, a garra com que um homem chamado J. Lindemberg de Aquino se dedica ao trabalho doloroso e cansativo de recolher as colaborações e garimpar recursos para a consecução de tão nobre e edificante empreitada. O Instituto Cultural do Cariri, entidade que há muito atua como sustentáculo

das Letras e das Artes no ubérrimo Vale Cariiriense deve também ser alvo de nossa louvação, posto que sob seu pálio assentam-se os nomes mais expressivos da cultura cariiriense. Portanto, nossos parabéns a todos.

Folha de Maracanaú -
Ano I - nº 3 - 18.10.1996.

NOVO LIVRO DO DR. RAIMUNDO BORGES

J. Lindemberg de Aquino.

O Dr. Raimundo de Oliveira Borges, advogado, professor e jornalista, está com o seu novo livro já pronto. Trata-se de MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO, que foi impresso em Fortaleza pelo programa editorial da casa José de Alencar, da UFC.

Primorosamente editado, o livro traz na capa as armas do Município do Crato e se constitui precioso documentário sobre a Comarca do Crato, criada por um alvará do Rei, de 27 de junho de 1816. Já tem, pois, mais de 180 anos a nossa Comarca - sendo uma das mais importantes do Estado do qual foi, aliás, a segunda a ser criada. Relata Dr. Borges, de maneira singela e objetiva, que foi a criação da Comarca, sua implantação, seu desenvolvimento, seus primeiros ouvidores e juízes e a seguir, em capítulos específicos, trata do desenvolvimento da Justiça em terras do Ceará, figurando, inclusive, a lista dos juízes e promotores, a criação dos cartórios e seus titulares etc.

Capítulo de capital importância histórica é o que se refere ao julgamento do réu Joaquim Pinto Madeira, em Crato, onde lhe foi negado o direito de defesa, por um júri faccioso, o que o levou à execução. Um crime hediondo que ainda repercute em nossos dias.

O livro do dr. Borges resgata, assim, para a posteridade, o histórico da Comarca do Crato e passa a se constituir precioso arrimo para a busca de informações sobre o setor, para os que desejarem, futuramente, se abeberarem mais no conhecido tema. Uma colaboração preciosa de documentos e de depoimentos, que tornam o volume precioso, pois, inclusive, contém a história da Faculdade de Direito do Crato e sua implantação.

O mundo intelectual e de pesquisa histórica do Ceará está de parabéns com esse livro do Dr. Borges, autor de uma dezena de outras obras preciosas, o que o torna, presentemente, uma dos escritores mais fecundos do Ceará.

COMENTÁRIOS SOBRE A BIBLIOGRAFIA DO CANGAÇO - NORDESTE DO BRASIL. (1)

Melquíades Pinto Paiva (2)

O chamado cangaço do nordeste do Brasil, na forma de bandos autônomos e andeijos, percorrendo os caminhos da área das secas, teve destacada atuação nas primeiras quatro décadas deste século, encerrando-se pouco depois da morte de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) - (1898 - 1938). Ele foi a sua figura de maior projeção, com duradoura permanência em atividade, operando em amplo espaço regional. Foi o último dos seus grandes comandantes.

Anteriormente, se projetaram outros chefes de bandos cangaceiros, tais como Jesuíno Alves de Melo Calado (Jesuíno Brilhante) - (1844 - 1879), Manuel Batista de Moraes (Antônio Silvino) - (1875 - 1944) e Sebastião Pereira da Silva (Sinhô Pereira) - (1896 - 1979).

É natural e facilmente compreensível que o cangaço tenha gerado abundante bibliografia, face a magnitude e duração deste fenômeno de rebeldia rural, atingindo diretamente as populações sertanejas, chegando mesmo a se tornar um dos motivos de afirmação da gente nordestina, apesar da violência que implantou e disseminou no espaço das secas.

Com o passar do tempo, os aspectos negativos do cangaço tendem para o esquecimento, enquanto os seus chefes proeminentes assumem dimensões míticas, em consequência da pobreza e mesmo discriminação que nos atinge como povo e região deste país. Assim, desde logo deixamos aqui uma sugestão para futuras pesquisas: explicar a permanência do tema na literatura e nas artes, embora há mais de meio século tenha alcançado o seu fim, com o desbarato do bando e morte de Christino Gomes da Silva Cleto (Corisco) - (1907 - 1940).

O levantamento da bibliografia do cangaço nordestino é tarefa impossível de ser realizada por um pesquisador, exigindo o trabalho de equipe interdisciplinar, com recursos que permitam total dedicação à busca e análise do material recolhido. Tal coisa se impõe,

por causa da diversidade de interesses dos autores e dispersão dos locais de publicação, incluindo edições modestas, nos aspectos materiais e número de exemplares, muitas vezes restritas às áreas onde foram publicadas. Isto se consideramos a produção facilmente identificável, pelos seus próprios títulos.

Um outro aspecto que complica a efetivação do mencionado levantamento, diz respeito à inclusão do assunto cangaço em obras de maior ou menor amplitude. Entre as primeiras, estão as que tratam das sociedades e rebeliões rurais, do nordeste brasileiro em sua totalidade, do coronelismo e poder local, das lutas de famílias, da violência sertaneja, da tradição e cultura populares, da posse e uso da terra, da política de dominação dos pobres, considerando os temas mais evidentes; as segundas normalmente se relacionam com a memorialística, compreendendo biografias de personalidades ligadas aos sertões, relatos de vivências dos seus autores, monografias sobre municípios situados na área de atuação dos cangaceiros.

Do exposto, podemos encontrar a razão da carência de levantamentos bibliográficos sobre o cangaço nordestino. Em verdade, exclusivamente destinados a cumprir esta finalidade, conhecemos somente dois títulos, ambos editados em Mossoró (Rio Grande do Norte), pela Fundação Vingt-un Rosado, a saber:

- ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado - 1995 - Bibliografia sobre cangaceiros e cangaçeirismo no Boletim Bibliográfico e na Coleção Mossoroense. Coleção Mossoroense, série B/número 1307, 10 pp., Mossoró;

- GASTÃO, Paulo Medeiros - 1996 - Contribuição a uma bibliografia do cangaço (1845 - 1996). Coleção Mossoroense, série C/volume 911, 124 pp., Mossoró. Trata-se do volume I da Coleção Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço.

Devemos mencionar a existência de longas listagens de obras consultadas e/ou referidas, em livros, dissertações/teses e artigos de natureza acadêmica, considerados textos clássicos da bibliografia cangaceira, embora sem maior preocupação com a qualidade dos títulos relacionados. Uma honrosa das poucas exceções corresponde ao seguinte artigo:

- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de - 1986 - Apontamentos

para uma releitura do cangaço nordestino. In: SILVA, S.V.(organizador)
- A lajeira e a Questão Agrária no Nordeste: subsídios históricos, pp. 151
- 151. Edições Paulinas, São Paulo.

Um novo levantamento da bibliografia do cangaço no nordeste do Brasil deve considerar a classificação e avaliação dos títulos, na maior abrangência possível, com criteriosos comentários sobre a qualidade dos textos - uma bibliografia comentada do cangaço. Este desiderato tropeça em três importantes obstáculos:

- localização e coleta dos textos, editados nos mais diferentes lugares do Brasil e mesmo no Exterior;
- classificação dos trabalhos encontrados, segundo as boas normas da biblioteconomia e controle de documentos;
- avaliação do conteúdo dos textos, para a separação do que tem real valor e indicação dos assuntos abordados.

Nossa própria experiência comprova a validade e amplitude dos obstáculos assinalados. Durante anos temos enfrentado estas dificuldades e os resultados obtidos são modestos, face ao tamanho da bibliografia existente e à sua diversidade.

A simples localização e coleta dos títulos cangaceiros exige a disponibilidade de tempo e de dinheiro, ambos gastos em continuada troca de correspondência, viagens a áreas distantes e isoladas, consultas a bibliotecas públicas e privadas, aquisição de exemplares e cópias das obras encontradas, com trabalho persistente, mesmo porque o total a ser alcançado cresce com grande rapidez.

A classificação da literatura do cangaço precisa abrigar diferentes linhagens, forçosamente assim consideradas:

- obras as mais diversas, sem exclusiva abordagem do tema, mas que o incluem com maior ou menor interesse, normalmente livros que tratam de assuntos relacionados com a rebeldia rural na área das secas, da formação e desenvolvimento da sociedade sertaneja e da região nordeste no contexto nacional;
- livros que cuidam somente do fenômeno em estudo, abrangendo simples relatos de fatos até avançadas análises, já no campo da identificação de causas e efeitos mais comuns;
- artigos, reportagens e notas encontrados em jornais e revistas populares, muitas vezes de grande valia, relatando

acontecimentos recentes, contendo depoimentos de sobreviventes ou contemporâneos das lutas cangaceiras;

- folhetos da literatura de cordel, bem aceitos pelas populações sertanejas, normalmente vendidos nas feiras do interior e naquelas que os nordestinos realizam em centros urbanos de atração dos emigrantes, com destaques para as áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília;

- roteiros de filmes e novelas da televisão, de crescente aparecimento, atraindo gente de níveis culturais e artísticos diversificados;

- catálogos de exposições que tratam do cangaço, envolvendo aquelas de interesses geográfico e histórico, amostras dos pertences de cangaceiros, fotografias e mesmo obras de arte, tais como pinturas, esculturas e letras/partituras de músicas.

Na avaliação deste acervo, é preciso separar as obras de pura ficção daquelas que cuidam do cangaço com base na realidade, com a apresentação de comentários sobre a precisão dos relatos e interpretação dos acontecidos. Esta é tarefa que exige a participação de equipe culta e interdisciplinar, para que possamos indicar títulos de valor e aqueles que constituem verdadeiro lixo, de baixa qualidade, infelizmente muito comuns. Assim, poderemos prestar efetiva ajuda aos que pretendem conduzir novos estudos cangaceiros, por causa da dupla economia de tempo e de dinheiro, na procura das fontes bibliográficas.

Nesta altura dos nossos comentários, fazemos um apelo e vislumbramos projeto de amplitude compatível com a dimensão nacional da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço - vamos nos dedicar ao preparo de uma bibliografia comentada do cangaço nordestino, juntando recursos humanos e materiais disponíveis e procurando fontes internas e/ou externas de financiamento do projeto. Não vale a pena gastar a vida com missões de pequeno porte e mediócras, quando podemos buscar a concretização de obra perene, de realização coletiva, a ser continuada pelas gerações vindouras, pois o cangaço é tema permanente, que vence o passar do tempo.

A nossa formação profissional nos faz compreender que o

conhecimento existente, a respeito de qualquer assunto, é sempre incompleto e finito, refletindo aproximações sucessivas em busca da verdade absoluta, nunca alcançada. Isto impulsiona o saber humano e abre caminho para os novos que de nós se aproximam, hoje discípulos e futuros mestres.

Apesar da abundância da literatura cangaceira, muitos aspectos precisam ser pesquisados com mais profundidade, agora possível por causa do tempo decorrido ou pela proeminência assumida nos dias que vivemos, abaixo indicados:

- real interpretação da postura de autoridades constituídas, em relação ao cangaço, pelo exame atento de documentos guardados em arquivos públicos e leitura maçante de atos publicados em diários oficiais, paralelamente com a consulta a coleções de jornais de maior importância, na época da ação dos bandos cangaceiros;

- cuidadosa e profunda avaliação das relações entre o coronelismo e o cangaço, esclarecedoras do fato de coronéis sertanejos terem sido grandes coiteiros, negociando proteção, armas e munições, além de se beneficiarem de serviços prestados pelos bandoleiros;

- estudo das relações entre chefes cangaceiros e comandantes de volantes policiais, muitos destes corrompidos pelo dinheiro extorquido do povo sertanejo, vendendo armas e munições ou mesmo simulando lhes dar combate;

- encontrar nas lições deixadas pelos cangaceiros subsídios que nos ajudem a solucionar as questões agrárias que ora enfrentamos, em face da massa de sertanejos sem terra, permanência dos efeitos desastrosos das secas e ausência de efetivo programa para a reforma agrária - em suma, a propriedade e o uso da terra, principalmente em áreas beneficiadas com investimentos públicos, contribuição de toda a nação brasileira;

- possíveis relações de paralelismo entre as antigas lutas cangaceiras e as que sustentam a violência nas favelas e áreas periféricas de nossos grandes centros urbanos.

Com o paulatino desaparecimento de sobreviventes e contemporâneos do cangaço, a literatura pertinente vai encerrando

a fase do registro de depoimentos e da coleta de informações sobre fatos diversos, sem a devida articulação com o universo da rebeldia dos sertanejos. Agora precisamos realizar estudos de interpretação do fenômeno, com visão ampla, juntando aspectos interrelacionados e sacando conclusões gerais, tirando maior proveito em forma de benefícios para o povo. O tributo pago ao cangaço precisa de melhor avaliação, em nome do nosso próprio futuro.

No artigo de Eduardo Diatary Bezerra de Menezes, anteriormente referido, estão relacionadas questões disputadas, insuficientemente tratadas na literatura do cangaço nordestino:

- sua delimitação no tempo, cuidando da duração histórica e dos períodos cumpridos;

- sua localização no espaço, para que possamos saber as suas causas, afastando interpretações fantasiosas do fenômeno;

- sua natureza e funcionamento, envolvendo a definição do cangaço e os processos utilizados na sua manutenção;

- a tipologia do cangaço e de seus agentes, estabelecendo categorias justificadoras do ingresso de tantos sertanejos nas hostes cangaceiras.

Ainda no mesmo artigo, seu autor nos apresenta um esboço de classificação da literatura do cangaço, a saber:

- os primeiros estudos, "que inauguram a tradição letrada brasileira nesse campo";

- os estudos que enfatizam a análise das causas do cangaço;

- os estudos de inclinação marxista "ortodoxa", que tiveram em Rui Facó seu grande pioneiro;

- os estudos mais recentes e renovadores, compreendendo o seu modelo histórico-político e os estudos de natureza mais sociológica e histórica;

- os textos de memorialistas, cronistas, protagonistas e testemunhas do cangaço, sem qualquer preocupação analítica.

Recentemente, foi publicado importante artigo relacionado com o tema em discussão, abaixo indicado:

- WIESEBRON, Marianne L. - 1994 - Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo a nível nacional e internacional. R. da SBPH, Curitiba, (9): 45 - 61.

Neste artigo, a sua autora comenta trabalhos de um grande número de autores brasileiros e estrangeiros, referentes ao cangaço do nordeste do Brasil, apresentando um resumo do estado atual das pesquisas sobre o assunto, considerando fontes, métodos e interpretações, onde podemos destacar algumas das suas conclusões:

- que o cangaço nordestino não mostrou qualquer preocupação social, sem atentar para os problemas do povo sertanejo;

- que os estudos sobre o cangaço representam mais os interesses da elite rural nordestina, havendo necessidade de maior atenção para os sertanejos pobres das áreas de atuação dos bandos cangaceiros;

- que os sertanejos pobres raramente foram chefes bandoleiros, sendo os cangaceiros pouco generosos com as populações que foram atingidas por suas tropelias;

- que os sertanejos pobres não foram importantes coiteiros do cangaço nordestino, o que não aconteceu em relação aos coronéis do sertão.

Esperamos que os comentários aqui apresentados possibilitem forte discussão a respeito da bibliografia do cangaço nordestino, abrindo caminho e dando rumo a novos estudos sobre o assunto, pondo de lado detalhes de menor importância, na procura da visão holística do fenômeno que assolou a área das secas, domínio das caatingas.

[1] - Palestra pronunciada em Mossoró (Rio Grande do Norte - Brasil), no dia 07 de março de 1997, no campus da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço e da Fundação Vingt-un Rosado.

[2] - Professor titular (aposentado) da Universidade Federal do Ceará e sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço. Endereço para correspondência: Rua Baronesa de Poconé, 71/701 - Lagoa / 22471-270 Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

PADRE ÁGIO, O HOMEM QUE TOCA.

Prof. José Nilton de Figueirêdo *

Falar de Pe.Ágio Augusto Moreira é, ao mesmo tempo, uma missão bastante árdua e prazerosa. Árdua, em virtude da complexidade de sua vida, repleta de construção de obras e pessoas. Prazerosa, porque o material construtivo é formado da leveza do canto, da harmonia, da música, do equilíbrio, do saber, de palavras cujo sabor é simultaneamente agridoce pela sinceridade e responsabilidade com que são proferidas. Pe.Ágio é uma das raras criaturas que edificam a vida, conferindo-lhe forma e conteúdo.

Nasceu para imprimir junto aos homens a coragem de serem artistas, num mundo governado pela racionalidade do ter e do ser; de serem sábios, num mundo fragmentado pela especialização técnica; de serem cristãos, num mundo fragmentado pela especialização técnica; de serem cristãos, num mundo há muito debilitado pelas crises de valores éticos e morais. Pe.Ágio vive e reproduz entre nós o primado da ética humanista, aquela para quem a finalidade da vida é vivê-la como uma arte, com efeito, a mais importante, também a mais difícil e mais complexa arte praticada pelo homem, no dizer de Erich Fromm, pensador dos inquietantes anos 70.

Para ser esse homem de coração e mente aguçados e destinados a forjar a completude dos homens é que a gloriosa Assaré, mãe dadivosa, no dia 05 de fevereiro de 1918, abre seu ventre umedecido e nutrido pelas águas do inverno, tão ausente três anos antes, 1915, e num gesto de prodigalidade e generosidade, oferece, dá para o mundo cariense mais um grande filho, cujo destino seria o de contribuir para a sua grandeza e transformação.

Assaré, mãe dadivosa, mãe que no mesmo dia 05, só que de março, há precisamente nove anos antes, dera à luz aquele que viria a ser a nossa mais alta expressão humana no campo da poesia, como instrumento de luta dos excluídos da "grande transformação". Falo do gênio Patativa do Assaré. E aqui há de se exaltar o que a

natureza tem de sábia e benfazeja. Gera na mesma origem telúrica as duas formas de expressão artística que estão na base do arrebatamento espiritual do ser humano, a poesia e a música. Patativa e Padre Ágio, poeta e músico, dois parceiros, do alto de duas serras versejam e musicam permanentes concertos inspirados nos amores, nas cores e nas dores das gentes cariirenses.

A trajetória social de Pe.Ágio foi sempre marcado por grandes desafios. Aos 12 anos, menino ainda, portanto, é levado para S.Paulo pelas mãos de padres amigos da família. Da tépida e aconchegante Cariús, onde seu pai se estabelecera como farmacêutico, para a fria garoa paulista nos idos de 1930, vai o menino pobre estudar na Escola Apostólica do Divino Salvador, em Jundiáí, entidade dirigida pelos padres salvatorianos. Fica para trás o mundo encantado da pré-adolescência, tão carente da presença familiar, e se descortina a sua frente um fabuloso cenário, onde poderá desenvolver suas potencialidades especialmente no campo da vocação sacerdotal. Interrompe-se, naquele momento, o aprendizado informal da arte musical, que desde cedo lhe afeiçoara os ouvidos, através dos sons das bandas de música e de corais de igrejas regidos por seu pai e das cantigas de ninar saídas da bela e afinadíssima voz de sua mãe.

Mas, doravante, as letras e as línguas clássicas e neolatinas, mais o estudo do canto orfeônico, matérias básicas do ensino fundamental e médio dos antigos seminários, alimentarão seu espírito receptivo, durante seis longos anos. Em seguida, a mão da providência divina o conduz até o Seminário da Prainha, em Fortaleza, e o encaminha nos estudos superiores de filosofia e teologia.

Recebe a missão de pastor da Igreja das mãos do eminente D.Francisco de Assis Pires, em Crato, no dia 18 de dezembro de 1943. Começa aí uma peregrinação obsequiosa por várias paróquias do centro-sul cearense. É pastor em Missão Velha, Icó, Jardim, Lavras da Mangabeira, Iguatu, Caririçu, Farias Brito.

Em 1946, um fato surpreendente vem mostrar para Deus e para os homens a firmeza de sua vocação sacerdotal, quando a comunidade a que servia lhe impõe tomar uma decisão entre o apoio às lides efêmeras da política ou ao serviço permanente por natureza

do múnus sacerdotal.

Com firmeza e cabeça erguida não tergiversa em optar em favor deste último, quando, numa pregação contundente para uma disputada platéia de paroquianos, chama de inimigos seus àqueles que votarem em favor de seu velho pai para prefeito de Farias Brito. Assim procede, com o único objetivo de expurgar os corações de seus paroquianos contaminados pelas futricas e invejas dos donos do poder local que vêem no padre, cuja palavra é seu instrumento de luta, a possibilidade de influenciar na disputa pelo concorrido pleito municipal. A comunidade o entende e seu pai perde a eleição por 200 votos...

Mas Pe.Ágio não aprecia rememorar essa quadra turbulenta de sua vida. Seus olhos brilham, e seu semblante aflora em alegria e prazer, quando rebusca acontecimentos do passado que testemunham seu tirocinio para a formação integral, integrante e integradora da juventude, através principalmente das artes e, em particular, da arte musical.

Em 1948, é convidado pelo amigo Monsenhor Pedro Rocha para ensinar música e religião no Seminário São José. Aí ele aciona seu irmão, o Padre Davi Moreira, para ajudá-lo na formação básica e instrumental dos alunos, visando à criação de uma orquestra. Em 1950, inicia-se o penoso trabalho de construção da grande orquestra do Seminário, inaugurada em 1953, por ocasião do cinquentenário de sacerdócio de D.Francisco. Durante 13 anos sua orquestra irrompe o silêncio e quebra a monotonia da letárgica comunidade do Seminário, através da sinfonia musical, ecoada diariamente das entranhas do velho casarão.

É desse período o início de um grande sonho. O Seminário para ele se constitui num estratégico aprendizado a afim de posteriormente contribuir para a formação sócio-cultural das pessoas, numa relação mais comunitária e mais abrangente. Das janelas do imponente sodalício, ele se queda na direção do exuberante pé-de-serra e sonha em um dia estabelecer-se definitivamente nalgum lugar das faldas serranas.

Em providenciais férias pelas plagas de Jamacaru, ao

saborear os cantos dos trabalhadores das roças de café, algodão e arroz, o sonho de morar no meio rural e despertar a verve camponesa para o cultivo, também, de sua existência imaterial, através das diversas modalidades artísticas, sobretudo através da música, já se vislumbra tornar-se uma realidade. E eis que nos inícios do efervescentes anos 60, Pe.Ágio inicia sua subida para o Lameiro, quando se torna capelão da Igrejinha das irmãs de Santa Teresa de Jesus. Aí começa de fato o primeiro estágio para a concretização de seu sonho.

Mas como todo padre que ousa servir à causa divina fora das benesses e segurança dos mosteiros, teve que se instrumentalizar para sua ação secular. Assim é que, durante os anos 60, participa de cursos e seminários oferecidos na cidade, através da Faculdade de Filosofia de Crato. Ao concluir o curso de inglês, no antigo IBEU, inicia seu curso superior em letras neolatinas, concluindo em 1971, e, em seguida conclui, em 1974 o curso de licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, na Bahia. Era a real disposição para o ofício de mestre, no sentido mais pleno que esta palavra contém.

Por toda a década de 1960, organiza o embrião do grande projeto que hoje executa. Ali, naquela casinha apertada e desconfortável da Vila Santa Teresinha, conquista um grupo de jovens entre 11 e 13 anos para o aprendizado da música e da religião. Cria o quarteto Vila-Lobos, que se posiciona como uma alternativa musical na região, assolada, como de resto em todo o País, pela revolução musical dos Beatles e sua vertente nacional, a jovem guarda, com sua música chamada iê, iê, iê.

Enfim, no ano de 1973 adquire com recursos próprios, uma pequena chácara no povoado Belmonte, onde resolve instalar-se definitivamente com o objetivo de criar um pequeno núcleo de formação artística, de caráter informal. No entanto é encorajado pelo irmão Lupércio Augusto Moreira para criar uma sociedade sem fins lucrativos que dê suporte a uma escola de formação musical e artística mais ampla. Sua relutância é em vão. No mesmo ano inaugura a Sociedade Lírica do Belmonte, que mais tarde vem se revelar ser ela o seu "um sonho realizado". Mas ele bem o sabe o quanto aquela

instituição ainda realizará os sonhos de muitos meninos e meninas por gerações a fora. E como ele mesmo faz questão de dizer, o complexo escolar da Sociedade Lírca do Belmonte é uma construção social e, como tal, um patrimônio da comunidade cariense e da comunidade planetária. O seu sonho, padre mestre Ágio Augusto Moreira, é também a utopia que pervade os corações dos crentes na vida e na plenitude do homem.

Estamos, senhores, portanto, neste momento, atualizando um dos ritos mais relevantes do nosso padrão social, que é conferir a medalha de reconhecimento a todos os que se posicionam generosamente na teia das relações sociais. É um ato de reciprocidade que vincula a pessoa à sociedade, sempre que ela toca de forma positiva naquilo mais caro para a vida comunitária, a certeza da perpetuação de seus valores éticos e morais.

Pe. Ágio é o homem que toca.

* O prof. José Nilton de Figueiredo é da Urca e do Instituto Martins Filho, de Crato.

Crato, 14 de junho de 1997

NR: Palavras proferidas quando o ilustre sacerdote, Pe. Ágio Moreira, recebeu a Comenda Pe. Ibiapina, no Colégio Pequeno Príncipe, em grande solenidade - em Crato.

PIONEIRAS DA MEDICINA

Ilinah Soares

No momento em que, com mais ênfase, se ressalta a mulher nas reivindicações dos seus direitos, na participação em congressos que lhe dizem respeito, nas entusiastas associações femininas, quando a sua atuação se faz sentir em funções antes destinadas somente aos homens, enfim, quando já não há lugar para a assertiva de que é a mulher o "sexo frágil", cumpre-me, retroagindo no tempo, lembrar na área da medicina figuras de escol, dentre elas a primeira médica brasileira a colar grau em Faculdade de Medicina no Brasil. Trata-se da Dra. Rita Lobato Velho Lopes, nascida na cidade do Rio Grande (R.G.S) no dia nove de junho de 1866 e formada pela Faculdade de Medicina da Bahia no dia 10 de dezembro de 1887.

Uma polêmica surgiu, finalmente esclarecida pelo professor Alberto Silva, sobre quem recairia este privilégio, uma vez que, ao ingressarem pela primeira vez numa Faculdade de Medicina no Brasil, não só a Dra. Rita, outras duas jovens o fizeram: Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Antonieta César Dias, no ano de 1884, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo ambas gaúchas.

Pairava uma dúvida entre as dras. Rita e Ermelinda, o que ocasionou grande controvérsia. Daí a razão de ser das investigações de Alberto Silva, emérito professor, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia.

Incansável na sua pesquisa, minuciosamente, criteriosamente, o professor rebuscou papéis; manuscritos, teses, jornais, revistas, cartas etc, na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia e foi além, no exterior, buscando dados para o confronto com médicas sul-americanas a colar grau pela primeira vez em seus países de origem.

Da Secretaria da Faculdade de Biologia e Ciências Médicas da Universidade do Chile, obteve o documento sobre a primeira médica chilena, dra. Eloiza Dias Inzunza. Da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos Aires, veio a constatação de ser

a Dra. Cecília Grierson a primeira médica argentina e da Faculdade de Medicina de Montevideu a Dra. Paulina Luisi, a primeira médica uruguaia.

A conclusão chegada foi a de ser a primeira médica sul-americana a chilena Eloiza Dias Inzunza, que conseguiu o diploma doutorai a 29 de novembro de 1866 pela Faculdade de Biologia e Ciências Médicas de Santiago, seguida da nossa Dra. Rita Lobato no dia 10 de dezembro de 1887, como já foi dito anteriormente e da Dra. Cecília Grierson, em 1889. Indubitavelmente foi a Dra. Rita Lobato a segunda médica sul-americana e a primeira médica brasileira a se diplomar no Brasil, vido em seguida a Dra. Antonieta César Dias, em dezembro de 1889, ambas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A Dra. Rita, nascida no Rio Grande do Sul, mal terminou os preparatórios em companhia de seu pai, Francisco Lobato Lopes, se dirigiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola de Medicina. Coursou até o primeiro ano e depois de prestar os respectivos exames, plenamente aprovada, passou à Faculdade de Medicina da Bahia, onde, em três anos de estudos, teve a honra de conquistar o diploma almejado. Sua tese versou sobre a "operação cesareana" e foi aprovada com distinção no dia 24.11.1887. O "Diário da Bahia" Publicou com detalhes tal evento.

Tez alva, esguia, olhos azuis, cabelos castanhos, era assim a Dra. Rita. Primava pela postura elegante, pela seriedade, pelos gestos comedidos e sobretudo pela inteligência, o que a fez se impor aos mestres e colegas, tornando-se de logo respeitada por todos. Em sete de março de 1950, reconhecida verdadeiramente como a primeira médica brasileira a colar grau em uma faculdade de Medicina no Brasil, uma homenagem lhe foi prestada em Porto Alegre, com muita justiça.

Convém mencionar aqui, também, o nome da Dra. Maria Augusta Generoso Estrela, brasileira, carioca, que se antecedeu às demais médicas brasileiras, tendo, contudo, obtido o seu Diploma no New York Medical College, uma vez que, àquela época (1875), não havia permissão legal para o ingresso da mulher numa Faculdade

Nacional. Somente anos depois, com a reforma Leôncio de Carvalho, Decreto 7247 de 19.04.1879, veio a liberdade e o direito da mulher frequentar os cursos das faculdades e obter um título acadêmico.

Vale destacar um denominador comum entre estas mulheres: a vontade férrea, a decisão tomada, o denodo, o esforço na busca do seu ideal, ser médica, enfrentando com o destemor os preconceitos, os mais arraigados, na caminhada para alcançar a meta desejada.

Outras médicas, já na segunda metade do século XVIII, sofreram com muita intensidade estes preconceitos e se constituíram verdadeiras heroínas tais como a Dra. Dorotea Cristino Erleben, que, com assombro de toda a Europa, em 1754, se formou pela Escola Médica de Halle e a inglesa Stuart Barry, que teve de se vestir permanentemente de homem para estudar medicina e o conseguiu, alcançando o grau em Doutor pela Universidade de Edimburgo em 1812, com o nome de Dr. James Miranda Studart Barry. Somente após a sua morte, foi verificado, que ela era uma mulher. O médico militar inglês na realidade Thomas Longnore foi o único detentor, deste segredo.

Elizabeth Blackwell, também inglesa, posteriormente, nos Estados Unidos, após uma luta renhida, pertinaz, contra todas as adversidades, consegue o seu diploma em Medicina em 1849 no Geneva College, tornando-se a primeira mulher médica da América. São suas estas palavras: "Muito duro é viver fazendo frente ao antagonismo social de toda a classe, sem outro apoio senão um propósito elevado".

Não é de estranhar tais obstáculos à mulher que se dispunha a ser médica numa época em que (fim dos século XVIII) um Gobeck dizia "que as mulheres deveriam trabalhar nas roças e nas cozinhas para o que nasceram" e um Montannier que julgava "constituir grande sacrilégio obrigar as mulheres a serem médicas, por isso que perdia a sensibilidade e o pudor próprio do sexo, tornando-se indiferentes à vista de cousas horróveis, acostumando-se a não tremer diante de espetáculos sanguinolentos, encarando assim tudo o que corta os corações mais empedernidos".

Até o Kaiser Guilherme II, da Alemanha, ironizando, assim se expressou: "A mulher deve se ocupar exclusivamente dos três K que significam: Kuche - cozinha; Kirde - Igreja e Kender - filho."

Este o pensamento de todas as personalidades d'antanho, com uma ou outra exceção honrosa, na qual incluímos, em 1757 Echacher, que escandalizando, reconheceu "a capacidade da mulher em praticar com proveito e eficiência a arte de Hipócrates em todas as províncias".

Impossível se torna enumerar todas as valorosas mulheres pioneiras da Medicina, indispensável, porém, lembrá-las e enaltecê-las e nesta arrancada triunfal para o futuro dizer que não só a mulher médica, mas a mulher em si, na multiplicidade da sua missão, é verdadeiramente uma forte.

"Revista LITERÁRIA, da Secção Cearense da Sociedade Brasileira de Médicos escrires (- SOBRAMES - Fortaleza, edição de 1997).

HÁ 25 ANOS FALECIA J. DE FIGUEIREDO FILHO

O Instituto Cultural do Cariri celebra, no próximo mês de Agosto, os 25 anos da morte do seu inesquecível Presidente, J. de Figueiredo Filho. Foi figura imortal que o Crato e o Cariri jamais esqueceram, pelo somatório de bons serviços prestados à cultura regional. Foi, também, fundador da nossa Revista ITAYTERA.

J. de Figueiredo Filho (N. em 04.07.1904 - e M. em 29-08-73) pertenceu à Academia Cearense de Letras e a várias outras instituições culturais do país. No Crato existem com o seu nome uma Fundação Cultural, o Museu Histórico, uma Avenida no Lameiro e uma Cadeira no nosso ICC. Crato jamais olvidará seu grande filho.

ARARIPE NA HERLINDA!

SAUDAÇÃO PROFERIDA NA INAUGURAÇÃO
DO FORUM FRANCISCO HUGO ALENCAR FURTADO,
NA CIDADE DE ARARIPE, EM 10 DE JANEIRO DE 1997

Tadeu Alencar.

O que aqui me traz - mais que a sentida honra que me foi conferida por Sua Excelência, o Desembargador Hugo Alencar Furtado, para falar em nome das famílias dos homenageados - é a recorrente taquicardia da memória na busca das lições inflamadas dos antepassados.

Araripe sempre esteve envolta numa espiral de fumaça, na bruma enganosa das histórias de família, na atmosfera encantada das retretas de outrora, na violácea madrugada de avelós, frio seco, bacia de ágata, fogões de lenha inundando a vida de um cheiro espectral, delicioso, como sói acontecer com os cafés feitos da alquimia da terra natal. E terra natal não é só aquela em que se nasce, mas sobretudo aquela de onde se vem.

Conheci muitos lugares, perscrutei a vida inteira a serra do Horto - melancólica geografia -, os rios do vale do Salamanca, a floresta da Chapada do Araripe, onde o Cacique de mesmo nome selou a paz com o branco europeu, sob os auspícios do negro João Bueno.

Vadeei com os olhos o cão sem plumas do Capibaribe, negro cão, vi os oceanos, as lágrimas das mulheres, as cachoeiras, mas nada me causaria tanto espanto ao espírito quanto o líquido de leite das águas do Buracão e do Monte Belo.

Assim como nada me ficaria marcado a fogo na alma tanto quanto o pífano de Pedro Branco, esta cimitarra de diamantes, enlouquecida, comendo os meus ouvidos de menino, pasmado da tirania das tardes sem fim.

Por isso que Araripe tem a estatura da Sevilha de Cervantes, da Macondo de Garcia Marquez, da Calanda de Buñel, da Itabira

de Drumond, da Moscou de Tolstóy e Dostóievsky, da Valparaíso de Neruda, da Roma de Fellini e Mastroianni, da Frankfurt de Goethe, da Dublin de Joyce, da Lisboa de Saramago, da penitenciária adorada, o Recife de Bandeira.

Aqui, todas as cidades são incineradas e as cinzas lançadas de cima da cruz do monte, fazendo do Araripe a noiva de todos os lugares através da perpétua escravidão de seus filhos espalhados pelo mundo, conduzindo na liteira do tempo as medalhas dos nossos tetra-vós, Santo Antônio à frente.

Aqui, o primeiro e o último trem se enfrentam, na única ponte, esta, robusta, serena, sobre as águas das tradições libertárias, que constituem a nossa nobreza.

Aqui não reverenciamos aos príncipes: cultuamos a intrepidez dos belos olhos de D. Bárbara de Alencar, azuis como o firmamento, que há duzentos anos, de armas em punho e por excelsa delegação dos Padres do Seminário de Olinda e de Frei Caneca, naqueles que foram os maiores movimentos revolucionários e populares da história do Brasil - a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador -, desfaldou no Paço Municipal do Crato, em 03 de maio de 1817, a Bandeira Branca da República em corajosa e vibrante oposição ao jugo do Império Português, pelo que pagaria o preço - terrível - da vida de vários de seus filhos.

Mas as lições não foram debalde: aquela bandeira branca conquanto tenha sido imediatamente deposta - no Ceará o movimento durou uma semana - pelos prepostos da Monarquia, capitaneados por Pinto Madeira e Pereira Filgueiras - este tendo aderido tardiamente ao movimento de 1824 - continua a tremular voluptuosamente em nosso imaginário, como um lençol da virgem, protegendo-nos das tentações do caminho errático, herético mesmo, que nos levam a renegar a democracia, a desdenhar da liberdade, a sevicar a Justiça e a trair o nosso povo.

É dessa linhagem fremente que descende o filho ilustre da terra, Vicente Alencar Barbosa, que com muita honra para o lugar dá nome ao Salão do Júri deste Fórum, onde as pessoas do povo vão julgar os seus pares, auscultando seus íntimos desígnios.

Da heroína cearense herdou os olhos azuis, a coragem e o amor pelos humildes.

Juiz de paz na roça, árbitro das questiúnculas de sua gente, foi um pacificador de conflitos, um magistrado do povo.

Foi respeitado e temido. Quando necessário, desafiou a arrogância das milícias a serviço dos donos do poder. Quando necessário, desafiou o próprio poder ao se postar - invariavelmente - ao lado dos desabrigados da sorte.

Fez justiça com as próprias mãos. Sem nunca precisar usar as mãos, valendo-se, sempre, de prodigiosa inteligência e aquilina sensibilidade.

Era um sujeito alegre. Vejo-o cheio de vitalidade, de chapéu, camisas manga longa por fora da calça, desfiando o fumo de rolo, seu indefectível companheiro.

Dormimos várias noites no mesmo quarto. Eu, menino, antecipado o gosto que viria a ter pelos charutos...

Não poderia haver homenagem mais merecida.

Assim como é a homenagem que o Tribunal de Justiça do Ceará, por um de seus mais destacados membros, presta a Ranulfo Salatiel de Alencar, não por acaso, compadre e amigo de Vicente Barbosa.

Ranulfo Salatiel foi dessa espécie de homens raros cuja coragem pessoal credenciou-o como grande líder da época.

Irmão do lendário Cel. Pedro Silvino, grande amigo do Pe.Cícero, chamou a si a nobilíssima tarefa de defensor dos pobres, mister com que se houve com invulgar desenvoltura.

Chefe político, ex-Prefeito da cidade, foi responsável pela alternância de poder no espectro partidário de então, evitando as eternizações das lideranças, sempre tão danosas à democracia e à eficiência administrativa.

É também com solene honra que a cidade recebe o seu nome para a Sala da Defensoria Pública, neste Fórum.

Para a Secretaria do Fórum o nome de Raimundo Elesbão de Oliveira não é só uma justíssima homenagem: é um imperativo de consciência.

Tabelião secular por várias décadas não há quem não tenha, aposto em documentos pessoais e de família, a sua invulgar caligrafia, praticada com esmero, quase esculpida nos papéis do ofício.

Fecho os olhos e é como se visse à frente a certidão de casamento de meus pais com seu nome incrustado entre as mais remotas lembranças.

Alto, magro, elegante, envergando o terno branco de linho diagonal, foi um dos tribunos da cidade, de oratória candente, invejando as mais variadas assistências.

A sala de audiências recebe o nome do eminente Juiz Dr. Cândido Couto que sendo um dos primeiros juizes a officiar na Comarca de Araripe cristalizou a imagem do magistrado sereno, diligente, que se desincumbiu da espinhosa tarefa de julgar com espírito de retidão e justiça.

Soube ser próximo sem ser parcial, amigo sem ser partidário, soube aproximar-se da gente do lugar e dele ganhou a afeição e o respeito, materializados em boa hora.

Ao cartório eleitoral dá-se o nome de Miguel Alencar Furtado, este que a intolerância e a perseguição política afastaram da judicatura tanto mais pelos seus méritos e pela sua independência, exclusivamente por tais qualidades, eu diria.

Afastaram-no da magistratura mas não do magistério nas faculdades de Direito do Ceará, onde ministrou memoráveis aulas e cujo exemplo de altanaria e coragem foi objeto de larga repercussão na imprensa de todo o país, prestando-se, assim, a paradigma para as novas gerações.

Fazer com que o seu nome titule o cartório eleitoral de sua terra, mais que uma homenagem, é um desagravo, sempre devido aos grandes homens, pela sonolência da história.

A sala da Promotoria de Justiça merece do povo de Araripe uma dupla homenagem.

Primeiro, uma homenagem à instituição do Ministério Público que na defesa dos interesses individuais, coletivos e difusos da sociedade e como fiscal da lei tem desempenhado a magnânima função de tornar efetivas as franquias constitucionais,

não raro, vilipendiadas, seja pelo Poder Público ou, mais amiúde, pelos particulares.

Na pessoa da Dra. Rosely Alencar que exerceu com singular brilho o cargo de Promotora de Justiça nesta Comarca, embora integre atualmente, e com louvor, o Poder Judiciário Federal do Trabalho, no cargo de Juíza, a cidade de Araripe e a Egrégia Corte de Justiça do Estado prestam uma distinta homenagem ao Ministério Público e à brava mulher cearense.

Este Forum também não poderia faltar aos advogados, essenciais à aplicação da Justiça consoante reconhece a Magna Carta da República.

Seja em períodos de normalidade democrática ou nos longos espasmos do arbítrio são os advogados que perseguem a integridade do patrimônio jurídico dos indivíduos e da sociedade, pelo que têm sempre um papel destacado no aperfeiçoamento das instituições, na redução das iniquidades, no exercício dos direitos mais elementares que, via de regra, jazem inertes na fria lápide das leis.

O mais cidadão dos ordenamentos torna-se uma orquestra sem maestro sem a batuta revificadora do advogado.

Justíssima, pois, a homenagem ao Dr. Ioni Pereira, nobre representante da classe, que goza da elevada estima de seus conterrâneos.

Chegamos, afinal, ao frontispício desta Casa de Justiça.

Ali, ora em diante, afixaremos o nome do Desembargador Francisco Hugo Alencar Furtado, que muito honra seus ilustres pares no Pretório Cearense.

Magistrado exemplar obteve muito cedo o respeito e a admiração tanto dos seus jurisdicionados como dos colegas de magistratura.

São memoráveis várias passagens de sua carreira como Juiz eleitoral, quando as paixões políticas cegam a sobriedade dos homens e atentam gravemente contra a lei.

Em todas as oportunidades a serenidade, a fala mansa, o modo cortês jamais foram confundidos com ausência de autoridade: delicadeza de métodos e firmeza na ação, a clássica lição dos sábios.

Invariavelmente, a arrogância e a prepotência dos grupos em disputa cederam vez ao reconhecimento da imparcialidade, sendo de justiça e equilíbrio deste que engrandece, qual a palmeira real, qualquer jardim, aliás, bem de ver, sempre conquistado com o exclusivo suor do rosto e do coração.

Merecida, digna de aplauso e mais que uma homenagem a Sua Excelência, um tributo ao valoroso povo desta terra na pessoa de um dos seus mais diletos e conspícuos filhos.

Neste momento de emoção lembro, por acaso, das farinhadas, das groselhas, das grades de Expedita, do café amargo e forte tão ao gosto do Governador Miguel Arraes - filho da terra cuja vida pública prescinde de embaraçosos adjetivos - , da oratória arrebatadora do ex-deputado Alencar Furtado que enfrentou com o verbo as baionetas e foi sacrificado pela democracia, lembro do café de Vina, da morte estúpida de Bazin, da estranheza de Pitia - que a vilania do destino achou de arrancá-la, em tão imprudente hora, de nosso convívio e para quem ora estendemos as nossas preces - , lembro ainda da lhaneza dos Alminos, da inteligência de Antônio Nunes, das minhas muito queridas vós, Almina e Mariquinha, Manoel Vieira, Maria Almina, Assis de Rosa...

Meu Deus, como é abençoada esta terra!

Se olharmos a rua agora estarão passando todos na calçada, semblante alegre, olhos sonhadores, confiantes no futuro, enquanto um vento frio cortante assobiará aqui no pescoço e, por instantes, a via láctea se cobrirá de rosas, o sol envergará seu mais ardente vermelho e a eternidade nos tocará de leve, delicadamente, com assombrosa aproximação.

EM VOLTA DE JUVENAL GALENO

Prof. Onacélio Barbosa Santos.

Estávamos no ano de 1976, com 13 anos de idade, cursando a 5ª série do 1º grau no Colégio Marista Champagnat Vídeo Informática, que foi fundado no dia 06 de junho de 1917 pelos irmãos maristas do Colégio Marista Cearense.

O colégio supra citado fica na rua General Sampaio, 1510 naquela época residia com minha família onde nasci no sítiozinho Boatan de nossa propriedade localizado no distrito de Antônio Bezerra, sendo assim não tinha muito contato com o Centro da cidade de Fortaleza, a não ser em ocasiões de compromissos e passeios em áreas de lazer com meu pai e meus irmãos.

Foi na mesma rua General Sampaio, 1128, que descobri a Casa Juvenal Galeno fundada no dia 27 de setembro de 1919 pela dra. Henriqueta Galeno, a 1ª mulher Cearense a se formar em Direito na nossa Faculdade e assim fundando esta entidade com o nome de Salão Juvenal Galeno para perpetuar o renome de seu pai, o maior poeta popular do Brasil.

Naquele longínquo ano de 1976, a família Azevedo comemorou na casa de Juvenal Galeno os 80 anos do poeta Otacílio de Azevedo que em 26 de fevereiro de 1996 fez centenário de nascimento. O saudoso escritor memorialista Júlio Costa Ribeiro lança seu livro de estréia "VÍTIMAS DA POLÍTICA" com prefácio de Ciro Colares e crítica literária de Abidias Lima e saudação da inesquecível Cândida Galeno, então diretora da Casa.

Cândida Galeno, nossa saudosa Nenzinha, lança seu livro de trovas "TROVADORES CEARENSES", volume I o que recebi de suas mãos um exemplar com esta carinhosa dedicatória "Para Onacélio Barbosa Santos uma lembrança amiga de Cândida Galeno".

Já em 1979, o escritor memorialista Júlio Ribeiro lança seu 2º livro "A MISCELÂNEA DISTINTA" prefaciado pelo dr. Vicente Eduardo Souza e Silva saudação também de Cândida Galeno.

Conheci Cândida Galeno na intimidade com os meus 17 anos de idade quando me aproximava novamente da Casa de Juvenal Galeno, convidado pelo acadêmico da Faculdade de Direito, hoje o notável advogado FRANCISCO NUNES LOPES para se fazer parte do Clube dos Poetas Cearenses e da Academia de Letras dos novos do Ceará ali fundado por Carneiro Portela em 1969, e composto de jovens cheios de ideais literários como Márcio Catunda, Kleber Carneiro, Stênio Freitas, Ivonildo Oliveira, Mário Nogueira, Mário Gomes, Nemésio Silva Filho, Evangê Costa, Alaércio Flor, Diogo Fontinelle, Adriano Roberto do Vale, Barros Alves, Costa Sena e Jacinto Monteiro.

Logo nos tornamos íntimos. Quando solicitávamos sua presença ela nos prestigiava fazendo-se comparecer a nossas sessões sem se levar em conta que estavam ali reunidos poetas principiantes ou a rotineira intelectualidade Cearense.

Sua contribuição por a cultura não pode deixar de ser reconhecida pelos novos valores da poesia desta terra.

Ainda na adolescência em 1981, aos 18 anos, ingressei, a seu convite, na União Brasileira de Trovadores onde fui saudado pelo trovador e presidente da seção de Fortaleza o Escritor Fernando Cancio Araújo, onde recitei uma trova em homenagem a Cândida Galeno como preito de reconhecimento.

Em 1985, instala-se na Casa de Juvenal Galeno e Academia de Letras Municipais do Brasil sob a presidência de Cândida Galeno inscrevi-me com os meus 23 anos na recém instalada Academia de Letras como Acadêmico municipalista com a reserva do município do Mulungu, no Maciço de Baturité, terra de meus ancestrais maternos os Goes Ferreiras de Mulungu, os Barbosa Cordeiro de Baturité. Escolhi como patrono deste município o meu avô materno o Escriturário da Machine Cottons Francisco Ferreira Barbosa, o popular Chico Barbosa, um dos Fundadores do nobre bairro da Aldeota, sendo seu centenário de nascimento comemorado solenemente no período de 24 de Setembro de 1997 a 24 de Setembro de 1998. Toma posse em 1987 como Acadêmico municipalista o meu estimado e inesquecível amigo e meu considerado 2º pai o dr. Hausmann Cunha com apresentação de sua monografia de Uruburetama cuja saudação

me foi concedida e sessão presidida por Cândida Galeno empossando-o na cadeira nº 48 cujo patrono é seu fiel amigo o Poeta Soares Bulcão, pai da atriz cinematográfica Florinda Bulcão porém o centenário do Acadêmico dr.Haussmann Cunha será festivamente comemorado no período de 17 de julho de 1999.

Depois vem a enfermidade de minha amiga. Logo após seu falecimento ocorrido no fádico dia 22 de julho de 1989, assumiu a presidência o vice-presidente, o saudoso Secretário de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, nosso queridíssimo amigo, dr. Joarivar Macedo que renunciou e transmitiu a presidência para a secretária geral, a escritora Alaide Souza Lima, recentemente falecida. No 30º dia do transe de Cândida Galeno, prestei minha homenagem Post-mortem na sessão póstuma com a reivindicação de seu nome para a presidência de honra daquela academia de letras como preito de reconhecimento a quem faz jus às tributa das homenagens. Recebi por tal iniciativa da nova secretária geral, a Escritora Sílvia Maia, o seu livro "Risos e Lágrimas no Meu Caminho" com esta agradável dedicatória "Ao professor Onacélio Barbosa Santos, o abraço sincero de Sílvia Maia na Casa de Juvenal Galeno."

Os 70 anos da Casa de Juvenal Galeno foram comemorados como a noite das Violas, com diversos Cantadores da Terra e a distribuição em dinheiro aos 2 premiados, e o 3º premiado como coleção da obra completa de Juvenal Galeno, mas a principal comemoração foi a conferência da minha estimada amiga a historiadora DOLORES AQUINO que desde os 10 anos de idade frequenta as sessões literárias daquela casa de cultura, que ressaltou os 70 anos da atuação da Casa de Juvenal Galeno na vida sócio-cultural de Fortaleza.

Nos 71 anos da Casa de Juvenal Galeno foi reinaugurada a biblioteca Mozart Monteiro com recital de poesias da escritora NILZA RUARU, residente em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, sua terra natal. Nas comemorações dos 72 anos foi reinstalada a galeria de Fotos de personalidades que prestaram grandes benefícios àquele sodalício de Arte e Cultura com a posição do pôster fotográfico do meu ilustre amigo o dr.Antenor Gomes de Barros Leal.

No dia 27 de setembro de 1992, quando se comemorou os 73 anos de sua Fundação, foi indicado a posição do pôster fotográfico da dedicada historiadora DOLORES AQUINO com uma das grandes beneméritas da nobre entidade Cultural. Houve recitais de poesias, roda de trovas.

Como prova da grande atuação sócio-cultural da Casa de Juvenal Galeno, destacando-se como uma entidade composta de intelectuais da nossa terra com os seus saraus literários e artísticos, sua ala feminina comemorou os 74 anos de sua fundação no dia 26 de setembro de 1993 com o lançamento do IV volume de seu livro "MULHERES DO BRASIL" de autoria dos 16 novos sócios da ala com a honrosa presença do padre João Linhares de Lima (musicista, compositor, folclorista, arranjador, regente de côm, instrumentista, recitalista, trovador e cantador).

Recebi da Escritora amiga Maria Orides Sales Freitas a sinceridade destas palavras "Onacélio Barbosa Santos na ressurgência da grandeza de Margarida Sabóia de Carvalho, que deixou no cenário cultural cearense, seu exemplo maior de escritora, recebe carinhosamente o meu abraço na Casa de Juvenal Galeno. Sua amiga Maria Orides Sales de Freitas". Seguindo-se as carinhosas palavras de sua filha a historiadora amiga DOLORES AQUINO "Ao amigo Onacélio Barbosa Santos, com o meu carinhoso abraço na Casa de Juvenal Galeno". Sendo ela a 2ª ocupante da Cadeira nº 12 anteriormente ocupada por Cândida Galeno (Nenzinha) cuja patrona é sua avó Maria do Carmo Galeno a musa de Juvenal Galeno.

Naquela noite de festa e alegria a escritora e colega de jornalismo da extinta FOLHA DO CEARÁ, a colunista social Sílvia Maia, casada com meu colega de jornalismo da Associação Cearense de Jornalistas do Interior (ACEJI), o jornalista e radialista Aldenor Maia, diz em sua dedicatória "Alegria e felicidade é o que desejo ao colega Onacélio Barbosa Santos na Casa de Juvenal Galeno". A presidente da ala Neide Freire cumprimentou-me assim "professor Onacélio Barbosa Santos com os meus cumprimentos de Neide Freire na Casa de Juvenal Galeno".

Enquanto a escritora Giselda Medeiros, em nome da ala

feminina, agradeceu o meu comparecimento àquela noite memorável "Ao professor Onacélio Barbosa Santos, os agradecimentos destas "mulheres do Brasil", abraços de Giselda Medeiros na Casa de Juvenal Galeno".

A estimada amiga escritora Marlene Bastos disse: "Ao professor Onacélio Barbosa Santos com a estima de Marlene Bastos na Casa de Juvenal Galeno". No mesmo ritmo de estimas a saudosa escritora Inês Kaula se posiciona "Ao professor Onacélio Barbosa Santos com a estima de Inês Kaula na Casa de Juvenal Galeno". Sendo todos nós filmados por seu filho Eugênio para futuras lembranças daquele evento.

O diretor da Casa Juvenal Galeno é o dr. Alberto Galeno, neto de Juvenal Galeno e irmão de Nenzinha, disse: "Estamos sempre promovendo eventos culturais por aqui, mas não há interesse em divulgá-los" reclama aos nossos Meios de Comunicação.

Reúnem-se na Casa de Juvenal Galeno diversas entidades literárias e é o palco para lançamentos de livros de diversos escritores. Funciona ali a Academia Cearense de Língua Portuguesa, Academia de Letras Jurídicas, Academia Cearense de Retórica, Academia Brasileira de História, Academia de Letras Municipais do Brasil (ALMB) "ambas secções do Ceará", o Instituto Lusíadas, Instituto dos Advogados, Associação Cearense de Folclore, Associação de Cantadores do Nordeste do Brasil, Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil (AJEBE), União dos Repórteres Fotográficos, com mostras de fotojornalismo; União Brasileira de Trovadores (UBT) secção de Fortaleza, Centro de Estudos Pitagóricos Lissis, Comissão Cearense de Folclore, Clube dos Poetas Cearenses (CLUPCE), Cooperativa de Cultura do Estado do Ceará (COPCULTURA), Centro Cultural dos Cordelistas do Ceará, o Teatro Experimental Cearense de Ópera, a Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia, Sociedade Cearense de Geografia e História.

No final de cada ano, reúnem-se todos para conjuntamente com os jornalistas e radialistas do Sindicato dos Correspondentes de Jornais e Emissoras de Rádio e Televisão (SINCOR) comemoramos o Natal dos Poetas.

As academias de letras reúnem-se naquele sodalício cultural pelo menos uma vez por mês, a Noite das Violas acontece na última segunda-feira do mês; a sessão da União Brasileira de Trovadores (UBT), no primeiro sábado de cada mês, às 10:00h, a Ala Feminina faz sua sessão literária no segundo domingo de cada mês, também às 10h.

Os cordelistas às 16 horas, duas vezes. A Academia Cearense de Retórica, na terceira quinta-feira de cada mês, às 16h.

Havendo também palestras, conferências, seminários, simpósios sobre diversos temas.

Existindo ainda as sessões festivas da União Brasileira de Trovadores com a entrega de troféus, medalhas e diplomas aos vencedores dos Jogos Florais de Fortaleza.

A Ceia de Arte e Literatura, no terceiro sábado de cada mês, às 10h.

Na atual gestão, foi feita a posição do pôster fotográfico da saudosa escritora Conceição Souza na galeria de personalidades com discurso comovente de nossa amiga e historiadora DOLORES AQUINO, na biblioteca Mozart Monteiro foi feita a posição do pôster fotográfico de Juvenal Galeno, aos 92 de idade, ditando a sua última produção literária ao lado da mulher Maria do Carmo Galeno, sua filha e secretária, dra. Henriqueta Galeno, com palavras da bibliotecária Ana Cristina Azevedo Ursolino.

Na semana de 26 a 30 de setembro de 1994 transcurso dos 75 anos de fundação da Casa de Juvenal Galeno, esta instituição das mais conhecidas no Brasil como sodalício cultural do Ceará pelos primorosos trabalhos realizados ao longo de sua preciosa existência, comemorou festivamente a data com a inauguração de uma mini-feira de livros, discos e cordéis dos frequentadores e amigos da Casa de Juvenal Galeno, tendo início a tradicional Noite de Violas com a participação de várias duplas de violeiros. Números musicais a cargo do pianista Geraldo Mariano. Segue-se a palestra do conhecido homem de letras: dr. José Ribeiro de Matos, enfocando o surgimento do Salão Juvenal Galeno, depois Casa de Juvenal Galeno, apresentação a cargo da beletista Neide Freire, presidente da ala feminina da Casa de Juvenal Galeno do livro "OS 40 DA CASA DO

BARÃO" de Rubens de Azevedo; declamação de Glyce Sales; apresentação do livro "O GRANDE ALMIRANTE" de Jandira Carvalho, pela beletista Giselda Medeiros; Espetáculo de humor na verve de Atahide; declamação de Maria Alcina Cunha Moura; homenagem da Casa de Juvenal Galeno ao historiador Geraldo Nobre, então, presidente do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará o qual foi saudado pelo jornalista Meton Maia e Silva; Patativa do Assaré, palestra do ensaísta Jesus Rocha, abordando a obra do famoso poeta popular. Seguiram-se vários números de canto e do humor.

Ao final de cada noitada foram servidos comidas e bebidas típicas do Ceará.

Mas no dia 27 de setembro de 1995 os 76 anos foram devidamente comemorados com uma programação festiva à altura do elevado prestígio da venerada instituição sócio-cultural desde o lançamento do livro "LEGENDA" do poeta Piauiense Herculano Moraes da Academia Piauiense de Letras e Academia de Letras do Vale do Longá. A noite de autógrafos foi no auditório da Casa de Juvenal Galeno, sendo a mesa diretora composta pelo seu diretor o escritor Alberto Galeno. Após anunciar a abertura, passou a palavra ao saudoso escritor Geraldo Fontinelle da Academia Cearense de Letras e compondo a mesa também o desembargador Jorge de Souza, o presidente da OAB-CE dr. Cândido Albuquerque, o deputado estadual e poeta Barros Pinho também da Academia Cearense de Letras e o cônsul da França Gerard Boris.

Recentemente comemoramos no dia 27 de setembro e 1996 os 77 anos de Fundação da Casa de Juvenal Galeno e os 160 anos de nascimento do maior poeta popular que o Brasil nos deu, Juvenal Galeno. A abertura do diretor o escritor Alberto Ganelo, depois a palestra do ex-Senador Cid Carvalho da Academia Cearense de Letras, a inauguração da mini-biblioteca César Coelho, quando analisou a personalidade do homenageado Post-Mortem, o lançamento do livro de trovas "LUA CHEIA" de César Coelho que recebi da viúva do mesmo esta agradável dedicatória "Ao professor Onacélio Barbosa Santos, as trovas contidas neste livro representam o sentimento de trovador César Coelho e carinhosamente Heleusa nesta Casa de

Juvenal Galeno" e o mesmo espírito na dedicatória do seu filho Paulo Coelho" ao poeta e professor Onacélio Barbosa Santos que este livro permita-o mergulhar nas trovas delicadas de meu pai, Paulo Coelho nesta Casa de Juvenal Galeno".

Canto do maestro Alvarus Moreno presidente do Teatro Experimental Cearense de Opera, distribuição de diplomas aos sócios honorários, sócios beneméritos da Casa de Juvenal Galeno, proclamação dos vencedores do 1º Concurso de poesias Juvenal Galeno, seguida da distribuição dos prêmios e outorga da medalha Juvenal Galeno, medalha Henriqueta Galeno, e medalha Cândida Galeno a nossa Nenzinha. A aposição dos pôsteres fotográficos do trovador César Coelho In memoriam como também do poeta caboclo Carneiro Portela do presidente da Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza Cláudio Pereira e do General Oscar Pedreira de Araújo.

Neste 27 de Setembro de 1997 nos 78 desta gloriosa Casa de Cultura será feita aposição do pôster fotográfico da historiadora militar DOLORES AQUINO o pôster fotográfico da solenidade de posse na Academia de Letras Municipais do Brasil (ALMB), seção do Ceará, do saudoso acadêmico Municipalista dr. Haussman Cunha, sendo empossado pela então presidente da mesma Cândida Galeno (Nenzinha), então Diretora da Casa de Juvenal Galeno, na cadeira nº 48, tendo como patrono o poeta de Uruburetama Soares Bulcão, cuja saudação foi feita pela minha pessoa, solenidade realizada na Casa de Juvenal Galeno. Foi erguida a galeria das personalidades da Casa de Juvenal Galeno com discursos e números de recitais de poesias, cantos líricos e roda de trovas, seguindo-se a distribuição de sucos de frutas naturais e comidas típicas.

Prof. Onacélio Barbosa Santos
(Ex-aluno Marista do Colégio
Champagnat Vídeo Informática)

O CENTENÁRIO DE CÂMARA CASCUDO

Francisco de Vasconcellos

O próximo ano da graça de 1998 será altamente significativo para aquelas que potiguares ou não, nordestinos ou sulistas, brasileiros enfim, se consagram ao estudo da obra e da personalidade de Luis da Câmara Cascudo, sem dúvida dos maiores polígrafos das Américas, folclorólogo imbatível e extraordinária figura humana.

A 30 de dezembro do corrente, quando Cascudo faria 99 anos, começará a contagem regressiva para a grande festa que terá como ponto central a cidade do Natal e como palco o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que tem feito vitoriosas carreira graças aos ingentes esforços e à comunicabilidade de seu Presidente o Dr. Enelio Lima Petrovich.

Mestre Cascudo costumava dizer que nascera no mesmo ano do Capitão Virgolino Ferreira, o Lampião, que também receberá retumbantes homenagens em seu torrão de origem, no alto sertão pernambucano.

Luis da Câmara Cascudo é patrimônio da cultura potiguar e disparado o homem que mais escreveu sobre as coisas de sua terra, sobre os homens que ajudaram a construir aquele pedaço de Nordeste, sobre a história da velha capitania defendida pelo forte dos Reis Magos, que aliás completa quatrocentos anos de existência em 1998.

No ano em que na Ribeira natalense nascia o autor do Dicionário do Folclore Brasileiro, obra talvez única no mundo, no seu gênero, morria o poeta catarinense Cruz e Sousa e chegava ao fim a guerra entre espanhóis e norteamericanos por causa da independência de Cuba.

E naquele 1898, o mundo luziada comemorava os quatrocentos anos da grande façanha de Vasco da Gama, que dobrara o Cabo da Boa Esperança a 18 de novembro de 1897 e que depois de passar por Moçambique, Mombaça e Melinde, chegara à

Calicut, a 20 de maio de 1898, dando por descoberto o caminho marítimo para a Índia. Década de ouro aquela, que começara com Colombo em 1492 e encerrara com Cabral, em 1500, provocando uma radical mudança da rota na história da humanidade.

Penso mesmo que seria mais válido fixar o marco zero da Idade Moderna, no ano de 1492 e não no de 1453, quando se deu a tomada de Constantinopla pelos turcos, embora este fato, pelo estrangulamento que provocou na economia europeia, tenha provocado o grande ciclo das navegações, desafogadoras.

Enfim, Mestre Cascudo, nasceu quando o caso Dreyfus abalava a opinião pública francesa e quando Elisabeth da Áustria era assassinada na pacata Genebra, por um anarquista italiano, prenúncio de Sarajevo, onde dezesseis anos depois começaria a Primeira Guerra Mundial.

Tantas aproximações e correlações se incorporam à personalidade de Luis da Câmara Cascudo, intelectual absolutamente desfronteirizado, que nunca se deixou circunscrever pelos limites de sua província de origem e que sempre se dizendo provinciano incurável, pelo amor que devotava à sua terra, jamais perdeu a sintonia com o mundo, porque desde cedo entendeu que a cultura é universal, com cheiros, sabores, formas regionais.

Rebento da excepcional geração de noventa do século passado, que deu Silvio Julio, Sobral Pinto, Renato Almeida, Oswaldo Aranha, Joaquim Ribeiro, Pixinguinha, Mario de Andrade, Magdalena Tagliaferro, Guiomar Novaes, Portinari e tantos outros, foi Cascudo historiador de sua cidade e de seu Estado; foi genealogista e heraldista; foi professor e humanista; foi etno-sociólogo e folclorólogo; foi jornalista e escritor com mais de cem livros publicados.

Sage e savant, como diriam os franceses, terá por certo as homenagens dos que tiveram a felicidade de conhecê-lo pessoalmente e dos que cultivam a sua obra, na grande data do seu primeiro centenário de nascimento.

(Luis da Câmara Cascudo - Natal, 30 de dezembro de 1898/
Natal 30 de julho de 1986).

O CASAMENTO DA NETA DE CHICO PRETO

Gregório Linneu Luna Callou

Nos idos de mil novecentos e sessenta, em junho, época de férias, todos partimos ansiosos para o local do casamento, que se realizaria em plena "Chapada do Araripe" a umas oito léguas a dentro; na fazenda que se chama Betânia. O carro seguia pela péssima estrada levava ao Caldas, grotões, poeiras e solavancos, até tomar a estrada da serra que é plana, somente com alguns acidentes comuns, assim como o "Catabí" de João Francisco.

É bom narrar os nomes dos viajantes, que nada tinham de importância, vez que nenhum era maior, e que iam felizes, porque a viagem era com o consentimento dos pais, mas vou dizer que todos eram primos de sangue e muito amigos. Logo após o catabí de João Francisco, viajamos uma hora e chegamos a Betânia, o local das núpcias.

O ambiente se encontrava festivo e o espocar de fogos ouvimos de longe. Descemos e fomos saudados alegremente por todos que lá estavam.

O avô da noiva, vaqueiro velho octogenário, cabeça branca e já aposentado pela idade, nos recebeu à porta da casa grande. A tarde era festiva e pronunciava uma grande festa. Chico Preto, como se chamava ele, era homem habilidoso e de conversa engraçada, muito simples, já viúvo, de grande amor a Deus, e grande chefe de uma numerosa família.

Pronunciava-se grande festa, não pela importância da família, mas pela animação, fartura de comida, danças, atos religiosos, fogos, zabumbas, sanfonas, bons cantadores e pelo número de convidados. Eles não eram ricos em dinheiro, mas de grande fartura. Eram abastados, criavam muitos porcos, galinhas, perus possuíam uma miunça de carneiros e cabras e uma moita de gado. Eram matutos, ao extremo, ignoravam as letras e viviam assim como uma tribo de índios, desertos das cidades e de meios de comunicação e muitos já

rapazes, não conheciam nada acerca da civilização moderna. Era uma tarde de terça-feira a nossa chegada e as bodas se daria na quarta.

A mãe da noiva mandou um portador, dizendo que a janta não era boa mas que tinha muita comida. Marciano, Pedro, Giovane, Lineu e Everardo, eram os principais convidados, vez que Giovane era filho e os outros sobrinhos do dono da Betânia. A comida de Sebastiana, criada velha, solteirona, mulher de quatro décadas, porém muito conservada, já exalava um cheiro gostoso pelo ar. Foi ai que Lineu falou. Não podemos deixar de comparecer ao jantar na casa da noiva! Alexandrino pode ficar sentido. Everardo e Giovane também preferiram mas Marciano e Pedro ficaram meio tristonhos, talvez por que as panelas fossem de barro. O certo é que lá pelas cinco e quinze, chegamos a casa de Alexandrino, que era perto da casa grande. Uma mesa posta na sala principal nos aguardava. Eu que narro esta prosa, sou um dos sobrinhos e muito me aprouve ao ver tantas iguarias saborosas, comida sertaneja, típica de festa no sertão.

O molho pardo me trouxe um grande apetite e fui o primeiro a sentar-me à mesa, depois de ter conclamado todos a se sentarem e que a comida não poderia ser melhor.

Foi uma greve que fizemos aos buchos secos e começamos a travar uma batalha contra as secreções glandulares, que emanavam em nossos estômagos, isto porque a comida cheirava mais que as melhores omeletes feitos em Paris e Áustria. Findo o jantar Dona Maria, mãe da noiva veio conversar, perguntando se a comida estava boa, todos elogiamos muito suas iguarias. Foi então que Everardo perguntou, quem era o noivo e de onde provinha. D.Maria muito satisfeita começou a narrativa sobre o futuro genro. E foi nestes termos que começou a principiar sua história; ele é um rapaz de família boa de Caririzinho, Pernambuco; tem duas presas de ouro, um relógio de pulso, um cordão de ouro, um chapéu de massa e um burro bem aparelhado. Tem uma irmã de nome Suzana, casada e conhece até São Paulo, é um rapaz de muitas qualidades.

Nós ouvintes, ficamos curiosos com aquela narrativa da mãe e comentamos em segredos os ditames dela. Após servido o melhor

café que tomei até hoje, fomos nos sentar em frente a casa, nuns bancos de madeirame, compridos e sem encosto. Nesse ínterim Marciano travou conversa com Chico Preto e o indagou acerca do noivo. Quer dizer seu Chico que o noivo possui duas presas de ouro, um relógio, de pulso um cordão de ouro e um chapéu de massa? Que tem ainda um burro aparelhado; é um rapaz de muitos conhecimentos, é verdade mesmo seu Chico?

Agora foi a vez do avô da noiva narrar seus ditames, acerca do futuro neto. E principiou: não estou muito satisfeito, o noivo tem os braços finos e não dá para trabalhar no cabo da enxada; não creio nele; aqueles braços só dá mesmo é para jogar Sinuca e andar de sincreta e terminou dizendo quem vai sustentar a pobre Joana?

A palavra foi tomada por Giovane que fez ver a seu Chico que aquilo não tinha grande importância e que Sebastião o noivo, poderia arranjar emprego em outros plagas distarte, seu Chico voltou a conversar feliz já que a esta altura da noite o zabumba divulgava suas canções pelo ar, assim como os cantadores, violeiros, pifeiros, e a um intervalo regular, os fogos anunciavam festas em Betânia.

Graciosas moças encantavam o ambiente, algumas loiras de olhos azuis, outras mais escuras, uma gama de moçoilas saltitantes e alegres enfeitavam aquela noite acinzentada vez que a lua era um pequena laivo no céu e o seu clarão era quase nada já era final de lua minguante. A noite estava muito fria e soprava uma brisa fresca baixando a temperatura a dez graus. Fomos dormir e quando acordamos, um bom copo mugido nos refez as forças, conversamos toda manhã até que veio o almoço. Durante o almoço Alexandrino, pai da noiva, falou-nos que enquanto os noivos casavam em Barbalha, haveria uma procissão, da Betânia até a fazenda de Zeca de São e que a noite depois da janta haveria a entronização do Santo e depois um samba.

Almoçamos bem, assim como a janta do dia anterior e ficamos a esperar a procissão. Eles matutos, encabulados, não quiseram passar por onde estávamos. Saíram pelos fundos da casa em silêncio e se reuniram no bosque onde deram início ao séquito.

Então Pedro perguntou: o que houve que não

passaram por onde estamos? Soubemos depois que estavam com vergonha de passar por nós. E seguiu a procissão cantando "avé, avé, avé Maria com o acompanhamento dos zabumbas e pífaros, que tocavam: Mulher casada que anda sozinha é andorinha é andorinha. Isto tudo foi motivo de muito riso de nossa parte ao ver tamanho contraste.

Já quando o sol acabava de se esconder os noivos chegaram e Chico Preto chamou todos para a janta. Como havia muita gente para jantar a maioria dos pratos eram de barro. João Tertuliano, homem musculoso de voz alta muitíssimo engraçado, era quem fazia os pratos e distribuía aos convidados, dizendo depois de chamar pelo nome o convidado, certas lorotas engraçadas. E principiou o jantar dizendo: Zé do Crato, tu hoje não é do Crato, filho de égua, tu hoje é da Barbalha, entregando o prato a Zé do Crato. Pedro Boi tu vais comer peru gordo. Zé farinha, hoje tu comes farinha entregando o prato cheio de carne de farofa.

E assim seguiu João Tertuliano nesta brincadeira fui informado que distribuíram mais de cem pratos que se fossem distribuídos para homem de cidade daria mais de duzentos, porque os pratos como já falei eram de barro e comportavam muita comida. As oito horas iniciou-se a entronização; muita gente, a sala repleta, o zabumba tocando dentro de casa, enquanto os cânticos ecoavam a meia légua de distância.

Demorei-me um pouco fora e quando já ia entrar para o local dos cânticos, deparei-me com Marciano, que saía com um lenço no nariz, meio trôpego e quase correndo. Que é isso Marciano? O que está acontecendo lá dentro? Então Marciano me disse não entre não, Lineu. Por quê? perguntei...É bufa pura respondeu Marciano. Ri-me do jeito engraçado dele e ficamos fora sentados nos bancos de madeirame sem encosto a conversar. Everardo falou, este povo vai comer demais...

Terminada a entronização todos aguardavam o samba. Seu Chico, na qualidade de avô e pai, chefe daquela numerosa família, resolveu acabar com a festa dançante dizendo: não vou mandar ninguém ir embora ela é do meu sangue e dou por findo a festa.

Fiquei deveras admirado porque tudo estava pronto para o samba. A latada coberta de palha de palmeira o chão batido e bem aguado e enfeitado com flores, tudo muito bonito.

A palavra de Seu Chico era respeitada e foi como ele falou, não houve festa dançante. Dos sobrinhos do tio Costa dono da fazenda fui eu quem ficou triste. Estava interessado numa morena de olhos de azeviche recheada e bem composta, era uma moça formosa e de dentadura perfeita. Entretanto depois de pensar na dureza de seu Chico, achei até bom não haver samba, porque podiam reparar minha conduta e não ficaria bem.

Fomos dormir comentando a festa. Depois do café da manhã, nos despedimos de todos e viajamos de volta. Comentamos sobre o catabí de João Francisco, cidadão honrado de Barbalha, homem de bom coração e amigo de todos. Certa feita vindo ele de Jeepe em procura do sertão de Pernambuco, com uns sessenta quilômetros se deparou com a levada do barreiro de Pedro Sampaio e o catabí foi tão grande que sua cabeça perfurou a capota do Jeep que não era nada novo. Ele ficou preso e o jeep foi de encontro a um pequizeiro fora da estrada. Não houve sequer ferimentos graves neste acidente, e este lugar ficou congominado Catabí de João Francisco.

Logo chegamos a Barbalha, saudosos daqueles dias de festa, os quais perduraram em nossa memórias. Assim se finda a história do casamento da neta de Chico Preto.

Barbalha-Ce, Outubro de 1981

SALVE BARBALHA SESQUICENTENÁRIA!

Napoleão Tavares Neves

Nesta data Barbalha comemora festivamente o seu sesquicentenário de autonomia política: 17 de Agosto de 1846-17 de Agosto de 1996!

O decreto de autonomia política foi assinado pelo presidente do Ceará, de então, Inácio Correia de Vasconcelos. São 150 anos de história política, de lutas e de vitórias na direção do futuro como verdadeiro "celeiro de riquezas e de homens"!

Esta é uma marca que, no Cariri, somente duas cidades já conseguiram atingir: Crato, de 1762(1), portanto, há 234 anos, sendo 84 anos mais velho do que Barbalha e Jardim, de 1814 portanto, há 182 anos, sendo 32 anos mais velho do que Barbalha. Portanto, Barbalha já é uma terra madura, adulta, de opulenta história, de cultura estratificada, sociedade sedimentada e invejável tradição. Barbalha não é uma aventura ou um sonho, porque é uma realidade que brilha no sul do Ceará, mas precisamente no Cariri, do qual, inegavelmente, é o coração. São 269 anos de Geografia, desde 1727.

Politicamente, Barbalha nasceu do Crato e canonicamente, nasceu de Missão Velha que, por sua vez, é sua filha política, com 18 anos de diferença de idade política. Incrível este emaranhado de paternidade sócio-político-religioso no Cariri! São José dos Cariris Novos ou Missão Velha, nasceu canonicamente do Icó há 248 anos passados, portanto, em 1748, sendo a freguesia mãe de todo o Cariri.

Quando, nas últimas décadas do século 17, os colonizadores baianos e sergipanos chegaram ao Cariri, aqui dominavam os índios Cariris, da nação Tapuia, que foram totalmente destruídos pelo homem branco invasor, num verdadeiro genocídio.

Dos seus primitivos habitantes o Sul do Ceará herdou o nome, Cariri, e o chapadão de arenito que abraça o vale em um amplexo carinhoso de mãe dádívosa, ficou com o nome do velho cacique, Araripe.

A Chapada do Araripe, em 748 mil hectares e 307 fontes de águas límpidas e perenes, faz do Cariri um Oásis no semi-árido nordestino.

Barbalha tem cerca de 40 destas fontes que, poéticas e bucólicas, cascadeiam nos seus paradisíacos pés de serra. Esta é, sem dúvidas, uma riqueza inestimável de Barbalha, "Terra dos canaviais", "cidade sorriso" que os seus primitivos habitantes indígenas chamavam de Cetama, que significa minha terra. Tudo isto nos aponta um promissor futuro para Barbalha.

Barbalha, hoje é adulta, mas já foi menina, brincando nas barrancas do seu poético baixio do Salamanca, pelas mãos do seu fundador, o sergipano Francisco Magalhães Barreto e Sá ou Sá Barreto, segundo querem alguns historiadores.

Estas colinas onduladas, primitivamente pertenceram a João Mendes Lobato e a seu genro, Inácio de Figueiredo Adorno.

Posteriormente, passaram para Antônio de Souza Goulart, bisavô materno da heroína republicana, Bárbara Pereira de Alencar, que aqui residiu por volta de 1792, aqui dando à luz a duas das maiores personalidades políticas do Ceará e do Nordeste, para não dizer do Brasil:

Diacono José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o Tiradentes do Nordeste. Barbalha nasceu à sombra da cruz de Cristo, tendo Santo Antônio como oráculo desde 1790, quando foi inaugurada a sua primitiva capelinha, há 206 anos, precisamente. O fundador de BARBALHA, Francisco Magalhães Barreto e Sá, era descendente do terceiro governador geral do Brasil, Mem de Sá e parente do grande governador de Pernambuco, Agamenom Magalhães e do atual deputado Roberto Magalhães, tendo aqui chegado por volta de 1735, portanto, 55 anos antes de inaugurar a sua capelinha. Tudo faz crer que Antônio Pinto de Sá Barreto foi o primeiro prefeito de Barbalha, porque até então os intendentess os gestores municipais.

Meus senhores e minhas senhoras!

Tudo isto significa dizer que Barbalha nasceu em berço de tradição política e histórica, ao sopé majestoso da colossal Chapada

do Araripe que o poeta chamou, com muita propriedade, de "RAINHA DAS CHAPADAS DO NORDESTE".

Inicialmente, por aqui chegou a chamada "Civilização do couro" com os currais de gado empurrando para as fronteiras do Inhamuns o domínio indígena, e interessante, sem a Casa Da Torre, de Garcia D`Avila!

Posteriormente, descobriu-se a vocação agrícola deste ubertoso vale e já em 1718, para uns e 1738, para outros, Antônio de Souza Goulart cultivava cana de açúcar nos três primeiros sítios de Barbalha: "Salamanca", "Brito" e "Lama", com as engenhocas de madeira acordando as madrugadas nevoentas do vale com o seu rangido monótono, mas adocicado. São já, pois, 278 anos de tradição canaveira, significando em números, 150 mil cargas de rapadura ano, até 1976, quando o advento da Usina Manoel Costa Filho redirecionou a nossa economia, em parte, para o açúcar, com previsão de 800 a mil gramas que já sonham com os tabletes de 20 ou 25 gramas tipo exportação.

Senhores empresários da rapadura reciclada: estejam em casa e façam de conta que a Chapada do Araripe, que circunda o nosso vale, é a romântica Chapada dos Veadeiros do rico Goiás de onde vieram.

Meus Senhores e minhas senhoras!

Nos nossos primórdios, no topo da colina, a 100 metros de onde estamos, olhando o vale coberto de mata virgem, havia uma hospedaria dirigida por uma senhora chamada Barbalha que deu o seu nome ao sítio da Barbalha onde veio residir Francisco Magalhães Barreto e Sá cujo engenho de rapadura ficava onde hoje é a praça Engenheiro Dória, segundo pesquisa do nosso historiador maior, Antônio Marchet Callou, de quem sou aprendiz de história regional, com muita honra para mim, porque Marchet Callou é sempre uma lição de vida e de amor a esta terra doce como a rapadura dos seus engenhos que a caracterizam como a capital mundial da rapadura! Assim, do sítio o nome passou para a cidade que nasceu do sítio de braços dados com a capelinha primitiva. Dona Barbalha dava hospedagem aos comboeiros ou almocreves que vinham do sertão

central do Ceará para os sertões pernambucanos das margens do rio São Francisco e vice versa, plantando, assim, a semente da reconhecida hospitalidade barbalhense, oferecendo aos seus ocasionais hóspedes clima bom, água farta e boa e pasto sempre verde para os seus animais que transportavam o progresso em suas cargas. A este tempo, o nosso Riacho do Ouro era perene, como perenes eram os dois riachos que ladeiam o Baixio do Salamanca: Riachos Salamanca e São Francisco. Assim, pelo visto, até parece que o paraíso era aqui!

Habituada desde o berço a olhar para cima, para a cruz da sua capelinha, Barbalha nasceu e cresceu sempre olhando para a frente e para o alto, sob o olhar de Deus! E é assim que Barbalha caminha na direção do porvir! Sedimentada no tempo, Barbalha tem raízes profundamente fixadas na consciência cívica desta Nação! Barbalha é comarca há 124 anos, desde 1872! É freguesia há 156 anos, desde 1840! É Câmara Municipal desde 1847, há 149 anos, com Raimundo José Camelo, ou Camilo, para uns, como primeiro presidente do seu poder legislativo.

Já o seu primeiro pároco foi o Pe. Pedro José de Castro e Silva que catalogou nos livros paroquiais todos os sítios da sua freguesia. Decididamente, Barbalha sempre teve vocação para a grandeza, pensando sempre alto, fixando o infinito que é Deus!

Já em 1889, Barbalha tinha a sua academia de letras através do pujante e tradicional Gabinete de Leitura, forja de oradores, literatos e lideranças. Hoje o Gabinete de Leitura é canteiro de colégios!

No início deste século, mais precisamente, em 1904, Barbalha teve a ousadia de importar do Rio de Janeiro um pesado prelo com o qual montou a mais bem organizada empresa jornalística do interior do Nordeste, editando o jornal "Correio do Cariri", dirigido por três ases do jornalismo interiorano, capazes de fazerem figura até nos grandes centros jornalísticos, do país: Dr. Soriano de Albuquerque, magistrado e educador, professor José Joaquim Teles Marrocos, abolicionista, poliglota e panfletista político e o rábula, José Bernardino de Carvalho Leite, advogado, jurista e jornalista. Infelizmente, este prelo foi confiscado pela chamada Sedição de Juazeiro, de 1914, que saqueou Barbalha deixando-a de pires na mão, com suas principais

lideranças banidas daqui! Tiveram que fugir, às pressas, entre outros, José de Sá Barreto Sampaio, exilado em Salgueiro e Mendo de Sá Barreto Sampaio, exilado em Recife, onde veio a ser genitor de ex-governador pernambucano, Dr. Cid Feijó Sampaio e dos ex-deputados, Drs. Alde e Lael Feijó Sampaio. Só com muito esforço das suas forças vivas, Barbalha, qual nova Fénix, pôde ressuscitar das cinzas daquela inacreditável e desnecessária hecatombe política-revolucionária, filha do radicalismo e da ignorância!

Nos primeiros anos deste século, Barbalha já se preocupava com a instrução, oferecendo a sua juventude um educandário modelar e organizado: o "Colégio Leão XIII", com corpo docente de fazer inveja e de alto gabarito, dirigido pela mesma tríade do seu jornal já falada acima.

A conferência de São Vicente de Paulo, de Barbalha, foi a oitava fundada em todo o Ceará, há cento e treze anos, desde 1883, embora Barbalha diste do litoral quase 600 km!

No início deste século, mais precisamente em 1917, Barbalha atendeu ao pedido do presidente Venceslau Brás e fundou a sua Liga Barbalhense Contra o Analfabetismo, a única que ainda sobrevive das 200 ligas fundadas em todo Brasil! Nela, José de Sá Barreto Sampaio, "Zuca Sampaio", antecipou-se ao Método Paulo Freire de quase meio século, alfabetizando e dando ao alfabetizando uma consciência religiosa, porque, gratuitamente, catequizava alfabetizando e alfabetizava catequizando por puro idealismo, à luz de candeeiros, escrevendo com Manuel Peixoto de Alencar, "Né Peixoto", e com José Bernardino de Carvalho Leite e muitos outros, uma das mais belas páginas educacionais do Ceará! Civismo é isto! Nela, durante mais de meio século, foi sua figura mor o espírito público de Antônio Costa Sampaio, um plantador de colégios, um impenitente semeador de auroras nos espíritos, nas mentes e nos corações! E fez tudo isto sem a mínima idéia de remuneração e tão somente pelo bem distribuído gratuitamente, protótipo do espírito público e lançador em Barbalha, da semente do trabalho comunitário que tão bem floresceu entre nós!

Meus amigos e amigas!

Por incrível que possa parecer, 72 anos antes do marechal Deodoro da Fonseca proclamar a República do Brasil no Rio de Janeiro, o jovem diácono barbalhense, José Martiniano de Alencar, com apenas 23 anos de idade, proclamou a república no Crato, no dia 03 de maio de 1817! A efêmera república dos Alencares só durou oito dias, mas foi um belo sonho de liberdade e de democracia, com raízes embebidas na independência dos Estados Unidos e nos ideais libertários da Revolução Francesa, já muito bem absorvidos pelo Cariri, naquela remota época! E o barbalhense José Martiniano de Alencar, no desdobrar dos tempos, chegou a presidir ao Congresso Nacional, eleito pelo Ceará e por Minas Gerais, tendo sido também o autor de uma grande obra humana: seu primogênito, José Martiniano de Alencar Filho, o popular José de Alencar, do romance "Iracema", criador da Literatura Indianista no Brasil que, assim, era neto de Barbalha! Por sua vez, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, barbalhense, foi o primeiro presidente do Ceará da fracassada "Confederação do Equador", qualificada pela História como "A mais inútil, mas a mais bela Revolução Brasileira"! Foi, certamente, um belo sonho de liberdade e democracia, quando democracia e liberdade não passavam de uma utopia na cabeça quase alienada dos patriotas e idealistas! Por tudo isto, não vacilo em afirmar que, Barbalha, através dos tempos, sempre foi "celeiro de riquezas e de homens"! E para os que vêm de Goiás é bom dizer que era barbalhense o primeiro pediatra da jovem capital Goiânia, o Doutor Valdemiro Cruz, nascido nas barrancas do nosso Salamanca. Até se o Cariri quiser redirecionar a sua economia para a fruticultura irrigada, como prega o Pacto de Cooperação do Cariri, Barbalha é o lugar mais indicado para esta experiência pioneira, celeiro agrícola que sempre foi.

E assim, vem vindo na crista dos tempos sempre mostrando que é "celeiro de riquezas e de homens", vez por outra sendo exemplo e dando exemplo, apontando caminhos para todo Cariri, mostrando valores humanos que são autênticos píncaros na paisagem social, humana e política do Ceará! Por exemplo, do seio do seu povo, como Barbalha pode esquecer João Guida, mestre Souza, Antônio Belo e mestre Pedro, símbolos vivos do nosso trabalho?!

Por exemplo, na medicina Barbalha leniu a dor do Cariri e dos sertões limítrofes, através da esplêndida figura humana e médica do Dr. Leão Sampaio, um médico superior a seu tempo, e que valeu por toda uma geração, secundado pelas magníficas figuras dos Drs. Antônio Lírio Callou, Pio de Sá Barreto Sampaio e João Filgueiras Teles. Costumo chamar Leão Sampaio de "São Francisco de Bata", pela beleza vicentina da sua caridade, por sua competência profissional, operando glaucomas e cataratas no seu consultório em Barbalha, desde 1923, muito antes do advento da era hospitalar e do surgimento dos antibióticos e sulfas.

Muito bem expressou a sua grandeza, o irrequieto Padre Antônio Vieira quando telegrafou a Barbalha no dia da sua morte: "Não choremos o morto; oremos ao Santo", disse Padre Vieira, na expressividade de uma lacônica frase que diz toda grandeza de uma grande vida, toda ela voltada para o bem do próximo, verdadeiro fac-símile de Hipócrates, o pai da Medicina! Esses notáveis médicos transformaram Barbalha em polo de atração médica regional e até interestadual que hoje os seus dois grandes hospitais sustentam com galhardia, atraindo clientes de 92 municípios de todo nordeste, inclusive do sul do Piauí e do norte da Bahia, segundo estatística que levantei no Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, "uma casa de amor"!

Meus senhores e minhas senhoras!

No campo da instrução, basta dizer que é barbalhense o emérito reitor Prof. Antônio Martins Filho, o homem que fundou quatro universidades no Ceará: A Universidade Federal, a UECE, a UVA, e a nossa URCA, Universidade Regional do Cariri! E o Prof. Antônio Martins Filho, com 92 anos, está plenamente lúcido e atuante, escrevendo as suas memórias, dirigindo coleções editoriais e ainda esta semana dele recebi dois atenciosos telefonemas e vários livros da "Coleção Alagadiço Novo" que tem resgatado tantas obras de vulto da literatura cearense! Homem notável é o Prof. Antônio Martins Filho, da mesma dimensão de um Barbosa Lima Sobrinho, de um Heráclito Sobral Pinto, de Alceu Amoroso Lima, de Austragésilo de Athayde ou de um Antônio Marchet Callou, para não sair deste auditório, sem esquecer esta

reserva do Crato, Dr. Raimundo de Oliveira Borges.

Plantada no passado, corporificada no presente, Barbalha terá, com certeza, um belo futuro e para tanto procura combater o seu principal problema: o desemprego, estando seriamente empenhada em atrair novos investimentos para cá, fomentando o nascimento de novas empresas, em consonância com a política de novos investimentos implantada pelo governador Tasso Ribeiro Jereissati, um referencial da caminhada administrativa do Ceará, com o fim do nepotismo político no Estado, tendo como forte auxiliar o secretário Raimundo Viana.

Neste particular, louve-se o esforço do prefeito João Hilário, verdadeiro caçador de empresas para Barbalha, alicerçado no seu extraordinário poder de comunicação interpessoal. Como é tônica em todo mundo, o governo do Ceará procura a todo custo encurtar as dimensões do estado na administração e aumentar o raio de ação da iniciativa privada, objetivando uma melhoria nos serviços públicos, com mais eficiência e disponibilidade.

Até Barbalha e especialmente Barbalha, paga hoje um pesado tributo ao empreguismo, apesar de haver sido há pouco tempo Prefeitura -Modelo-Escola, no curto e modelar mandato de 72 a 76.

Meus senhores e minhas senhoras!

Eis, em rápidas e panorâmicas pinceladas, o retrato três por quatro da Barbalha sesquicentenária. Efetivamente, não se pode, sob nenhuma hipótese, duvidar do futuro de uma comunidade madura que, entre outras coisas, mesmo plantado no interior do nordeste, foi capaz de:

Fazer açúcar cristal e álcool carburante das suas canas!

Fazer cimento do seu calcáreo!

Fazer ladrilho cerâmico do seu burro!

Fazer soro fisiológico e glicosado das suas águas finas!

Fazer novos líderes da sua juventude, através de bons colégios que mostraram o caminho da sua libertação pela instrução!

A uma comunidade assim, a uma gente assim, a História, Mestra da Vida, tem que tirar o chapéu, em uma profunda reverência de respeito, admiração e aplausos, em bases de credibilidade,

confiança e esperança, apesar dos pesares.

Meus senhores e minhas senhoras!

Barbalha caminha e luta Com as Armas da Luz, conforme os sábios dizeres do seu brasão!

Em 1943, Barbalha venceu a estagnação econômica com o seu Centro de Melhoramentos, que alavancou a arrancada inicial do seu progresso, antecipando-se de meio século ao Pacto de Cooperação do Cariri, como Fórum de debates dos problemas regionais.

Acreditamos que o caminho da sua redenção econômica é por aí, com tecnologia e conhecimento científico, sem as costumeiras improvisações sem continuidade que não levam a nada!

Assim pensando, agindo assim, Barbalha vai ultrapassando o seu Sesquicentenário, sempre cantando com a poetisa Alacoque Sampaio, a Cora Coralina barbalhense:

Canta Barbalha, os que passaram fazendo o Bem,
Canta Barbalha, os que tombaram como heróis,
Canta Barbalha, os que brilharam quais lindos sóis,
Canta Barbalha, essa saudade que a gente tem!
Salve Barbalha Sesquicentenária!

Barbalha, 17/08/96.

(Saudação oficial a Barbalha Sesquicentenária, na sessão solene comemorativa do Dia do Município, às 20h, no Salão Paroquial, por convite do prefeito).

(1) Engano do autor, Crato foi criado em 21.06.1764.

MEDITAÇÃO

Raimundo de Oliveira Borges.

A alma humana é insondável. Quem pensa que conhece alguém, a fundo, engana-se.

Há sempre nos refolhos da alma um ponto indevassável que o próprio ser que a envolve o ignora.

Não creio na infalibilidade das sentenças que os psicólogos proferem como verdades indiscutíveis, ou definitivas.

Não raro tem sido o fracasso dos psiquiatras que firmam diagnósticos como erros imperdoáveis.

O espírito, na sua essência ou na sua impenetrabilidade, inacessível de todo à propalada sabedoria humana, paira além da ciência. Esta continua, no tocante, a tatear em hipóteses, que são apenas antecipações de uma conclusão que nunca se realizará, na terra...

Entendo, por isto (e não afasto a idéia de estar em erro), que o homem, cujas tentativas de decifrar o INCOGNOSCÍVEL datam, improficuamente, de milênios, devia satisfazer-se com as incríveis conquistas materiais, tecnológicas, já atingidas, ou ao seu alcance, deixando de lado a vã ansiedade de explicar fenômenos que a sua inteligência, por aguda que seja, nunca solucionará.

Essa impossibilidade decorre ou emana, a meu ver, da própria Providência Divina, cujos mistérios caso fossem desvendados pelo homem, deixariam de manter no Mundo o equilíbrio que só a Fé vem assegurando.

A esperança de vir a conquistar aquilo que não se conhece é que dá à criatura o sentido heróico de viver. Heróico na genuína acepção do termo, ou seja de enfrentar com galhardia as dificuldades todas da existência.

No dia em que o homem chegasse a conhecer, totalmente, DEUS, ou os mistérios eternos, ELE assumiria as proporções de um líder qualquer histórico, desses que comandam os povos, em determinados

períodos, e passam sem deixar senão a fama da sua sabedoria - se foi um SALOMÃO - de sua bravura se foi um NAPOLEÃO - de sua barbaridade se foi um HITLER. Não seria um DEUS, porque se ofuscaria entre as individualidades que nascem, crescem, se ilustram, se engrandecem, marcam épocas, mas desaparecem na voragem dos tempos, deixando quando muito o rasto de sua passagem luminosa ou sombria na memória das gerações...

Ninguém, que se foi, materialmente, jamais voltou espiritualmente, para descrever a viagem e as maravilhas do país sidéreo da sua nova morada.

Isso de devassar mundos visíveis, ou os elementos existenciais passíveis de descoberta constitui, sem dúvida, um dos grandes feitos da inteligência e denota a sublimidade do engenho humano, mas, para lá do horizonte perceptível tudo permanecerá desconhecido, graças a DEUS, para que o homem não perca a alegria de viver, bendizendo este Mundo passageiro, na esperança do Outro, que não passa...

A PARAPSICOLOGIA assim se define:

"Estudo dos fenômenos que transcendem as fronteiras da PSICOLOGIA chamada ortodoxa" (Dic.AULETE).

Para quer dizer além.

A PSICOLOGIA, por sua vez, que é?

"A ciência que estuda a alma, o psiquismo, o espírito humano com um conjunto de idéias e sentimentos" (Dic.AULETE).

Logo, se a PARAPSICOLOGIA vai além da PSICOLOGIA, ocupa-se das idéias e dos sentimentos do homem, deveria explicar a origem, a fonte determinante dessa transcendentalidade, mas não o faz, limita-se a demonstrar apenas a força que o espírito possui, sem a indicação do foco de onde ela se irradiou. Não demonstra, admite. Nada de axiomas. Hipóteses.

Indubitavelmente, a PARAPSICOLOGIA merece aplausos por manter no homem esse afã de partir das idéias comuns para as do além e ressaltar o poder do além sobre a criatura pensante, os prodígios a que o poder cognoscível da inteligência pode ascender.

E assim, a grande, a ininterrupta tentativa deve continuar,

porque a busca da verdade é insaciável. E serve para alimentar o halo de esperança num Mundo melhor, a suprema aspiração do gênero humano.

Mas o mistério continua. E deve continuar.

Se não houvesse mistério não haveria Fé - o caminho sem curvas que nos leva ao conhecimento da verdade definitiva...

Afinal, para o fecho destas despretensiosas considerações não encontraria melhor chave que esta lapidar lição de ALCEU AMOROSO LIMA:

“Se a nossa vida de cada dia já é um mistério, que diremos da vida eterna? O mistério está na raiz, no tronco, na flor, no fruto de todas as coisas. A própria raiz da palavra - mist - que em inglês, como se sabe, significa neblina, nos fornece a chave dessa palavra síntese, em que toda a realidade cósmica e a-cósmica se contém. As origens são sempre nebulosas, como nos lembra TAILLHARD DE CHARDIN. Os fins também o são. Nas próprias Escrituras judeu-cristãs, onde se cogita, acima de tudo, da finalidade de todas as coisas, Deus aparece sempre cercado de nuvens. Tanto no alto do Sinai, ao se mostrar a Moisés, como na Ascensão do Cristo, segundo Lucas.

A verdade está sempre no âmago, das pessoas e das coisas, e não nas suas aparências”. (In TUDO É MISTÉRIO - Prólogo, pág.9).

Batuque da Luanda

Crato, Dezembro de 1996.

Fr. Agatangelo do Crato (Ambrósio Bezerra Lobo)

Macerata, 22 de Fevereiro de 1996.

No dia 22 de fevereiro de 1996, às 6,50 da manhã, em nossa enfermaria provincial de Macerata, volta para o Pai o pe. Agatangelo de Crato, vítima de câncer na próstata. A terrível enfermidade o levava rapidamente à morte, em meio de enormes sofrimentos suportados com paciência cristã.

BIOGRAFIA

Pe. Agatangelo nasceu em Crato (Ceará-Brasil) aos 31 de maio de 1928. Ainda adolescente, aos treze anos entrou no seminário de Esplanada, onde completou o 1º grau escolar, começou o 2º e entrou no noviciado em 1947. Depois do noviciado completou o 2º grau e começou a teologia em Alagoinhas. Em seguida, em 1953, transferiu-se para Loreto onde completou a teologia e foi ordenado padre em 1954. Voltou à Província da Bahia-Sergipe em 1956, após ter passado uma temporada na Inglaterra para aprender a língua inglesa.

Na província foi engajado em múltiplas tarefas, sendo a principal o ensino nos seminários de Alagoinhas e Feira de Santana. Muito entendido da língua portuguesa, ele ensinava com exemplar competência e foi de valiosa ajuda ao pe. Vittorino Regni para redigir a história dos Missionários Capuchinhos na Bahia, que foi editada em dois volumes com o título de "Os Capuchinhos na Bahia", em 1988.

Em Feira de Santana foi diretor da Rádio Sociedade, emissora radiofônica com bastante influência no estado da Bahia, e eficaz instrumento de evangelização. Foi diretor entre 1968 e 1980, juntando de maneira brilhante cultura, formação e verdade cristã. Alegre, suas saídas de humorismo lhe serviram de alívio em suas penas diárias. Até hoje o povo pergunta por ele. Utilizou dessa emissora também

em prol de obras sociais a favor dos pobres.

Em 1983, por dificuldades inesperadas e talvez por valorização diferente acerca das mudanças havidas na comunidade religiosa, ao fim de uma breve temporada no Maranhão, pediu para voltar à "Província Mãe", como ele chamava de Macerata, à qual sentia-se ligado e agradecido, tanto que nela foi oficialmente integrado. Assim veio para Loreto, onde na oração, no estudo, no serviço das confissões, passou seus últimos treze anos de vida.

PERFIL DE PE.AGATANGELO

Padre Agatangelo sempre pareceu muito empenhado em seus deveres, bastante solitário, esquivo, um pouco severo, zeloso de seu tempo, que não perdeu inutilmente, sempre dedicado ao estudo e à oração. Para bem compreendê-lo é mister lembrar que foi um "cearense", isto é, um nordestino do Ceará, povo muito religioso, com fortes tendências místicas, acostumado ao sofrimento e às necessidades que brotam da natureza dessa região, castigada por um clima excessivamente seco. Essa situação constrói gente forte, que emprega todas as suas forças nas dificuldades e se adapta a tudo, mesmo com profundo sofrimento do espírito. Isso explica muitos acontecimentos de sua vida, não fácil em entregar os pontos, explica também a seriedade de seu temperamento, o seu trabalho constante sem nunca ceder a fugas.

Como religioso ele foi capuchinho convicto, apaixonado pelo ideal franciscano, firme em sua vocação até a morte. Amava o estudo, (tinha de fato uma vasta cultura), a oração e o ministério da reconciliação e da direção espiritual, especialmente em Loreto. Amante da solidão, pouco participava na conversação dos confrades, nem por isso lhes faltava de atenção e de boa vontade prestava serviço quando lhe pediam.

Mas com o povo era aberto e solícito. Assim atraiu muito por meio da direção espiritual, sempre eficaz e frutuosa tanto para as pessoas consagradas quanto para os jovens desejosos de vinculação

e de engajamento vindos a ele mesmo de longe. Mantinha para com esses jovens um relacionamento espiritual de firme amizade, que expressava também por cartas, deixando nelas sinais concretos de consolo e esperança.

Especial devoção guardava para com Nossa Senhora, nisto foi um verdadeiro franciscano e brasileiro. Falava que recebera esta profunda devoção de sua família, desde a infância; devoção essa que sempre o sustentava em todas as suas dificuldades. A essa devoção ele atribuía sua vocação e perseverança "o que não foi fácil, acrescentava, para nós brasileiros, devido ao meio ambiente no qual temos de viver e crescer". Revelou também que ficou bastante perturbado quando a devoção a Nossa Senhora "entrou em baixa" depois do Vat.II.

A tudo isso juntava a uma afetuosa devoção à Eucaristia, que ele expressava pela devota celebração da Santa Missa e pelas frequentes visitas ao Sacrário na capela interna da Casa Religiosa e na Basílica, lugar para onde descia toda madrugada, antes do despertar da comunidade. Foi também muito severo para consigo mesmo; sobretudo excessivo em jejuar. Todavia ele não pensava ser assim exagerado. Percebeu mais tarde, quando várias moléstias o atingiram. Então, como São Francisco, confessou ter faltado para com o "irmão corpo" e reconheceu ter-se deixado levar por esta austeridade até sofrer fome.

RUMO AO FIM

Sua saúde fraquejou nos últimos tempos. Por causa da anemia foi hospitalizado em Jesi. Recuperado da anemia, começou a via sacra do tumor, que em breve o levaria à morte. Perto do fim de sua caminhada refletia sobre alguns pontos decisivos de sua atormentada vida. Queixava-se de não ter sido pacífico e bondoso nos juízos, de não ter sabido superar contradições. Por tudo isso pedia e dava o perdão, perdão por toda ofensa contra a união e a caridade fraternal. Dizia: "perdão a todos, a todos peço perdão, a todos quero bem".

Aceitou a última terrível enfermidade plenamente disposto à vontade de Deus, embora desejoso de voltar ainda à capela suíça para confessar os italianos. Nem esquecia os confrades de sua Província Brasileira. Por ela rezava e oferecia seus sofrimentos.

Inutilmente foi transferido pelos hospitais de Loreto, de Macerato e de Ancona, que nem sempre conseguiam amenizar suas dores. A morte do pe. Agatangelo fez descer um véu de tristeza sobre seus confrades e sobre tantas pessoas que o tinham amado e seguido.

Queremos lembrá-lo, certos de que no céu, onde contempla a Deus cara a cara, continua a nos amar e a rezar por nós.

O enterro teve lugar na Basílica de Loreto, na tarde do dia 23 de fevereiro. Participaram muitos confrades, nosso superior provincial, o pe. Provincial da Bahia-Sergipe, que presidiu a celebração e fez uma linda homilia, o antigo provincial Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz e um bom grupo de fiéis, particularmente irmãs. Nosso Arcebispo, ausente por compromissos, emitiu comovente telegrama de pêsames.

Confiamos nosso Agatangelo ao Senhor. Por disposição do pe. Provincial, todos os frades são convidados a rezar os sufrágios de costume de acordo com as regras de nossa Província.

A comunidade dos capuchinhos de Loreto.

FICHA DO PE. AGATANGELO DE CRATO

31.05.1928 -	Nasce em Crato, último de 21 irmãos, no Ceará, Brasil.
11.02.1941 -	Entra no Seminário em Esplanada.
08.03.1947 -	Começa o Noviciado.
11.03.1948 -	Faz os votos temporários.
1948 a 1953 -	Em Alagoinhas faz filosofia e teologia.
18.03.1951 -	Votos perpétuos.
Mai de 1953 -	Transferido para Loreto.
11.07.1954 -	Ordenado padre.
Julho de 1955 -	Vai para a Inglaterra.
Fevereiro de 1956 -	Volta ao Brasil - Salvador.
1957 - 1961 -	Leciona em Alagoinhas.
1962 - 1970 -	Leciona em Feira de Santana.
1968 - 1980 -	Diretor da emissora Rádio Sociedade.
1982 -	Torna a Salvador
31.05.1983 -	Em Loreto, penitenciário da Basílica.
22.02.1996 -	Morre na enfermaria Provincial.

(Documento da Congregação dos Capuchinhos de Loreto, Itália, traduzido).

MILAGRE OU SIMPLES GRAÇA EXTRAORDINÁRIA?

Campos Sales, 20 de janeiro passado, foi teatrado um acontecimento pela sua singularidade bem merece ser conhecido.

É, que no meio dos fiéis que assistiam à missa de São Sebastião, achava-se uma parálitica do subúrbio ali chegada por seus próprios pés, com geral estupefação.

E o que mais maravilhava-se que ela desde o Natal vinha dizendo a família, que naquele dia, estava curada e iria à missa, com uma convicção que inspirava riso e piedade.

E como lhe perguntássemos o fundamento daquela esperança explicou-me depois em reserva que havia recebido o aviso que abaixo relatarei.

Colhi dela as seguintes notas pensando concorrer para maior glória de Deus e sua Igreja.

A miraculada é uma moça de 25 anos, chamada Maria das Dores de Sousa embora pobre e sem letras, era muito conhecida aqui pela sua simplicidade e pelos seus impressionantes padecimentos.

Em 1927 começou o seu martírio por dores enormes no corpo e, sobretudo na cabeça, dores que lhe tolhiam os movimentos e não raro a deixavam prostrada, por dias consecutivos.

Em 1930 sentiu-se parálitica do lado direito e foi tal o cortejo de dores, que, em certas horas, nas crises que se sucediam, que parecia louca gritando de ensurdecer.

Em 1936 manifestou-se nela a paralisia geral, só lhe ficando livre o movimento da língua.

Meses depois cegou completamente inspirando profunda compaixão, o seu tristíssimo estado.

E o que mais pasmava era a sua conformidade absoluta com a vontade divina a ponto de repetir a cada passo, que só queria ficar curada se Deus quizesse.

O pescoço além de endurecido e descaído para um lado não tinha o menor governo.

Pode-se dizer que não se alimentava, tão insignificantes eram os alimentos que ainda conseguia tomar.

Da boca lhe saía quase diariamente, um líquido aquoso que se derramava pelo corpo, molhando-a desoladoramente.

Na perna esquerda ficou sofrendo dores terríveis que se irradiavam até a cabeça e lhe arrancavam gritos lacinantes, faltando pouco para lhe tirarem a vida.

A opinião pública vivia tão comovida, à vista de tamanho sofrimento que todas as vezes que ia administrar-lhe a Sagrada Comunhão, acompanhavam-me dezenas de pessoas desta cidade, no intuito de levar algum conforto à pobrezinha.

Depois de a terem conduzido até Barbalha, onde esteve sendo medicada pelo dr. Leão Sampaio, em quem depositava ilimitada confiança, regressou à casa, sem alívio digno de nota.

Em agosto do ano passado, com a paciência esgotada e já suspirando pela morte, tanto suplicava ao velho pai que este a transportou ao Crato, estendida num caminhão na persuasão de que os drs. Nelson Carreira e Quixadá haviam de curá-la.

Ali passou mais de dois meses e, apesar da solicitude com que foi tratada pelos referidos médicos, o mal zombou, consistindo toda a sua melhora em ver o vulto das pessoas e em mover os dedos das mãos.

Desenganada, voltou, outra vez, a esta vida, para esperar pela morte que já tardava.

Assim ficou mais dois meses até que, um belo dia durante uma crise das que costumava assaltá-la, começou a gritar por São Francisco das Chagas.

Foi então que, conforme seu depoimento, lhe apareceu, em plena vigília, um missionário capuchinho, cercado de vivíssima luz, e lhe disse:

“ Minha filha, compre nove rosários e nove medalhas de São Francisco e distribua com nove pessoas que não tenham esse sinal de religião. Mande ainda tirar a medida das imagens da Igreja e bote-as todas no pescoço, na certeza de que, dia de São Sebastião, irá a missa, caminhando.

Horas depois tornou a aparecer a mesma visão e lhe disse, trazendo duas flores mimosas, uma em cada mão.

Que flores são estas?

E como desse ela a entender que ignorava, a estranha personagem explicou:

¾ Esta da direita é esperança de vida e a outra é palma de paciência. E, sacudindo as flores sobre ela, continuou a falar:

¾ Movimentarás teu corpo, embora aumentando tuas dores. A 28 de dezembro sentirás dores tão horríveis que só por milagre poderá escapar.

Horas depois, tornou a aparecer, sempre numa grande claridade, e lhe disse:

Maria das Dores, olha aqui para o lado onde está a palma de paciência.

A doente obedeceu e viu um crucificado com os cravos bem salientes saindo da cruz raios de fulgor deslumbrantes.

E logo se lhe clarearam os olhos e ficou vendo até hoje, como nos tempos da infância.

Estás vendo este crucificado? Disse a aparição. Pois é teu Protetor. Sei que queres ficar sem dores, nem que seja para nunca mais andares. Mas Deus quer e eu também quero que fiques andando, mesmo sofrendo dores, enquanto for servido.

Não te lembras das palavras que Monsenhor Soter te dizia:

Jesus, José e Maria - minha guia; Jesus, José e Maria - minha luz;

Jesus, José e Maria - meu temor? Pois fica dizendo isto toda hora. E não deixes três os pensamentos bons que te acompanham.

E desaparecendo definitivamente, depois de lhe ter dado a mão para beijar, mão que ela segurou pondo em movimento o braço direito paralisado oito anos.

E está boa.

Campos Sales, 25 de fevereiro de 1938.

Pe. Azarias Sobreira

Foi copiado do Jornal "O Nordeste" do ano de 1938.

"A rosa enlanguese-se e seca, desaparece.

Mas fica um pouco do seu aroma no espinhal.

(Humberto de Campo).

Maria das Dores de Souza, depois que foi miraculada, ingressou, no ano de 1945, no Convento de Santa Clara de Canindé a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição e recebe - como religiosa o nome de IRMÃ JOSENITA (foto acima).

Seu estado de saúde sempre foi precário, e sentia, constantemente, dores generalizadas no corpo. Mesmo assim, jamais deixou de trabalhar e cumprir suas obrigações, dedicando toda existência a serviço de Deus e da Congregação a que pertencia. Foram enormes os seus padecimentos, sobretudo nos últimos anos de vida, mas suportou tudo com coragem, resignação, sempre bem humorada, portando-se como verdadeira Santa. Faleceu em 26.11.94, na cidade de Canindé no Convento de Santa Clara, onde, há anos, residia.

NOTA: Quem desejar ler o trabalho escrito pelo Pe. Azarias a respeito da Irmã Josenita, deve procurar Amarílio Cavalcante, no endereço abaixo:

Av. Desembargador Moreira, 246, apto. 1000.

Tel: 224.1834 - CEP: 60170.000 - Fortaleza-CE.

CRATO: CONCORRIDA VERNISSAGE DE EDILMA ROCHA

A pintora cratense Edilma Rocha promoveu mais uma Exposição individual dos seus belos quadros e aquarelas, no Museu de Arte Vicente Leite, na sua cidade, culminando com uma belíssima vernissage, acontecimento cultural e artístico da mais alta envergadura. Duas dezenas de pessoas estiveram presentes, admirando os quadros, prestigiando a mostra e tecendo os maiores elogios à artística exposição. Foi de 15 a 30-01-98.

Usou da palavra, em nome da comunidade e da Sociedade de Cultura Artística o Dr. José Peixoto de Alencar Cortêz. Edilma agradeceu com palavras repassadas de emoção, dizendo de sua alegria em rever o seu torrão natal e poder mostrar a sua arte ao povo caririense.

As mais altas autoridades do Município, artistas, escritores, críticos de arte, professores universitários, jornalistas, etc, prestigiaram o evento, sendo servido distinto coquetel.

Quem é

Edilma Saraiva Rocha nasceu em Crato. É filha do casal Edilson Rocha - Telma Saraiva Rocha. Já realizou as seguintes exposições:

- 1968 - Exposição coletiva em Crato
- 1969 - 3º Salão de Maio, em Crato
- 1970 - Exposição individual - bico de pena, em Crato
- 1971 - Exposição individual - retratos a óleo - Fortaleza
- 1974 - Exposição de desenhos a carvão - Fortaleza
- 1975 - Idem, em Teresina
- 1996 - Participação no 47º salão de Abril, Fortaleza
- 1997 - Exposição individual, na Aliança Francesa, Fortaleza
- 1997 - Exposição coletiva, na Galeria Chat, Paris.
- 1998 - Exposição individual, Museu de Arte Vicente Leite, Crato. Segundo os críticos, "depois de trabalhar as paisagens

litorrâneas e as flores, inspirada nas livres formulações dos planos e das cores, Edilma nos transporta até à Europa, bela e decadente, porém viva, pela sua beleza clássica...Seus quadros guardam um clima de paz e de alegria, na contemplação pictórica representada pelos locais vividos por ela, na bela e deslumbrante Europa”.

Edilma Rocha não se subordina a estilos nem a modismos alheios.

Vale-se do emocional dos impressionistas que intencionalmente acentuam plasticamente seus temas. Processo que utiliza para reafirmar o talento da artista que nasceu artista.

CARTA

Petrópolis, 27 de novembro de 1997.
Mestre Lindemberg.

Recebi sua carta de 5 do corrente. Você não tem nada a agradecer. O I.C.C. e Itaytera, desde os tempos de Mestre Figueiredo, sempre tiveram o folclore como um de seus temas a serem estudados e divulgados na possibilidade dos espaços e do tempo disponível para tanto. Portanto a homenagem é justíssima e extensiva a você que segue firme no timão desse barco, orgulho da cultura cariense, nesse mar encapelado em que navegamos nós todos, quase náufragos dos maus governos que nunca nos abandonaram.

Você me diz das dificuldades de Itaytera para sobreviver. Mas elas existem, não para que sucumbamos diante delas, mas para que as liquidemos e com isso tenhamos mérito.

Segundo essa diretriz, conhecendo o seu espírito de luta e o de seus companheiros, tenho fé em Deus que mais uma vez Itaytera dará a volta por cima, emplacando 98 com toda a fúria.

Conforme pedido seu, segue artigo, curto e oportuno, face a efeméride que se aproxima.

Grande e fraternal abraço do

Francisco de Vasconcellos.

COELHO ALVES

CURRICULUM VITAE

1.0. DADOS PESSOAIS

NOME: Vicente Alves dos Santos. Pseudônimo: Coelho Alves

FILIAÇÃO: Antônio Alves dos Santos e Alcina Alves dos Santos

NASCIMENTO: 11 de dezembro de 1924

NATURAL DE: Crato, Ceará

2.0. ESCOLARIDADE

Como era filho de militar, era comum a família demorar pouco em cada cidade. Começou a estudar aos 6 anos de idade, com a Professora Leilar, na Vila de Santa Cruz, Município de Icó, Ceará. Depois foi aluno da Professora Naninha no Grupo Escolar de Icó. Com a transferência do pai para a cidade de Lavras da Mangabeira estudou com a Professora Maria Luiza Lima e em seguida com a Professora Maria Luiza Forte, na mesma cidade. Mais tarde com a transferência do pai para a cidade de Aurora, estudou com o Professor Anísio Maciel. Em 1935 voltou a morar na cidade de Icó, onde faleceu seu pai. A família foi morar em Missão Velha, e aí continuou seus estudos, sendo aluno do conhecido Professor Will Rewmer Peter Bernardo. Concluiu seus estudos na cidade de Juazeiro do Norte, recebendo o Diploma de Contador pela Escola Técnica de Comércio.

3.0 VIDA PROFISSIONAL

Antes de abraçar a carreira de radialista, onde teve destacada atuação, trabalhou em outros setores da vida comercial e industrial, sendo que na cidade de Missão Velha teve vários empregos, inclusive numa fábrica de beneficiamento de algodão.

Seu ingresso na vida radiofônica aconteceu em 1942, na

cidade de Missão Velha, quando convidado por José Salviano passou a trabalhar como locutor na amplificadora da qual José Salviano era o diretor. Em 1943, o famoso radialista Lourival Marques impressionado com a voz de Coelho Alves o convidou para trabalhar no CRP- Centro Regional de Publicidade, fundado pelo ex-prefeito de Juazeiro do Norte, José Monteiro de Macedo, na época arrendado ao empresário Antônio Fernandes Coimbra, mais conhecido como Mascote. Aí Coelho Alves começou a crescer como locutor. O passo seguinte foi trabalhar na Rádio Itacema de Juazeiro, do Grupo de José Parente, de Fortaleza. Pouco tempo depois assumiu a gerência da referida emissora, cargo que ocupou até ser aposentado. Antes, atendendo a convite feito pelo amigo Lourival Marques, que estava no Rio de Janeiro dirigindo a Rádio Nacional, visitou a "Cidade Maravilhosa", onde participou de vários programas, especialmente "Seu Criado, Obrigado", produzido por Lourival Marques e apresentado pela conhecida atriz do cinema brasileiro Nilza Magrassi. Um fato curioso aconteceu nessa oportunidade. Um ouvinte perguntou à apresentadora, através de telefone, qual era o requisito básico para ser um bom locutor, ao que a apresentadora disse sem titubear: "Para ser um bom locutor é preciso ter uma voz como a do nosso amigo Coelho Alves aqui presente".

Foi convidado para trabalhar em várias emissoras do Rio de Janeiro, entre as quais Rádio Nacional, Rádio Mayrink Veiga e Tupi, e também na Rádio Clube de Pernambuco, mas não aceitou, preferindo retornar à cidade de Juazeiro do Norte, onde com sua voz inimitável foi um dos mais brilhantes e talentosos locutores que já passaram pelo rádio local. Além de locutor, Coelho também escreveu crônicas, redigiu noticiários e fez rádioteatro. Foi um profissional completo.

Afastou-se do microfone, por aposentadoria, mas, em 1984, incentivado por um grupo de amigos, formou uma sociedade para instalação da primeira estação de frequência modulada do Cariri - a Rádio Transcariri FM Stereo de Juazeiro do Norte - , da qual eram sócios também: Daniel Walker Almeida Marques (professor e seu colega de rádio), Francisco Silva Lima (empresário) e José Aduato

Junior (empresário).

Na nova atividade teve vida curta, apenas sete meses, vindo a falecer de parada cardíaca, no dia 24 de novembro de 1984, causando profunda consternação no seio da família radiofônica juazeirense e de todo o Ceará, onde era bastante conhecido.

Coelho Alves era chamado pelos companheiros de rádio como "O Mestre". Isto não era um apelido, era um título que só ele possuiu no rádio cariense.

Coelho Alves era casado com Rosa Alves com quem teve dois filhos: Cícero Antonio e Francisco de Assis, ambos radialistas, como o pai. Cícero Antonio trabalha atualmente no ramo de hotelaria em Goiânia e Francisco de Assis trabalha na Rádio Record de Brasília.

[Dados fornecidos pelo seu irmão José Alves dos Santos, com informações adicionais prestadas pelo seu amigo radialista Daniel Walker].

MEU PARAÍSO

Audálio Gomes Alves

De Milagres eu me lembrei
Pela carta recebida.
No meu peito agasalhei
Uma saudade incontida

No rico vale deitada,
Tão bela tal qual donzela,
Como moça recatada
Alguém jamais buliu com ela.

Quando despontava o dia
E rompia a alvorada,
Trazia imensa alegria
O canto da passarada.

Na festa da padroeira
Devotos a fé rendiam.
Os matutos lá na feira
Tinham o que careciam.

Farinha, pão, rapadura,
Sela, arreio e gibão.
Tinha cachaça da pura
E aves de arribação.

Quando a missa começava,
Orações a toda prova;
Na igreja exalava
O cheiro de roupa nova.

O vento que açoitava
Vindo da verde chapada,
O coqueiral balançava
De forma cadenciada.

Bem na beira da estrada,
Que era entrada principal,
Tinha marca registrada
O soberbo canavial.

Jamais eu me esquecerei
Da terra que me viu nascer.
Eu prometo que voltarei
Mesmo depois que eu morrer.

Minha alma encantada,
Ostentará um sorriso,
Por ter sido premiada
Voltando ao seu paraíso.

Rio, 09 de dezembro de 1996.

ALGUNS TIPOS POPULARES DO CRATO

Amarílio Cavalcante.

Crato, minha cidade, localizada no verdejante vale do Cariri era rico de tipos "populares". Eles não eram loucos, não ofendiam a ninguém, porém tinham suas manias. Lembro-me de alguns, mas vou começar pelo célebre e conhecido "Compadre Chico", homem robusto, que a todos chamava de "compadre". Não sei se era filho do Crato, ou se procedia de outras paragens. A verdade é que ele acreditava piamente na volta do regime monárquico e na sua mente organizava forças militares para fazer retornar o Imperador. Planejava batalhas, nomeava comandantes, designava o local em que as tropas deviam postar-se para o ataque e, as vezes, até marcava a data em que o Crato seria saqueado. Frutuoso, cidadão probo, que residia no Crato, era o seu subalterno e dizia compadre Chico que ele estava sediado no Icó, disposto a marchar com os soldados, tão logo recebesse ordens superiores. Compadre Chico era um tipo interessante, não bebia, não fumava, não trabalhava, mas vivia bem alimentado, e ficava furioso quando alguém o contestava ou o chamava de bode. Partia violento, com um cacete que sempre conduzia, porém não tenho notícias de que haja batido em ninguém. Gostava, como se diz na gíria, de "fazer ponto" na loja do meu pai. Geralmente, era ali que os insultadores como Balduino Bezerra, Zeleitinho e outros, o chamavam de bode ou diziam que o Imperador estava morto e não mais voltava. Então a reação era feia e todos tinham de correr para não serem alcançados pelo cacete do monarca.

Por informações, sei que compadre Chico, com quem sempre conversava, trocava idéias sobre as batalhas que estava preparando, já faleceu. Quem era muito seu amigo e o hospedava em seu sítio, na localidade "São José", era o saudoso e abastado agricultor e criador Zeco Esmeraldo, que ia ter muitas coisas a nos contar a respeito do velho monarca.

Outra personagem interessante e que sofria muito nas mãos

maliciosas da turma era Epifânio Pinheiro Bezerra de Menezes, oriundo de uma das mais importantes e respeitáveis famílias do Crato. Vítima de uma congestão cerebral tendo enviuvado cedo, tinha a mania de dizer que estava namorando com determinadas moças, sobretudo com as que chegavam de fora. Ficava violento quando alguém o contestava, e as vezes, até partia para briga. Eu mesmo cheguei a ser vítima de suas raivas, pois inventaram que roubei uma sua namorada, residente no Juazeiro. O velho, a quem eu muito estimava, não me largava e seguia meus passos até dentro do Banco do Brasil. Quem mais o aperseava era o saudoso Ernani Silva e o já citado Zeco, Esmeraldo, Adelmir Tavares, José Luiz de França (Zéba) e outros inventaram até que ele havia sido eleito Senador, no que ele passou a acreditar. E, aí, é que a turma o aperseava mesmo.

Lembro-me, também, de D. Isabel, que a turma chamava de "Bacheirinha", apelido que a tornava furiosa. Ela vivia catando grãos que restavam da feira semanal e quem mais mexia com ela eram os funcionários da "A Pernambucana", sobretudo o saudoso José Teixeira, pessoa muito popular e estimada na cidade. Aconselhada pelo Vigário Monsenhor Assis Feitosa, que deixasse de dizer nomes feios, pois do contrário suspendia a comunhão que sempre recebia na Catedral, mesmo assim não se corrigiu.

Havia também uma chamada "Maria Caboré", que fazia mandado, comia bem nas residências por onde andava, mas virava bicho quando alguém a chamava por esse apelido.

Havia outra que era desaforada, bebia e partia para briga, quando a chamavam de "Bicuda". Casada com um carreteiro, que era homem manso e muito sofria nas mãos da violenta esposa.

Quem também, não tolerava que as chamassem pelo apelido era "Rosa Damião", (quando eu era criança tinha muito medo dela) "Vicência Choca" e Dorica", que andava toda fantasiada.

Outra coisa que a mim, aos meus colegas de Ginásio, entre eles Luiz Sampson de Melo e outros, agradava era conversar, nos dias de feira, com a matutada e os artesões de Juazeiro, indagando sobre os motivos pelos quais ele não confeccionava as peças que vendia de outra forma. Saíam as perguntas mais difíceis e o velho a tudo

respondia sem entender nada do que estávamos perguntando.

Um tipo bastante popular era o chamado "Nego Estevão", que sabia de cór a história do tempo em que os bichos falavam, mas quando tomava um porre e ficava alterado era necessário mobilizar todos os policiais e mais alguns civis, para prendê-lo, pois o nego era bastante forte, muito ágil e valente. A única pessoa a quem ele obedecia cegamente era ao Sr. João Bacurau, que por algumas vezes, foi Delegado Civil do Crato.

Outra figura notável era o chamado "Cabo Chico", funcionário das Endemias Rurais. Getulista dos mais ferrenhos. Dizia haver sonhado com o inferno e viu muita gente boa por lá. Outras vezes ameaçava fazer explodir o depósito de gasolina da repartição, caso o chefe não atendesse sua pretensão maior que era aposentar-se por doença mental incurável.

Conheci outros tipos gozados que nada tinham de desequilíbrio mental, mas faziam suas presepadas e todo mundo gostava. Lembro-me bem de Cleto Milfont, que, da sacada do Cine-Cassino jogava o paletó para o meio da rua e era aplaudido pela multidão, quando seu time de futebol ganhava. Tinha o engraxate "Augusto Cebolinha", que nos bailes do Bar Ideal Clube, de propriedade do saudoso Deodoro Gomes de Matos, que era cego, sorrateiramente subia as escadarias do Bar Ideal, e, quando Deodoro, na despedida dos convidados, perguntava com quem estava tendo o prazer de falar, ele respondia: com "Augusto Cebolinha". Deodoro ficava furioso e gritava para seus sobrinhos que botassem aquele moleque para fora. Quando os meninos chegavam, Augusto já estava longe.

Conheci um cabloco moreno, cujas vestes eram todas enfeitadas, e conduzia à cintura um grande facão de cortar grama. Era ele uma espécie de guarda costa de um médico muito famoso e acreditado pela população. O seu apelido era "Tandor", mas nunca ouvi falar de atos de violência de sua parte.

Havia muitos outros tipos interessantes cujos nomes no momento me fogem da memória.

Lembro-me bem de "Tufo", que não tolerava ser chamado

por esse apelido. Outro que ficava furioso era um tal de "Jacu". Meu pai e o comerciante Newton Teixeira, quando assim o chamavam, ele virava bicho.

Para finalizar, recordo o nome do meu saudoso amigo, o barbeiro José Geraldo, inteligente, manhoso, que nada tinha de loucura, mas gostava de receitar medicamentos que ele gravava na memória e lhe eram ensinados por dois médicos, seus amigos e admiradores.

Muita coisa tinha ainda a dizer, não fora a escassez de espaço que disponho nesta.

Fortaleza, 31 de outubro de 1997.

DR. ÁLVARO MADEIRA: DESCENDÊNCIA ILUSTRE

O Professor Álvaro Rodrigues Madeira, há muitos anos falecido, e que teve notável atuação nos meios educacionais do Crato, recebeu a homenagem de um recente estudo do historiador Amarílio Cavalcante, das mais brilhantes inteligências do Crato, fazendo justiça à sua atuação e resgatando, para as atuais e futuras gerações, quem foi esse mestre adorável e querido por todos.

A título de registro para a história, aqui figuramos os familiares do Dr. Álvaro Madeira, para quem, no futuro, quiser aprofundar pesquisas sobre sua pessoa.

Viva: Ligia Carvalho Madeira, 90 anos em 1997

Filhos:

1 Irmã ELVIRA CARVALHO MADEIRA, professora, religiosa, filha de Santa Teresa. Falecida em 13.02.97.

2 Maria Ligia Madeira Soares, professora, casada com o Sr. Jaime Soares.

3 Maria Lúcia Carvalho Madeira Nogueira, professora, casada com o Sr. Jaime Nogueira.

4 Professor Doutor Vicente de Paulo Carvalho Madeira, professor Universitário, doutorado Ciências Educacionais pela Universidade de Paris e pelo Instituto Internacional de Ciências da Educação, órgão da UNESCO, em Paris - Reside em Natal, Rio Grande do Norte. Casado com Margô Madeira.

5 Almerinda Carvalho Madeira Furtado, professora, viúva de Esmeraldo Furtado da Silva.

6 Dr. Francisco Alberto de Carvalho Madeira médico, casado com Eliane Madeira. Residente em Garanhuns - Pernambuco.

O Dr. Álvaro Madeira, se vivo fosse, hoje, contaria com 15 netos e 16 bisnetos.

RELAÇÃO DE NOMES DE RUAS APROVADAS E SANCIONADAS NO PERÍODO DE 1990 A 1994.

1. Lei Nº 1.393/90 de 14 março de 1990

Fica denominada de Avenida Manoel Almino de Lima a artéria que tem início na Rua Mário Teixeira Mendes, no Bairro do Seminário, passa em frente à sede do Sport Club do Crato, com vista para a cidade, cruza a Ladeira da Integração (Rua Nossa Senhora de Fátima) e desce em direção à Avenida J. A. de Figueiredo, onde tem o seu término.

2. Lei Nº 1.394/90 de 14 de março de 1990

Fica denominada de Antonio Pereira Bringel a 3ª artéria depois da Rua Deodoro G. de Matos, no Parque Grangeiro, com início na Av. Pedro Felício Cavalcante, seguindo em direção ao Sítio Jacó.

3. Lei Nº 1.397/90 de 02 de maio de 1990.

Fica denominada de Joaquim Landim a quarta artéria depois da Rua Deodoro G. de Matos, no Parque Grangeiro, paralela com a

recem denominada Rua Antonio Pereira Bringel, com início na Av. Pedro Felício Cavalcante, seguindo em direção ao Sítio Jacó.

4. Lei Nº 1.399/90 de 17 de maio de 1990.

Fica denominada de José Luiz da França, Zeba, a segunda artéria depois da Rua Deodoro G. de Matos, no Parque Grangeiro, com início na Av. Pedro Felício Cavalcante, seguindo em direção ao Sítio Jacó.

5. Lei Nº 1.400/90 de 17 de maio de 1990

Fica denominada de Juvencio Bezerra, a Rua paralela à Rua Manoel Almino de Lima, a segunda, para quem sobe a ladeira da Integração, sentido norte-sul, em toda sua extensão.

6. Lei Nº 1.408/90 de 16 de agosto de 1990

Fica denominada de Avenida Antonio Alencar Araripe, a nova artéria que está sendo construída, com início na Rua Diógenes Frazão, dirigindo-se ao loteamento Franca Alencar e aos Sítios Misericórdia e Lameiro, em toda sua extensão.

7. Lei Nº 1.409/90 de 21 de agosto de 1990

Fica denominada de Avenida Padre Antonio Gomes, a nova artéria aberta pela Prefeitura, com início no final da Rua Monsenhor Rocha e término no início da Av. Raimundo Pires Maia, ligando o Bairro Sossêgo ao Parque Floresta.

8. Lei Nº 1.413/90 de 24 de outubro de 1990

Fica denominada de Walmair Gonçalves de Oliveira, a artéria com numeração atual de 108, localizada no Conj. Novo Crato - Casas Populares - Bairro do Seminário, em toda sua extensão.

9. Lei Nº 1.415/90 de 06 de novembro de 1990

Fica denominada de Marília Feitosa Ferro, a artéria com início na Av. Pedro F. Cavalcante, dirigindo-se a oeste, no Parque Grangeiro, após a Rua Deodoro G. de Matos, em toda sua extensão.

10. Lei Nº 1.420/90 de 13 de dezembro de 1990

Fica denominada de Vicente Lopes de Oliveira, a artéria localizada no Conj. Habitacional conhecido por 10 de fevereiro, ou Mutirão da Casa Própria Quadras B e C, cruzamento com as ruas Duarte Júnior/José Walter Dias, Seminário.

11. Lei Nº 1.421/90 de 13 de Dezembro de 1990

Fica denominada de Tabelaão Antonio Machado, a artéria localizada com início na Av. Pedro F. Cavalcante, seguindo na direção oeste, entre as Ruas Joaquim Chevalier de Aquino e Prof. Tudinha Lemos, Parque Grangeiro.

Leis Sancionadas pela Administração Dr. José Aldegundes Muniz G. de Matos no ano de 1990.

12. Lei Nº 1.427/91 de 20 de março de 1991

Fica denominada de Hermes Parayba, a artéria que tem início na Av. José Horácio Pequeno em frente a Esc. do Rotary do Lameiro até as margens do Rio Grangeiro, no início do Bairro Novo Horizonte.

13. Lei Nº 1.430/91 de 17 de abril de 1991

Fica denominada de Francisco Matias da Silva a Rua atualmente numerada de nº 116, localizada no Conj. Novo Crato, sentido norte/sul, Seminário.

14. Lei Nº 1.434/91 de 09 de maio de 1991

Fica denominada de Raimundo Ribeiro de Andrade, o trecho compreendido entre a Av. José Horácio Pequeno, acompanhando o muro da residência do Sr. Waldemar Arraes de Farias, até a estrada da Misericórdia, em frente a antiga residência do Sr. Odon da França Alencar, Lameiro.

15. Lei Nº 1.447/90 de 25 de setembro de 1991

Fica denominada de Moacir Gondim Lóssio, a artéria que tem início no asfalto Crato-Juazeiro, lado esquerdo do posto da Polícia Rodoviária Estadual e se dirige ao Baixio de Santa Rosa.

16. Lei Nº 1.451/91 de 03 de dezembro de 1991

Fica denominada de Waldir Silva, a terceira artéria após a Esc. de 1º Grau Dom Vicente, na Av. Pedro F. Cavalcante, sentido norte-sul à direita, ao lado da casa do Dr. Rubens Soares Chagas.

17. Lei Nº 1.452/91 de 04 de dezembro de 1991

Fica denominada de Rua Deputado Hildo Furtado Leite, a artéria que tem início no nº 2.496 da Av. Antonio Alencar Araripe, no Planalto Misericórdia, loteamento Franca Alencar, cruzando essa Av. nos dois sentidos, leste/oeste casa de Francisco Martins de Almeida.

18. Lei Nº 1.455/91 de 12 de dezembro de 1991

Fica denominada de Rua Espedito Pinheiro Teles, a artéria situada no Bairro Parque Grangeiro, ainda sem denominação que sai da Rua Aloisio Barbosa de Carvalho, passando em frente a residência do Vereador Enrile Pinheiro Teles, em direção ao Riacho da Matinha, no final do loteamento Gonzaga de Melo, no sentido leste-oeste.

Leis Sancionadas pela Administração Dr. José Aldegundes Muniz G. de Matos no ano de 1991.

19. LEI Nº 1.456/92 de 20 de fevereiro de 1992

Fica denominada de Maestro Azul, Manuel Augusto dos Santos, a artéria localizada na Vila Alta, após o asfalto da Rod. Thomaz O. de Alencar, a direita, ao lado da Rua Pres. Kennedy, a esquerda, ao lado da Rua Getúlio Vargas, em direção ao Brejo.

20. Lei Nº 1.459/92 de 18 de março de 1992

Ficam denominadas na Vila Lobo, as seguintes artérias:
Rua Barão do Crato - Rua da Esc. Antuérpio Gonzaga de Melo;
Rua Prof. Edmundo Milfont - Rua paralela a Castro Meneses, lado da Cidade do Crato;
Rua Mons. Raimundo Augusto - Rua paralela a Castro Meneses, lado do Rio Constantino;
Rua Joaquim Calíope - Rua confrontando o terreno da antena da Rádio Araripe, sentido leste-oeste.

21. Lei Nº 1.463/92 de 02 de abril de 1992

Fica denominada de José Bento de Figueiredo, a artéria localizada ao lado esquerdo da Torrefação Ytaytera, a partir da Av. Padre Cícero, sentido sul norte.

22. Lei Nº 1.464/92 de 02 de abril de 1992

Fica denominada de Mestre Toinzinho, Sr. Antonio Luiz Barbosa, a artéria atualmente conhecida por Rua Rio Grangeiro, com início na margem esquerda do Canal do Rio Grangeiro, prolongando-se até a encosta do Morro do Seminário.

23. Lei Nº 1.472/92 de 09 de junho de 1992

Fica denominada de Jacó Cortez, a artéria localizada no Grangeiro, com início na Av. Pedro F. Cavalcante, transversal, em loteamento de propriedade do Sr. Maclou de Melo, paralela à Rua Espedito Pinheiro Teles, cruzamento com a Rua José Eurico, em direção ao Bairro Pereira Filgueiras (Cafundó)

Leis Sancionadas pela Administração Dr. José Aldegundes Muniz G. de Matos no ano de 1992.

24. Lei Nº 1.482/93 de 09 de fevereiro de 1993

Fica denominada de Dr.Emerson Barbosa, a artéria recentemente aberta no loteamento do antigo campo de futebol do Seminário, paralela a Rua Marcos Macedo, sentido muro trazeiro do Seminário São José, ao muro do lado direito do Col. Polivalente.

25. Lei Nº 1.483/93 de 09 de fevereiro de 1993

Fica denominada de Dr. José Nilo, a segunda Rua do loteamento do antigo campo de futebol do Bairro do Seminário, lado da Rua Carriagu, sentido muro trazeiro do Seminário São José, até o muro do lado direito do Col. Polivalente.

26. Lei Nº 1.496/93 de 06 de maio de 1993

Fica denominada de Enfermeira Bernadete Gonçalves, a artéria que tem início em frente a Av. Thomaz O. de Alencar, proximidades da ACIMBEL, Engenho de Clotário Macedo Lobo, no Muriti.

27. Lei Nº 1.497/93 de 01 de junho de 1993

Fica denominada de Job Lobo, a artéria que se inicia na Av. Perimetral Dom Francisco, próximo ao muro do Centro Social Urbano.

28. Lei Nº 1.498/93 de 02 de junho de 1993

Fica denominada de Desembargador Pedro Pinheiro de Melo, a primeira Rua após o Riacho Lameiro, sentido sul-norte, cruzando com a Rua Hermes Parayba no Bairro Novo Lameiro.

29. Lei Nº 1.500/93 de 11 de junho de 1993

Fica denominada de Rua Florival Alves Matos, a primeira artéria à direita da ladeira da Av. José Horácio Pequeno, no loteamento "Vila Stuart", Sítio Belmont.

30. Lei Nº 1.508/93 de 27 de agosto de 1993

Fica denominada de Rua Tomé Cabral, a Rua que tem início na Rodovia Crato-Juazeiro, ao lado da Indústria IPORÁ e segue em direção ao Bairro do Oiteiro.

31. Lei Nº 1.509/93 de 27 de agosto de 1993

Fica denominada de Rua João Ayres de Aquino, a artéria que nasce na cerca da antiga Indústria IMOCASA, atravessa a Rua Raimundo Norões Milfont e se dirige ao Brejo, Bairro Vila Alta.

32. Lei Nº 1.510/93 de 14 de setembro de 1993

Fica denominada de Rua José Walter Justo, a Rua B-30, do Conj. Hab. Habitar - N.S. de Fátima, Alto da Penha.

33. Lei Nº 1.512/93 de 15 de setembro de 1993

Fica denominada de Rua Tertulino de Figueiredo, a artéria localizada no Conj. Habitacional N.S. de Fátima - Habitar - Alto da Penha.

34. Lei Nº 1.517/93 de 22 de novembro de 1993

Fica denominada de Rua Fernando Arraes Feitosa, a artéria localizada no Conj. Habitacional 1º de dezembro, no Bairro do Seminário, direção nascente poente.

35. Lei Nº 1.518/93 de 22 de novembro de 1993

Fica denominada de Travessa 19 de março, a artéria localizada no Conjunto Habitacional 1º de dezembro, paralela a Rua Fernando Arraes Feitosa, Seminário.

36. Lei Nº 1.522/93 de 22 de novembro de 1993

Fica denominada de Rua Aderson Siebra, a Rua do Conj. Habitacional N.S. da Penha, no Alto Grangeiro.

37. Lei Nº 1.526/93 de 15 de dezembro de 1993

Fica denominada de Rua Joaquim Custódio da Silva, a artéria compreendida ao lado do Centro Social Urbano-Missão Miranda.

38. Lei Nº 1.528/93 de 15 de dezembro de 1993

Fica denominada de Rua Carlina Pinheiro, a rua do trecho compreendido a partir da casa de D. Neusa, no cruzamento da Av. José Horácio, com a Av. Ernani Silva, na área que se dirige ao Ginásio Aderson da Franca Alencar.

39. Lei Nº 1.529/93 de 15 de dezembro de 1993

Fica denominada de Dr. Aurino Augusto, a Rua que tem início em frente a Brasilgás, na Vila Silvestre, beirando o morro da Vila Alta.

40. Lei Nº 1.530/93 de 15 de dezembro de 1993

Fica denominada de Rua Celso de Oliveira, a artéria que passa nos fundos da residência do Sr. Maclou de Melo, loteamento Gonzaga de Melo, Parque Grangeiro.

41. Lei Nº 1.531/93 de 15 de dezembro de 1993

Fica denominada de Av. José Ribeiro de Andrade, a via pública que vai do asfalto da Av. José Horácio, começando na casa onde residem José de Sousa Lima e Família, passando pelos Sítios Rosto e Corujas, pela cascata indo até o Sítio Misericórdia.

Leis Sancionadas pela Administração Antonio Primo de Brito no ano de 1993.

AOS MEUS EX-ALUNOS DA TURMA 1941 DO GINÁSIO DO CRATO

Na vossa Festa Jubilar de 30 de novembro de 1991, quando os Humanistas de 1941 se reuniram, na Princesa do Cariri, para comemorar o JUBILEU DE OURO desse acontecimento importante da sua vida ginásial, por ocasião da Missa de Ação de Graças concelebrada na Capela de Santa Teresa de Jesus, falando como Presidente da Concelebração, lembrei aos presentes: "...a semente deitada em terra boa, regada prodigamente, por ingentes sacrifícios, nasceu, cresceu e amadureceu. É o GINÁSIO DO CRATO dando de presente ao Brasil e ao mundo inteligências que dormiam na JUVENTUDE INTERIORANA...frutos que alimentam a alma da NAÇÃO..."

SAIU O SEMEADOR A SEMEAR...

CAIRAM SEMENTES EM TERRA BOA

E PRODUZIRAM FRUTOS...(Mat. 13,3-8)

E agora vejo, novamente, reunidos na CASA GRANDE do nosso Bom Irmão AMARÍLIO CAVALCANTE, Gente da Gente, os vitoriosos "Bacharéis em Ciências e Letras" da Turma 1941, do GINÁSIO DO CRATO.

Foram convidados pelo Comandante, em Circular datada de 14 de agosto de 1996, para a Festa da CONFRATERNIZAÇÃO a ser realizada no dia 14 de setembro de 1996, quando do lançamento do seu livro, presente seu, de sua esposa, de seus filhos, aos estimados e vitoriosos Bacharéis em Ciências e Letras do Ginásio do Crato, TURMA 1941.

UMA FESTA NA MEDIDA. Uma FRATERNA. Um gostoso reencontro com o passado. Uma Festa da Saudade. Uma Festa da Gratidão. Uma Festa da Amizade. Um lembrar do Crato de sua JUVENTUDE. Uma reminiscência daquele pioneirismo educativo do GINÁSIO DO CRATO, em terras do Cariri, única ESCOLA num raio superior a 500 quilômetros, a oferecer um Ensino Secundário em condições absolutas. Um lembrar da iniciativa arrojada e corajosa do MESTRE PADRE PITA, premiada com os frutos que transformaram a sua Instituição Educacional em viveiro de Sabedoria e tenda miraculosa de exuberantes atividades culturais.

Este nosso Anfitrião é maravilhoso - É um verdadeiro artista, no sentido preciso da palavra. Ele sabe fazer tudo na hora certa, no momento exato. É um Mestre de verdade. Vale no que diz e no que sabe, mas sobretudo no que é.

Vejam só como ele idealizou a transparência de "um sonho acalentado durante muito tempo...escrevendo com grande dedicação um livro..." Como ele projetou este encontro delicioso realizado num ambiente familiar!...Uma pequena Igreja doméstica, onde o coração brinca com a razão, onde a inteligência se esconde à Lua da Fé. Tudo aqui é Alegria. Tudo aqui é Bondade. Tudo aqui é Fraternidade. Tudo aqui é Amor. Tudo aqui é Santidade. Um encontro como este, sempre novo, sempre surpreendente, é uma Comunhão legítima que nos dá o verdadeiro sentido do "nós" evangélico, com pessoas e como comunidade. "Amaj-vos como Eu vos ameí".

O Mestre Amarelho, com o lançamento do seu livro, convida a Turma de 1941, os companheiros mais íntimos de sua JUVENTUDE, a quem faz uma dedicatória toda especial, para testemunhar e prestigiar, com a sua valiosa presença, o acontecimento e diz: "...este trabalho poderá um dia servir de subsídio às gerações vindouras,

interessadas em pesquisar a vida dos seus ancestrais”.

É verdadeiramente um encontro histórico que se revela em fatos e acontecimentos, que constituem uma realidade viva em movimento, uma história transparente da vida dos seus bons amigos, companheiros de TURMA.

É a construção real de uma experiência humana na própria. Trata-se evidentemente de um documento precioso que vem enriquecer a História do Cariri e, de modo especial, a História do GINÁSIO DO CRATO.

Diz um provérbio latino que “as palavras passam, os escritos permanecem”. Ou, em outros termos, o que se fala tem menos consistência e durabilidade temporal do que aquilo que se escreve. O ser do dizer a palavra que voa e passa se colocaria numa posição inferior ao ser do escrever a palavra que fica e atravessa os tempos.

Que presente maravilhoso vai nos dando o escritor AMARÍLIO CAVALCANTE! Relíquia sacrosanta, nascida da inteligência privilegiada, do coração magnânimo, da vontade perseverante, da grandeza de sentimentos, da riqueza de generosidade do nosso Bom amigo de todas as horas.

PARABÉNS, Mestre amigo, extensivos a todos os seus familiares.

PARABÉNS, Bacharéis em Ciências e Letras - TURMA 1941 - do Ginásio do Crato.

Que as bênçãos do Deus Todo Poderoso e a proteção de Maria Santíssima sejam uma presença constante na vida de cada um.

Com o abraço fraterno,
o amigo de sempre.

Mons. Francisco Holanda Montenegro
Crato, 14 de setembro de 1996.

DISCURSO LIDO POR AMARÍLIO CAVALCANTE NO LANÇAMENTO DO LIVRO GINÁSIO DO CRATO, 1941 - SONHOS E SAUDADES

Colegas e amigos,

Não fora o receio de ser traído pela memória, meu agradecimento deveria ser feito de improviso. Seria até cômodo para mim. Mas essa desconfiança recomendou-me cautela. Por isso, resolvi escrever o discurso.

Como é grande e poderosa a força de Deus, que muda o curso da vida dos homens de maneira inesperada e silenciosa!

Jamais pensei em poder, um dia, reunir tantos amigos neste salão, que é um prolongamento do meu lar, para lançar um livro de minha autoria.

Pois tudo isso está acontecendo nesta noite em que reencontro antigos colegas e muitos amigos. Os colegas são exatamente os que conviveram comigo no Ginásio do Crato, onde deixei parte da juventude, que nunca me fugiu da mente, nem se desgrudou do meu coração.

A história resumida dos caminhos percorridos pelos 18 colegas concludentes da turma de 1941 concorreu para escrever este modesto trabalho, que é, sem dúvida, minha crescente fé em Deus; a nova vida que passei a levar depois de definitivamente aposentado, lendo livros nunca dantes conhecidos; e, finalmente, a vontade incontida de deixar gravadas, de alguma forma, recordações de uma das fases mais interessantes da existência: a convivência no antigo Ginásio do Crato.

Vali-me, também, da verdade contida em luminoso poema dirigido àqueles que, com esperança, crença e boa fé, resolveram, um dia, editar ou plantar algo que julgaram produtivo:

“Se não houver frutos,
Valeu a beleza das flores.
Se não houver flores,

Valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas,
Valeu a intenção das sementes.”

Dizem que os bons discursos devem ser curtos e eu pretendo ser o mais breve possível. Entretanto, não poderia deixar de fazer alusão à bondade e à dedicação de muitas criaturas, pois assim me pedem o coração, a gratidão e a verdade.

Começarei agradecendo ao meu irmão mais velho e amigo mais antigo, Aluísio Cavalcante; ao ilustre e estimado orador, apresentador do livro, Blanchard Girão, protótipo de muitas virtudes, inclusive a de haver sofrido tantas injustiças no passado sem nada reclamar nem criticar ninguém; aos meus filhos, às minhas noras, à minha esposa, aos meus netos, à minha jovem amiga Cláudia Pereira, à TIPROGRESSO e a todos que, direta ou indiretamente, ofereceram sua valiosa parcela de contribuição para que este livro viesse a lume.

Foi um trabalho hercúleo, ao qual todos eles se associaram com palavras de estímulo e de encorajamento; com contribuições informativas; com sugestões interessantíssimas e com a revisão vernacular. O próprio nome do livro foi escolhido por maioria de votos, de maneira democrática.

Também por sugestões de terceiros, adotei uma única dedicatória que alivia o esforço mental de um septuagenário improvisando oferecimentos variados durante algumas horas, quando estas devem ser aproveitadas conversando e alegrando-se com vocês.

À partir de amanhã entregarei aos companheiros presentes, devidamente empacotados, os exemplares que lhes foram reservados, para ofertarem aos parentes e amigos de suas preferências.

Os colegas que, por motivo de força maior, não puderam comparecer, não foram esquecidos. Eles também receberão sua cota de exemplares através dos Correios. O mesmo farei com relação às distintas viúvas dos saudosos companheiros Pedro Nicodemos de Araújo e Vicente Augusto Lima, que Deus, na Sua vontade onipotente,

achou por bem chamá-los para sua morada.

Como o número de livros impressos pode não ser suficiente para atender aos que porventura me procurarem, encareço aos casais presentes que, hoje, conduzam apenas um exemplar do livro. Vamos deixar uma pequena sobra, pois nestes tempos de vacas magras é bom seguir o exemplo da formiga.

Finalmente, cabe-me agradecer, de todo coração, em meu nome e no de minha família, a presença de todos que abrilhantam este reencontro de companheiros e amigos. Esta noite é de alegria, de saudades, de recordações e de agradecimentos a Deus Todo Poderoso pelo muito que nos tem proporcionado na vida.

Abracemo-nos e confraternizemos!
Muito obrigado!

O SENADOR ALENCAR

Nertan Macêdo

Quando o Senador José Martiniano de Alencar chegou a Fortaleza, como Presidente da Província, nomeado por Carta Imperial de 23 de agosto de 1834, estava longe dos seus dias inflamados de mocidade, daquele tempo de sêminarista de Olinda, em que atravessara o vale paraibano, do Rio do Peixe, para proclamar a República no Crato.

O vulcão revolucionário extinguiu-se naquele coração impetuoso, naquele peito ardente, que conhecera, moço ainda, o cárcere e o sofrimento, juntamente com sua mãe, Dona Bárbara, seus irmãos, parentes e amigos.

Era, já então, um estadista sofrido e experimentado, um dos homens fortes da Regência, reconciliado com a Monarquia, que ajudara a fundar e consolidar.

Depois da sua nomeação para o Ceará, foi pessoalmente à presença de Dom Pedro II, que tinha apenas dez anos de idade,

agradecer a honra.

Beija a mão do real menino, galante e gentil.

Pedro sabe que aquele padre, que fôra presidente da Câmara Temporária, não permitira que os parlamentares e políticos lhe reduzissem a dotação nacional de duzentos para cem contos, como era desejo de muitos.

O menino de dez anos, futuro imperador, quase à beira da maioridade, não esquece o dinheiro público que Alencar lhe assegurou para manter alta a dignidade e grandeza da sua princesia de Bragança.

O Senador dobra-se à mãozinha rechonchuda e rosada.

O príncipe, lourinho, olhar azul e profundo, comove o súdito eminente, ilustre, o antigo diácono agitador de 1817, dando-lhe de presente três desenhos de criança, feitos por ele mesmo.

"São meus, Senador, receba-os".

Reverente, curva-se José Martiniano, cheio de gratidão e ternura ante o príncipezinho solitário, cercado de velhos eruditos e raposas políticas e frades do período regencial, que, a despeito de tudo, asseguraram a unidade nacional através de um Império maciço, um trono banhado de luz tropical, mas cheio de simplicidade, côrte bem parecida com uma casa grande de engenho pernambucano, quase tão franciscana como uma velha casa de fazenda sertaneja.

Alencar reitera ao menino azul-rosado sua fidelidade e zêlo ao Império e ao Trono e embarca para a sua Província, onde tanto sofrera nos dias da mocidade, desembarcando, em Fortaleza, a 5 de outubro de 1834.

No dia seguinte, 6, com o protocolo exigido, presta compromisso perante a Câmara Municipal. Passa-lhe as rédeas governamentais da Província o Coronel Inácio Correia de Vasconcelos.

Os desenhos do menino Pedro, ele os manda oficialmente à Câmara Municipal do Crato, prova de sua afeição e do seu alto apreço pela majestade infantil e pela nobre e leal Vila do Cariri.

Vem, a exemplo do que há alguns anos antes fizera João Carlos Augusto de Oynhausen e Gravenburg, disposto a decretar a morte do crime, o crime que assolava o Ceará, terra de criminoso,

coito de bandidos, país de facinorosos e valentões, de cangaceiros ferozes e desalmados.

Vem para declarar guerra de extermínio aos guerrilheiros bárbaros, acostados aos grandes fazendeiros, comendo com eles à mesa, o bacamarte na mão, ou encostados à porta das igrejas, na hora da missa, aguardando somente a ordem de matar.

Chega à Província, disposto a não perdoar os matadores, os criminosos, os erradios do assassinio, a soldo dos senhores do gado. Proclama de imediato sua intenção de não atender nem "passar a mão" na cabeça de bandidos.

Num ofício de Palácio, remetido ao Crato, ele diz que, neste particular, não atende nem mesmo àquele a quem mais deve neste mundo, a quem mais quer bem na vida, o padrinho, que lhe deixaria toda a fortuna, o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha. E a um criminoso condenado em Sobral e absolvido pelo júri de Fortaleza Alencar manda prender novamente, quando o mesmo, Francisco da Costa dos Anjos, desce com liberdade a escada do tribunal. Dos Anjos suplica livramento ao Senador, tendo em vista a sua absolvição. Alencar não consente. Despacha em seu gabinete de trabalho: "O suplicante está preso para ir para o Pará, onde pode matar gente a sua vontade...".

No entanto, capítulo obscuro e sinistro, entrega Joaquim Pinto Madeira, o caudilho monarquista e rude companheiro de lutas do Padre Benze-Cacête, aos seus inimigos do Crato, a fim de ser julgado por sublevação e crime de morte. Julgam-no, todavia, somente por assassinio.

Trinta e três dias, escoltado pelo ajudante de Alencar, o Tenente João da Rocha Moreira, gasta Joaquim Pinto Madeira na sua viagem para o Crato, onde os seus algozes o esperam, para arcabuzá-lo, num dos processos e julgamentos dos mais iníquos ocorridos no Império.

Para que o caudilho chegue são e salvo às mãos dos seus inimigos, Alencar assegura todas as despesas de viagem pela Fazenda Pública.

Joaquim Pinto Madeira entra no Crato cercado,

um soldado puxando o cabestro do cavalo em que ele ia montado, o prisioneiro "com as pernas amarradas por baixo do animal e pulsos algemados".

Viajou, assim, cento e dez léguas, sob forte escolta, debaixo do olho vigilante e cruel do tenente ajudante do Presidente. Para morrer fuzilado no Alto do Barro Vermelho, olhando os canaviais aos pés da chapada do Araripe, os ventos do Cariri correndo sobre a sua face e os seus cabelos.

Tombou Joaquim descrente da justiça dos homens. Confiava unicamente em Deus e em Nossa Senhora da Conceição. Foi o que disse, pouco antes de ser fuzilado, ao seu advogado, o presbítero José Manoel dos Santos Brígido, quando este tentou convencê-lo a recorrer da sentença.

"Não, meu padre, não acredito na justiça da terra, encomendo minha alma a Deus e a Nossa Senhora da Conceição".

As vistas de Alencar, o seu ódio, a sua mão de ferro estavam, porém, voltadas para o Ipu, para São Gonçalo da Serra dos Côcos, para a Boa Esperança, donde o espreitavam Alexandre Mourão e seus irmãos e apaniguados, protegidos do Barão do Icó, correligionários políticos dos Fernandes Vieira, do Infincado, carcarás de vôo sereno, fidalgos do sertão.

Era ali, na Serra dos Côcos, que o Senador queria alcançá-los, a todos eles, os Mourões, seus desafetos políticos.

Esperava, apenas, o momento azado para investir contra Alexandre, cujas aventuras se tornavam lenda e anedota no sertão. Cujas peripécias e andaduras faziam rir a todos.

O Tenente-Coronel João da Costa Alecrim, por exemplo, um dos coiteiros e amigos de Vicente Lopes de Negreiros, tinha um nariz suposto. Alexandre ataca-o num paiol de algodão, onde julgava estar escondido também Vicente Lopes. Alecrim foge, deixando o nariz como prêsca de guerra, que Alexandre exhibe às gentes do povo sob as gargalhadas dos cabras que o acompanham.

Mas o dono da fazenda onde isso aconteceu era um homem de prestígio, o Capitão Francisco Xavier de Sales, pai do Coronel Diogo Lopes de Araújo Sales, da Guarda Nacional. Chamava-se Serrote essa

fazenda do sertão de Tamboril, e corria o ano de 1830. A influência de Diogo ia do Ceará ao Maranhão. Prestígio de capitão, promovido, mas tarde, a coronel de Milícias.

Alexandre narra nas suas memórias esse episódio, naquele seu modo cínico e primário:

“O Coronel Diogo Sales, despeitado do que eu tinha feito em casa do Pai, sem dar apelo, tinha ido ao Rio de Janeiro, e lá com o Padre Pacheco, então Deputado-Geral, fez sua representação ao Governo. O Padre Alencar, que se não esquecia de fazer o mal, aproveita a ocasião, concordou com o Capitão-mor Paula (Francisco de Paula Pessoa, chefe liberal e mais tarde Senador do Império) e seu sogro, o Coronel Vicente Alves da Fonseca, reduzir-nos a seu partido, ameaçando-nos com a perseguição, se não quiséssemos, e se quiséssemos, permitia acabar com a representação do Coronel Diogo...”

Alexandre Mourão, pai, concorda em ceder dois dos filhos, Antônio e João Ribeiro Mourão, ao partido do Senador. Mas os carcarás de Sobral acham essa cessão uma indignidade, uma concessão suja. Também pensam assim os conservadores de Fortaleza, mais finos e educados na sua oposição ao Presidente Provincial. Este, por sua vez, não gosta de adesões pela metade. Ou todos os Mourões no seu partido, ou nenhum.

Alencar despacha ao sertão de Ipu o Tenente José Félix Bandeira, com uma volante de quarenta praças, para varrer os Mourões da face da serra e da planície. Tomar-lhes os bens, arrasar-lhes as fazendas, fazer-lhes todo o mal possível imaginário.

Em seu reduto, no coração do feudo, no Boa Esperança, os Mourões aguardam a cutelada do Senador, que lhes cortará as cabeças.

Alexandre Mourão havia dito ao velho Sales, do Serrote, falando sobre Vicente Lopes:

“Enquanto eu viver, meu serviço será procurá-lo, onde quer que eu saiba dele”.

Alencar manobra dessa forma com violência e rapidez. Liquidaria os Mourões e vingaria os seus amigos, o Padre Manoel

Pacheco Pimentel e o seu sobrinho Tenente-Coronel João da Costa Alecrim, que, com ele, haviam sido eleitos, outrora, deputados à Confederação do Equador, sediada em Pernambuco, das ofensas feitas pelo clã selvagem, estabelecido e fortificado na Serra dos Côcos (denominação local da parte meridional da Serra da Ibiapaba).

(do livro "O Bacamarte dos Mourões", Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1996).

"AS QUATRO SERGIPANAS"

José Emerson Monteiro Lacerda

Eis o título de livro publicado pela Universidade Federal do Ceará, autoria de Padre F. Montenegro, com prefácio do Dr. Raimundo de Oliveira Borges, voltado ao registro de nossas heranças colonizadoras, troncos genealógicos dos primeiros habitantes portugueses da grei cearense do interior, trabalhado de nível elevado, fruto de pesquisas corretas, lançado em 1996, e que só agora resolvi comentar, a fim de obedecer o instinto da Justiça, que transforma querer em dever.

Conheci Monsenhor Francisco Holanda Montenegro há mais de três décadas, quando seu discípulo no Colégio Diocesano do Crato, antes Ginásio do Crato, no decorrer dos sete anos de ginásial e científico. Tipo austero, magro, linheiro, alto, idealista, votado com êxito ao mister da sadia educação, profissão aliada ao sacerdócio católico que abraçou com afeto, no comando de um dos mais tradicionais educandários nordestinos, onde floriram várias gerações.

Cearense de Jucás, região dos Inhamuns, nasceu em 25 de fevereiro de 1913; escolheu o Cariri para exercício do seu apostolado, onde hoje desfruta do bem que produz, residindo no sopé da Serra do Araripe, junto de capela que ele mesmo construiu, orientando fiéis, cumprindo seus deveres de ofício, pesquisando e escrevendo,

vitalidade admirável pelo tanto e quanto tem se dedicado nesta vida.

Foi também professor da Faculdade de Filosofia do Crato e membro do Conselho Estadual de Educação do Estado, desempenhando sempre com amor as atribuições assumidas. É membro do Instituto Cultural do Cariri, em Crato, espécie de academia de letras, titular da cadeira nº 09, que tem como Patrono Dom Francisco de Assis Pires, após defender tese sobre o Monsenhor Rubens Gondim Lóssio, seu anterior ocupante.

O próximo trabalho do Monsenhor, como o denominamos com carinho, é pesquisa, cuidadosa como foi seu primeiro livro, sobre a vida e a obra do Padre Marcos, personagem destacada nos rincões piauienses, onde viveu a cumprir função civilizadora, sendo nome adotado pela cidade que ajudou a fundar e desenvolver. Trata-se de produção referente à fase heróica do Nordeste, vista sob prisma positivo, longe do estigma do fanatismo ou da violência, clichês repetitivos que mais se divulgam quanto a este lado de mundo.

Considero da maior importância a informação que vim de localizar às páginas 73 e 74 do livro, a qual resolvo transcrever, para efeito de útil divulgação: "No ano de 1819, quando o Governador da Bahia não era mais o Conde dos Arcos, mas um Governador mais humano e sensato, os presos eram tratados com mais benignidade e foi dado a Martiniano de Alencar visitar no cárcere sua mãe. Tiveram longa conferência e Martiniano, querendo atribuir a algum amigo na Corte a razão por que desde tanto tempo, presos eles, não tinham ainda sido condenados, BÁRBARA, sua Mãe, lhe disse que pensava de outro modo e começou a contar ao filho o que havia passado em Crato, depois do fracasso da Revolução, em casa da DONA MATILDES. Disse ela: "...Como aquela mulher, nossa parenta, me edificou com a sua generosidade e com a sua bondade!...Ela me recebeu em sua casa como se recebe uma amiga das melhores, das mais queridas. Eu fui esbarrar em sua casa, na manhã do dia 22 de maio. Sem querer, perdida na mata, amanheci o dia nos fundos da sua casa. Fui tratada como se fosse a pessoa mais importante que havia ali. Mandou chamar seu filho, o Juiz Ordinário do Crato, que tinha sido demitido pela Revolução, e readmitido no cargo. E

ouvi, do quarto vizinho onde me encontrava, o que eles conversavam. E ela disse para seu filho: - Mande queimar todos os papéis e Atas arquivadas pela contra Revolução, no Paço da Câmara...E eu escutei todo o diálogo entre ela e o filho, o Juiz Manoel Joaquim Telles". - E concluindo a sua conversa com o seu filho Martiniano, na prisão, disse para ele categoricamente: "SEM PROVAS NÓS NÃO PODERÍAMOS SER LICITAMENTE CONDENADOS À MORTE..."

"Martiniano de Alencar não conhecia esses fatos. E concordou, prontamente, com sua Mãe. E daí por diante, todos os da Família Alencar ficaram convencidos de que foi, realmente, DONA MATILDES TELLES o Anjo da Guarda de toda a Família."

Assim, ao consignar o valor dessa publicação de sua autoria, enalteço nestas palavras ligeiras a personalidade do Padre Montenegro, preceptor dos milhares de jovens que merecem a honra de tê-lo como orientador moral e intelectual, dentre os quais me acho relacionado. E não tenho dúvida de que Deus já lhe retribui centuplicado o melhor que vem oferecendo ao semelhante, na paz de uma consciência tranqüila, fruto raro do dever cumprido.

Palavras Para Giovanni Livônio Sampaio

Por Luiza Maria Moreira Sampaio

Eu queria dizer um pouco quem foi Giovanni. Não só o Giovanni médico, mas, principalmente, o Giovanni esposo e chefe de família.

Quem quisesse poderia ter tido a oportunidade de ver, toda manhã Giovanni sair de casa acompanhado de pessoas humildes a quem ele tinha garantido atendimento gratuito da vista. Eram pessoas essas que, na maioria das vezes, ele nunca nem tinha visto, mas, que as socorria por caridade e espírito missionário que a profissão lhe embutia. Chegando ao consultório, antes tendo cumprimentado a todos da praça e principalmente aos pipoqueiros que não me deixam mentir, ele se dirigia a sua sala e de lá só saía depois de ter atendido o último paciente, chegando em casa para almoçar, na maioria das vezes, depois das 15:00hs e tendo dias que só retornava para jantar, emendando os dois expedientes que dava diariamente. Mas isso não alterava sua maneira mansa de ser. Era sempre a mesma pessoa. Às vezes, dispensava aos seus pacientes, principalmente aos mais idosos, horas só de conversa, querendo descobrir laços familiares entre eles ou defendendo pontos de vista do qual era convicto de sua veracidade, como, por exemplo, sobre a Monarquia, como forma de governo mais justa.

Giovanni era incapaz de uma indelicadeza, de um mal trato, de uma indisposição. Ele amava a sua profissão e fazia dela sua porta de entrada para o céu. Para ele, a ética estava acima de tudo. Jamais ousou ser remunerado por um serviço indevidamente. Jamais indicou ato cirúrgico sem a expressa necessidade. Devolvia consultas de muitos pacientes humildes e fazia cirurgias gratuitas em muitos cuja vida lhe havia tirado a visão.

Participava dos principais Congressos Médicos do Brasil e procurava manter-se sempre atualizado dos progressos da Oftalmologia. Foi pioneiro em muitos procedimentos médicos e na utilização de equipamentos, tendo em vista, ser o único a fazer cirurgia com Yag-laser do Cariri. Ele acompanhava o progresso do mundo,

porém, mantinha-se conservador no que diz respeito a moral e a ética.

Como pai, Giovanni representava o expoente do que é ser "pai". Extremamente participativo, extremamente paciente e compreensivo sem nunca faltar também a autoridade nas horas da provação. Ele ficava horas explicando detalhes aos filhos. Explicação essa que, na maioria das vezes, poderia ser dada em um minuto por um pai menos presente. Ele ia ao dicionário, a enciclopédia, mas jamais deixava nos filhos uma pequena dúvida. Muitas vezes ensinava as tarefas de casa e perguntava para a prova. Aconselhava na moral e na conduta. Dava, com seu exemplo, tudo o que um filho precisava ver em um pai. Em suas viagens, sempre levava os filhos e a esposa. Do avião, mostrava todos os acidentes geográficos, fazendo da viagem, além de um passeio turístico, um turismo cultural. Nas cidades que visitava, levava as crianças aos museus, aos parques e pontos turísticos e tinha aversão a fazer compras. Era simples de corpo e alma.

Na escola, ia a todas as apresentações e festas para prestigiar os filhos. Me lembro da Primeira Comunhão do Pedro Ivan, nosso filho mais velho, que se deu agora em novembro, ele dizendo: " - Luiza, eu vou de terno para que Pedro Ivan compreenda o valor tão grande que tem a Primeira Eucaristia".

Ele era apaixonado pelos filhos. Vivia me dizendo em tom baixo para que eles não ouvissem. " - Luiza, Pedrinho está lindo! - Luiza, olha como Arininha é linda! - Como Estevinho é tão interessante e lindo"!

Todo dia trazia moedinha para os filhos quando vinha do trabalho. Quando o portão da frente se mexia, as crianças corriam para beijá-lo e receber seu quinhão.

Com Arininha, era dengoso. Chamava ela de dindinha e fazia seus gostos. Colocava-a para dormir e vivia beijando suas bochechas. Com os meninos mostrava masculinidade. Incentivava gostar de gado e de futebol. Quando ia a fazenda, íamos todos, mas quando eu me encontrava impossibilitada, ele levava os meninos.

Ele fazia as crianças valorizarem o que realmente tinha valor:

A amizade, o companheirismo, o patriotismo, a tradição, a religião e a família. A sua vida foi um exemplo disso tudo. Seguiu a linha da retidão e ensinava os filhos a acompanhá-lo.

Como marido, seriam necessárias infinitas linhas para descrever o que ele foi. Mas, abreviando em poucas palavras, eu posso dizer que ele era perfeito. Isso, porque era amigo, era companheiro, era sempre meu partidário, era minha força, minha alegria e meu viver.

Ele acordava me beijando e dormia me beijando. Ele me achava a mais bonita, a mais inteligente, a mais capaz e sentia uma necessidade permanente de mim. Muitas vezes, ele me pedia para nunca ficar longe dele. Quando íamos dormir, ele dizia que aquele momento era da mais completa felicidade.

Todos que podem me ouvir, poderão estar pensando que estou florindo nossa vida porque, agora, ele morreu. Mas, nossa intimidade era ímpar. Nós compartilhávamos tudo todos os dias e nos amávamos cada vez mais a cada segundo. Pessoas íntimas minhas sabem que isso era verdade. Nós éramos o casal perfeito num mundo tão imperfeito.

Eu sempre dizia que tinha medo que algo de ruim acontecesse na minha vida porque tudo era bom! Tudo era tão perfeito!

E o que ninguém esperava aconteceu! Giovanni, 50 anos, um homem que se preocupava em fazer exercícios físicos todos os dias, que só se alimentava de frutas pela manhã, que só comia carne branca no almoço, Deus escolheu para levar. Escolheu porque ele era bom e santo e Deus só quer o que é bom e santo.

Deixou-me com 33 anos e três crianças pequenas: Pedro Ivan com 11 anos, Arina Maria com 9 anos e Luís Estevão com 7 anos. São frutos do nosso amor.

Ai me vem a cabeça porque Deus quis separar Giovanni da gente! Nós que éramos tão felizes! Que procurávamos seguir as leis de Deus!

Depois que minha mãe me mostrou, na bíblia, a vida de Jó, eu pude transferir, para mim, guardadas as devidas proporções, o

que Deus talvez queira de mim.

Jó era um servo fiel a Deus e possuidor de muitos bens. O demônio disse a Deus que ele só era temente porque não havia lhe ocorrido provações. Deus permitiu, então, que o demônio lhe tirasse tudo, inclusive a saúde, menos a vida. Jó perseverou na fé apesar de todos os infortúnios.

Apesar de eu não ter as virtudes de Jó, acredito que Deus está me testando. Chegou a minha vez de dizer sim.

Vou tentar prosseguir, já que, não me resta outro caminho. A lembrança de Giovanni ficará sempre no meu coração. Não acredito que poderei resgatar a felicidade novamente. Mas como Maria fez, eu agora entrego tudo a vontade de Deus e espero nele meu consolo e harmonia.

Queria somente dizer a todos, que nesse mundo onde, às vezes, desacreditamos nos princípios, na verdade, na honestidade e que na maioria das vezes titubeamos e até nos acanhamos de segui-los, que, enquanto Giovanni viveu, eu fui feliz vivendo com todos esses princípios. Eles são, pois, possíveis! É possível se ser feliz e se ser bom!

Portanto, em nome dele, que tanto amou Barbalha, que tão reta foi a sua conduta, repensem em nossas vidas e saibamos desfrutar tudo de bom que ela tem, sem nunca desviar dos caminhos de Deus.

A todos que foram meu amparo nesse momento de grande dor, muito obrigada e que Deus, junto agora com Giovanni, ilumine a todos nós.

Giovanni, que agora me escuta, um beijo de grande amor e infinitas saudades. Da sua mulher que jamais se conformará com isso, mas que aceitará, em seu nome, a vontade de Deus.

Até qualquer dia!

Luiza Maria Moreira Sampaio.
Barbalha, 08 de Janeiro de 1998.

Nota da Redação: Dr. Giovanni Livônio Sampaio era médico-

oftalmologista, em Barbalha-CE. Faleceu em 02.01.98, em S. Paulo, e o corpo foi trazido para Barbalha, onde se deu o sepultamento. Era filho do casal Antônio Costa Sampaio - Lívia Callou Sampaio. Sua esposa, D. Luiza, é neta do ex-deputado Leão Sampaio, filha de Arina, uma das filhas do grande barbalhense.

LOUVAÇÃO A DR. BORGES!

Napoleão Tavares Neves

Era o ano longínquo, de 1943, já embaçado pela inexorável névoa dos dias! A Europa totalmente conflagrada pelos horrores da 2ª Guerra Mundial e com os seus valores da milenar civilização dizimados pelas armas mortíferas de Hitler e de Mussoline, algozes do gênero humano!

Estados Unidos, França e Inglaterra, à duras penas, sustentavam o que ainda restava das Democracias, mas os seus cientistas já maquinavam uma terrível arma que acabaria com a guerra em poucas horas! Incrédulo, o mundo ansiava por tal desfecho. Na surdina, gestacionava-se a Bomba Atômica! No Brasil, o ditador Vargas era extremamente sorridente, mas o seu governo muito repressivo e autoritarismo da ditadura! Governava o Ceará o Dr. Francisco de Meneses Pimentel, filho da ditadura.

No dia 5 de Novembro de 1943 adentrei o Crato pela primeira vez!

Deixar os encantos do engenho, no pé de serra de Porteiros, foi, até certo ponto, uma violência, necessária, embora!

Menino tímido de sítio e de fazenda, vinha carregado de saudades para aquele exílio! Ciceroneado por meu tio materno, Alboino Miranda Tavares, cheguei ao Crato na velha "sopa" do coronel João da Cruz, de Barbalha. Era assim que se chamava ônibus, então: "sopa".

A partir de Juazeiro, foi companheiro de viagem o jovem conterrâneo de Jardim, Ariovaldo Carvalho, já matriculado no saudoso

ginásio do Crato e, portanto, com ares de veterano. Seria ele meu futuro colega de ginásio proximamente e que, no desdobramento dos tempos, seria prefeito dessa cidade.

Não havia táxi ainda, de tal forma que um chapeado conduziu a minha bagagem até a pensão de dona Dulcina Norões, à rua Dr. João Pessoa, no segmento que hoje é rua Dr. Limaverde, exatamente onde Dr. Borges montaria seu escritório em certa época de sua vida. Quantas coincidências!

Fiquei de logo encantado com o Crato que me pareceu uma grande metrópole, embora só tivesse, então, dez mil habitantes!

Era o caleidoscópio da adolescência tudo colorindo!

A beleza dos jardins da praça Francisco Sá onde desci do ônibus, a sua imponente Coluna da Hora cujos dizeres de logo pareciam abrir o coração da cidade e a bela Fonte Luminosa, como que, me fascinaram! Foi amor à primeira vista que perdura até hoje!

Crato chorava, então, a perda do seu grande líder, prefeito Alexandre Arrais de Alencar, há três meses falecido, prefeito que iluminara a cidade com a força hidráulica da Nascente!

Naquele mesmo dia, já na alpendrada interna do Ginásio do Crato, conheci o seu jovem diretor, Padre Francisco de Holanda Montenegro, com a sua tonsura, a sua batina preta e o seu inseparável Breviário! Conheci também, logo naquele dia, a minha mestra, Professora Irene Cabral.

De posse da relação dos livros adotados, comprei-os na Livraria Ramiro, do livreiro Ramiro Maia, um livreiro diferente; comprei a farda na "Casa Abraão" e os sapatos na "Sapataria Azteca" cujo Z do nome me intrigou. Asfixiado pela canícula novembrina tomei um sorvete na "Sorveteria Cairú" e ao regressar para a pensão, cruzei por um jovem senhor muito bem trajado, com uniforme completo de linho rajado, gravata e sapato de duas cores, vermelho e branco. Aqueles sapatos de cores pouco usuais de logo chamaram-me a atenção e perguntei ao meu primo, já ginasião, Napoleão Neves da Luz: Quem é este senhor?

A resposta veio logo, de quem já era veterano no Crato, como ginasião: "É o Dr. Raimundo de Oliveira Borges, promotor público e

um futuroso advogado”!

Nas tortuosas estradas da vida, foi aquele o meu primeiro e fortuito encontro com o nosso ínclito homenageado de hoje.

Na época era prefeito municipal o Dr. Wilson Gonçalves, sempre sóbrio e sisudo, era juiz o Dr. Hermes Paraíba e o Bispo Diocesano era D. Francisco de Assis Pires que já havia construído o Palácio Episcopal com seus próprios recursos, ali empregando toda a herança que recebera do seu genitor!

A cidade já ouvia a Amplificadora Cratense na locução impecável de João Ramos.

O Instituto Cultural do Cariri ainda não existia, mas já se ouviam as estrondosas palmas dos jantares do Rotary Clube do Crato nos altos do Crato Hotel que era o ponto culminante da hotelaria em todo o interior do estado!

Foi este o Crato que me acolheu, Crato civicamente vibrante, cidade cultural por excelência onde, praticamente, o Nordeste estudava no seu modelar Ginásio do Crato, no Colégio Teresa, na Escola de Comércio e no tradicional Seminário São José!

Meus Senhores e Minhas Senhoras!

Hoje, nesta noite esplendorosa, aqui me encontro frente à frente com o Dr. Raimundo de Oliveira Borges, ambos já encanecidos pelas inexoráveis tintas dos anos! É, assim, momento para reflexão sobre os desígnios de Deus, Criador de todas as coisas!

Quem diria, hein, Dr. Borges, que aquele ocasional encontro de 1943, haveria de repetir-se tantas e tantas vezes, sobretudo hoje, quando, saudando-o, eu sou o grande homenageado do seu dia de homenagem! Paradoxal, mas verdadeiro!

Sim, buscado no meu tugúrio barbalhense para saudá-lo nesta noite, eu me encontro homenageado por sua escolha que o Colégio Pequeno Príncipe, bondosamente, ratificou. Se é verdade que o sândalo perfuma o machado que o corta, aqui o homenageado transfere a sua grandeza para os homenageantes!

Realmente, imprevisíveis são os caminhos do homem na face da terra! Quem de nós poderia sequer imaginar que aquele encontro fortuito de 1943 hoje aqui se repetisse, 54 anos depois, debaixo da

enorme pilha dos tempos?!

Realmente o homem é um viandante que na vida se põe em marcha sem saber o mapa dos seus destinos?

Pois o nosso destino, Dr. Borges, foi dadivoso para conosco e hoje nos trouxe ao recinto magnífico deste modelar educandário, forja de novos valores humanos, para esta noite de amenidades em que o senhor é mui justamente homenageado, homenagem que me sobra por apresentá-lo, cumprindo uma praxe formal destas solenidades, embora o senhor não precise ser apresentado ao Cariri.

Agradeço, Dr. Borges, ao senhor por esta desvanecedora escolha e ao colégio por sua plácida aceitação no momento em que me torno quase histórico por haver sido escolhido, consecutivamente em dois anos, para saudar e apresentar os galardoados com a Medalha Padre Ibiapina com que o Colégio Pequeno Príncipe homenageia os valores humanos desta heráldica cidade do Crato de tantas tradições culturais e cívicas!

A minha gratidão e o meu obrigado pela dupla confiança em mim depositada.

Meus Senhores e Minhas Senhoras!

O Colégio Pequeno Príncipe, brotado dos escombros da casa de caridade do Crato aqui fundada em 1869, andou mui acertadamente ao instituir a Medalha Pe. Ibiapina para ressaltar anualmente os grandes valores humanos desta terra de todos nós. Grandeza atrai grandeza, porque o Pe. Ibiapina foi uma das maiores figuras da Igreja Católica no Brasil em todos os tempos, segundo conceito do sociólogo Gilberto Freyre.

Na galeria dos seus justos homenageados já figuram dois expoentes da cultura regional: Sr. Ramiro de Carvalho Maia e Dr. Raimundo de Oliveira Borges, um livreiro e outro "devorador" e também criador de livros!

A livraria difunde o pão da mente, o livro, que seu Ramiro Maia tão bem soube fazê-lo em quase 60 anos de labor intelectual!

Dr. Borges soube, como ninguém, receber o pão da mente e multiplicá-lo na criatividade de sua inteligência sadia e produtiva, tendo o BEM por escopo! Como advogado, como jurista, defensor

público e mestre, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, no apagar das luzes dos seus bem vividos 90 anos, bem que, efetivamente, merecia esta linda homenagem! Que beleza!

Costumo alinhar o Dr. Borges na nossa extensa galeria de super homens, ao lado de Alceu de Amoroso Lima, Heráclito Sobral Pinto, Austragésilo de Atayde, Antônio Martins Filho, Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, Antônio Marchet Callou, homens indiferentes à idade na produção literária, gigantes da mente e do pensamento!

Efetivamente, só neste ano de 97 em curso Dr. Raimundo de Oliveira Borges burila, com mãos de mestre, mais duas obras para deleite mental dos seus amigos e admiradores entre os quais me incluo com grande honra.

Pensando, trabalhando, produzindo, Dr. Raimundo de Oliveira Borges nos aponta um caminho para uma velhice útil na defesa do BEM! Mandando às favas os reumatismos e esclerose, ele sobe a escada do seu escritório e produz. Seu exemplo deve ser referencial para todos nós e a acuidade sensitiva dos que fazem este modelar educandário, filho da visão de líder de D. Vicente Matos, soube muito bem captar este mérito consubstanciado nesta homenagem que o bronze eternizará pelos tempos afora! Efetivamente, nada mais verdadeiro do que aquilo que já ouvi do Pe. Roque Schneider: "Ler e escrever conserva sempre a jovialidade"!

Meu ilustre mestre, Dr. Raimundo de Oliveira Borges!

Parabéns por esta merecida homenagem! O senhor, como advogado modelo, como cidadão de escol e como homem de pensamento positivo, farol a iluminar toda uma geração, muito bem a merece e a engrandece muito antes mesmo de por ela ser engrandecido. Sabe muito bem o senhor que é um dos meus tipos inesquecíveis e que eu o considero um mito e todas as gentes necessitam de mitos e monumentos, segundo o ecologista Francisco Brennand, para sacudirem e despertarem suas potencialidades muitas vezes adormecidas. O Egito só é o Egito por causa de suas Pirâmides! Crato só é Crato por causa de Bárbara de Alencar! Juazeiro só é Juazeiro por causa do Pe. Cícero! Os mitos alimentam as comunidades!

Parabéns pela beleza desta homenagem e pelo acerto da escolha do ano! Efetivamente, Dr. Borges, vindo do engenho Taquari, no cimo verdejante da paradisíaca Serra de São Pedro do Crato, hoje Caririáçu, ao descer para o sopé da Chapada do Araripe, não desceu porque subiu descendo, encontrando ambiência mais apropriada para os seus altos vôos do pensamento! Descer do Engenho Taquari para o Batuque da Luanda, aqui foi subir! As grandes vidas muitas vezes, apresentam esses engraçados paradoxos.

A todos muito obrigado pelo esplendor desta deferência trazendo-lhe à berlinda desta noite engalanada, cenário de gigantes do pensamento que só o Crato sabe tão bem tecer e preparar!

Encerro com Antônio Barbosa de Freitas, por ser justo e adequado citá-lo: "As águias nascem pequenas,
Mas quando lhes crescem as penas,
Sabem bem alto subir!"

Crato, 06/06/97

ESPERANDO FÁTIMA

Wellington Alves

Estou, hoje, silente,
te esperando...
chega devagarinho...
sabes que és a minha proteção.

Se o tempo estiver bom
abriga-te em minha calma...

Mas se houver procelas,
protege-me com a tua calma...

Se houver distâncias
aproxima-me de tuas estradas...

Mas se estiveres perto
dá-me amor em teu beijo...

Se o inverno for pródigo,
narra-me o sabor da colheita...

Porém se for primavera
conta-me o cheiro das rosas...

E, ainda, se for outono,
deixa pra longe a saudade...

Pois a aridez do verão
vai brindar a nossa crença...

As saudades transbordantes
dos meus rios,
farão em nosso encontro
um feliz estuário...

preciso do teu encanto
- e do nosso encontro -
do teu feitiço
do teu amor
de tuas histórias
do teu mistério
da tua luz.

DR. JOAQUIM FERNANDES TELES

Dr. José de Aguiar Ramos *

Cuido em não negligenciar. Ao transpor o adro desta Academia, presto minha reverência ao seu grande patrono - ANTÔNIO ALFREDO JUSTA.

Dissipam-se as hesitações da hora decisiva, quando este novel viajor curva-se ante a excessiva responsabilidade de suceder ao Dr. JOSÉ ANASTÁCIO DE MAGALHÃES, na cadeira de nº 13, pertencente ao Dr. JOAQUIM FERNANDES TELES, seu patrono.

Constrange-me registrar que este austero vulto da medicina cearense, que foi José Anastácio, sempre lembrado, desertou do convívio de seus pares pela imparcialidade fria e incorruptível da morte, por passamento lamentado.

Recebo a senha de ingresso neste Sodalício, palco maior de meus anseios, hospedeiro imorredouro de meu alter ego, marco de desconhecido caminho a percorrer, por isso, apodera-se de mim nova ufania.

A ternura de minha gratidão a todos aqueles que encontraram em mim a habilidade para o ministério acadêmico.

Continuo minha fala e registro reflexões breves do patrono e o ex-ocupante da cadeira 13, como suscita o preceito acadêmico.

DR. JOAQUIM FERNANDES TELES

Patrono da cadeira nº 13, da Academia Cearense de Medicina
Crato - 1889 - 1970

BOSQUEJO PARA UM ENSAIO BIOGRÁFICO

Os TELES, abastados proprietários de engenhos, indústrias, agricultores e pecuaristas, foram um dos patronímicos que se destacaram no Crato, desde os fins do século XIX até a década de 50, do século atual.

Proponho-me apresentar o Dr. Joaquim Fernandes Teles, meu patrono, delineando suas principais atividades, comprometendo-me a completar sua biografia a posteriori.

Dr. Fernandes Teles, como era conhecido, esteve sempre à frente de seu tempo.

Homem de atividades poliédricas, conciliava, em simultaneidade, a Medicina, a Política, a Indústria, a Agricultura e a Pecuária.

Inteligência privilegiada, capacidade de trabalho e abastança foram as determinantes que condicionaram a vencer no seu compósito de ação.

A Sra. Ana Fernandes Teles apresentou ao mundo, em 15 de abril de 1889, o menino Joaquim, que se tornou Fernandes Teles, com descendência direta de Teodorico Teles de Quental, conhecido à época por "coronel" Teodorico.

Sendo o casal Ana-Teodorico, abastado proprietário rural, com reflexos francos no social e no político, não tardou que o "coronel" Teodorico, numa reprodução de modelos tradicionais, na década de vinte se tornasse Prefeito do Crato.

Iniciava-se a hegemonia política dos TELES.

Concluídos os estudos no antigo Seminário do Crato, Joaquim

Fernandes Teles orienta-se para Salvador, Bahia, para ingressar no curso de Medicina.

E, em 1911, inicia seu curso médico na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus.

Ainda, como acadêmico, trabalhou como auxiliar em clínica ortopédica e cirurgia infantil, no Hospital São João de Deus e na Maternidade Climênio de Oliveira.

Titulou-se em Medicina em 26 de dezembro de 1916, concluindo o curso a sério, com remate de tese doutoral, versando sobre o tema "DA PUPILA E DA PAPILA DO ALIENADO".

A proposição de sua tese faz-se pensar que pretendia a especialização em Oftalmologia, e isso parece verdade, uma vez que, ao retorno à sua terra, em 1917, se inclinou para esse exercício da Medicina. Possivelmente pela alta incidência de oftalmia que grassava na época, entendida por tracoma, ainda hoje endêmica naquela região.

Sua passagem por essa especialidade foi efêmera.

Optou pela prática da Obstetrícia em face da alta mortalidade materno-fetal.

Num gesto de desprendimento, partejou muitas clientes e iniciou a especialidade no Vale do Cariri, atendendo, preferentemente, às mães pobres, com total impossibilidade de estipêndio.

Talvez o primeiro cratense a exercer a especialização da maiêutica; logicamente, através do autodidatismo e da prática diária.

Mas, a região carecia de um hospital.

A primeira tentativa de uma organização hospitalar ocorreu em 1932.

Dom Francisco de Assis Pires, com prévia anuência de irmãs religiosas, deliberou apropriar-se de parte das instalações da Casa de Caridade, deixada pelo Pe. Ibiapina, a fim de abrigar o estabelecimento nosocomial reclamado. O Dr. Fernandes Teles estava entusiasmado com a florescente idéia, e as obras estruturais de adaptações foram iniciadas, porém logo suspensas para uma finalidade mais premente: abrigar no local os retirantes que apelavam para o lenitivo ao abandono em face da seca de 1932, que iniciava

com o seu flagelo.

Atenuada a tragédia climática, reorganiza-se a economia da região e o entusiasmo das obras do hospital é robustecido.

O sonho do hospital consolidou-se em 23 de dezembro de 1936.

Principiam os primeiros dias do Hospital São Francisco do Crato, estabelecendo-se as bases científicas da Medicina, no Sul do Estado.

Dr. Fernandes Teles exercitou, diuturnamente, a obstetria nesse hospital, dotado de condições mínimas para o exercício pleno da profissão, conseguindo reverter o quadro de mortalidade materna na região, de forma enfática. Foi seu Diretor por vários anos.

A cidade se expandia e o hospital pioneiro era procurado não somente pela comunidade do vale, mas também dos Estados circunvizinhos.

Encontrava-se subdimensionado para a demanda, carecia de um novo prédio, com os aparatos da modernidade médica, e começava assim nova etapa da construção do novo Hospital São Francisco.

Dr. Fernandes Teles teve influência decisiva, já na condição de Deputado Federal, sobre que falarei mais adiante, quando abordá-lo como político, no novo prédio que construiu.

E, em 19 de agosto de 1951, é inaugurado o novo hospital com a transferência do acervo do antigo edifício para o recém-construído.

Anexo ao hospital, foi construída a Maternidade Fernandes Teles, inaugurada em 21 de dezembro de 1952, ficando sob a direção e trabalho como obstetra, do patrono da cadeira nº 13 desta Academia.

A semente não foi em vão, hoje o complexo hospitalar, imponente, com cinco pavilhões, defronte à praça Alexandre Arraes, no Parque Municipal, em Crato, fala bem alto o nome de Joaquim Fernandes Teles.

Com o Hospital São Francisco inaugurado em 1936, o novo prédio em 1951 e Maternidade Fernandes Teles em 1952, estava corporificado o sonho de Dr. Fernandes Teles, dotando a sua terra

com primeiro hospital do vale.

Preocupada a personalidade em foco com o sentido gregário de aglutinar os médicos do Cariri, bem como com sua educação continuada, é fundada a Seção Cariri do Centro Médico Cearense, em 19 de março de 1953, na gestão Paulo de Melo Machado, cujo primeiro-Presidente foi o próprio Dr. Fernandes Teles.

O POLÍTICO

Com o falecimento de seu genitor, em 1921, tomou as rédeas do Partido Conservador.

Tornou-se Prefeito do Crato em 1928 e 1934. Organizou o código de postura do Município, considerado avançado para a época, e a urbanística ganhou contornos definidos, além de medidas de ordem higiênica, tratou dos meios de comunicação, incentivando o serviço rodoviário. Criou escolas.

Em 1935, aparece eleito Deputado à Assembléia Estadual do Ceará, sexta Constituinte do Estado, onde permaneceu até 1937, quando o governo Vargas dá o golpe de Estado, anulando a Carta Magna e criando o Estado Novo.

Com o fim do Estado Novo e a consequente redemocratização do País, elegeu-se Deputado à Assembléia Nacional Constituinte, em dezembro de 1945, na legenda da União Democrática Nacional (UDN). Assumindo sua cadeira em fevereiro do ano seguinte, participou dos trabalhos constituintes e, com a promulgação da nova Carta, em 18 de setembro de 1946, passou a exercer o mandato ordinário, atuando como membro da Comissão Permanente de Transporte e Comunicações. Reelegeu-se em seu último mandato, em 1950.

O INDUSTRIAL, O AGROPECUARISTA

O INDUSTRIAL, O AGROPECUARISTA

Proprietário agrícola, o Dr. Teles foi sócio-fundador e Presidente da Associação Agrícola e Pastoril do Cariri, tendo sido iniciador da lavoura mecanizada.

Também organizador das primeira empresa da indústria açucareira do Ceará e da primeira para o fabrico de papel, usando como matéria-prima o refugo da cana de açúcar, o seu bagaço. Na pecuária introduziu raças bovinas de gado vacum de excelentes procedências, cultivando o aprimoramento dos rebanhos.

“Era um entusiasta do campo, da fixação do homem à terra, da valorização da agricultura, meta primária da economia”.

INTEGRAÇÃO FAMILIAR

Contraiu núpcias com Ana Monteiro Teles, filha de rico capitalista, Sr. José Rodrigues Monteiro, a qual, viúva de Audisio Bayma, e trazia consigo uma filha, Maria Audísia. O casal Joaquim-Ana teve sete filhos, havendo cuidado bem da família: Dr. Hermano, engenheiro agrônomo, ex-Deputado Federal e Suptente de Senador (falecido); Dr. Caio, veterinário; Dr. Joaquim Filho, químico industrial; Dr. Maurício, médico, falecido; Luíza Helena, Tereza Maria, Ana Guilhermina, e Maria Audísia (enteada), professoras.

Dr. Joaquim Fernandes Teles faleceu em 04 de maio de 1970, ocorrendo-lhe o desenlace no mesmo hospital que fundara.

MISCELÂNEA ENCOMIÁSTICA

- o que se disse do Dr. Fernandes Teles:

· Cel. Joaquim Pinheiro Filho - “Seu destino foi uma ascensão gloriosa em linha reta para a vitória”.

· Pe. Antônio Gomes Araújo - “Imprimiu à sua clínica o carisma do sacerdócio, em ação no mais amplo conceito da palavra. Subordinou-se ao sentimento humanitário. Marcou-a com o sinete da caridade. Sobre o ângulo de mérito, é, sem hipérbole nem favor,

o maior dos cratenses”.

J. de Figueiredo Filho, em crônica sobre sua morte - “Dr. Teles não existia mais. Teve ele fortuna, posição; mas soube fazer-se estimar por todo mundo. Quanto mais elevado esteve, mais espargia o bem em torno de si. O poder e o dinheiro nunca o ofuscaram. Deixou rastro luminoso em todas as posições que ocupou...Era outro pedaço bom de nosso Crato que se ia. Dr. Teles pertence hoje à posteridade”.

Sua glorificação se alargou: emprestou seu nome, mais uma vez, a uma praça, na cidade do Crato - Praça Dr. Joaquim Fernandes Teles, no bairro do Pimenta.

Os fundadores de nossa Academia perpetuaram seu nome, deixando-o ad aeternum, na cadeira de número 13, em que se grava DR. JOAQUIM FERNANDES TELES.

Honrado senti-me e ao mesmo tempo prazeroso por organizar este bosquejo sobre sua vida e orgulhoso fiquei por ter sido o primeiro ocupante da cadeira - , sendo terceiro da corrente espiritual dos que nela tomam assento - , a esboçar o que acabei de expor.

PROF. JOSÉ ANASTÁCIO DE MAGALHÃES

Ex-ocupante da Cadeira nº 13
Aurora - 1924 - Fortaleza - 1996

O afável médico que foi José Anastácio de Magalhães, praticante de uma medicina desvelada, de ética irreprochável, principiou sua história em 20 de outubro de 1924, na pequena e aprazível cidade de Aurora, integrada no complexo sócio-econômico dos sertões do Cariri, com todas as suas tradições, dificuldades e valores sertanejos.

Filho de Frederico Pinheiro Magalhães, comerciante, e Amália Leite Magalhães, dotada de prendas domésticas.

A família transferiu-se definitivamente para Fortaleza em 1935.

Concluiu o curso ginasial no Liceu do Ceará, aos 16 anos de idade.

Desloca-se para Salvador, Bahia, a fim de cursar Medicina e titulouse-se aos 24 anos de idade.

Na condição de acadêmico, prestou concurso na Clínica Obstétrica de sua Faculdade, onde foi interno chefe por dois anos.

Um chamativo telúrico faz retornar a Fortaleza o recém-formado, que recusa o oferecido posto de direção hospitalar na cidade de Alagoinhas, interior do Estado da Bahia.

Teve uma passagem meteórica, como obstetra, na Maternidade da cidade de Quixadá, onde clinicou por tempo diminuto.

Preferiu a cidade grande, Fortaleza, ingressando de imediato na Maternidade Dr. João Moreira, que atendia as mães desamparadas.

Outro fato demarcador de sua vida em 1950, quando contraiu núpcias com a Sra. Zuleide Cardoso Magalhães, com quem veio a ter cinco filhos.

A nossa Faculdade de Medicina era nascente, em plena infância de seu funcionamento. A determinação do Dr. Anastácio pela Obstetrícia fê-lo ingressar, em 1951, no ensino médico, na condição de Professor Assistente do Dr. José Galba Araújo, regente da cadeira, ministrando aulas teóricas e práticas aos discentes por 31 anos, quando se deu a sua aposentadoria, já na categoria de Professor Adjunto.

Quando corria o ano de 1967, observou que estava necessitando de uma reciclagem. Encaminha-se ao Uruguai, e recebe curso no Serviço de Obstetrícia do Prof. Roberto Caldeia Barcia, uma das mais famosas escolas de Obstetrícia da América Latina à época.

A lucidez do Prof. Chagas de Oliveira, diretor da Maternidade Escola em 1989, reconduz o Prof. Anastácio Magalhães para o ensino, não permitindo que sua experiência acumulada por várias décadas se esvaecesse e assim o meu antecessor prosseguiu seu trabalho naquela casa, a lecionar, continuando a atuar ali, em harmonia com o Prof. Chagas, até o seu falecimento.

Na clínica privada, projetou seu nome rapidamente, como

obstetra de escol e partejou numerosas clientes por mais de três décadas, constuindo uma das clínicas mais conceituadas e mais procuradas não só no nosso Estado, como nos vizinhos.

Pelos relevantes serviços prestados à especialidade, em abril de 1989, recebeu a placa de "Honra ao Mérito", conferida pela Sociedade Cearense de Ginecologia e Obstetrícia.

O reconhecimento pela comunidade, das atividades de toda a sua vida profissional, levou o Sistema de Comunicações Verdes Mares a agraciá-lo com a comenda "Sereia de Ouro" em outubro de 1993, honrando, com essa premiação, uma vida, em que o esforço, a vontade, a inteligência e a ação se congregaram sempre para o bem.

Dr. Anastácio tomou posse como Acadêmico, neste Sodalício, em 10 de novembro de 1989.

Em 06 de abril de 1996, em seu sítio, em descanso das fadigas do labor, "Anastácio os olhos cerra e morre".

As considerações contidas nesta singela crônica, despretensiosa, longe de compor um ensaio biográfico, tiveram por escopo reconstituir a atividade profissional e de mestre, que foi Anastácio Magalhães, visto perfunctoriamente desde o raiar do dia de sua nascença ao lóbrego ocaso de sua partida.

Anastácio não era afeito a escrever. Obras, não as deixou.

Deixou amigos e discípulos.

Transmitiu a sensação de leveza e de paz, que sempre sugeriu invadir em sua consciência.

Obcecado pela profissão, irradiou lições de sabedoria, experiência e bonomia, que eram determinantes do obstetra nato.

Alcanço o epílogo de minha palração.

Enfatizo o meu recipiêdo, confrade Vinícius Antonius de Barros Leal, o meu reconhecimento pela urdidura laudatória de sua alocução.

Sou, igualmente, grato a todos aqui presentes que me ouviram com paciência beneditina.

Abdico de recursos ritualísticos para pôr termo à minha fala.

E para que passe incólume o meu viés, simulacro de orador,

acolita-me o violeiro Anselmo Vieira de Sousa, lá das faldas da Ibiapina, com registro em Leonardo Mota: peço-lhe, por empréstimo, uma de suas sextilhas, com cabal respeito à ortografia:

“PREU CANTÁ NA SUA CASA,
MEU PATRÃO, ME DÊ LICENÇA!
SE A CANTIGA NÃO FÔ BOA,
DESCULPE VOSSA INCELENÇA
QUE, ÀS VEZ, AS COISA NÃO SAI
DO JEITO QUE A GENTE PENSA”.

Logo mais, na aurora de amanhã, arrimado no meu bordão, ponho a mochila às costas, a tiracolo o meu embornal de Acadêmico, pleno de anelos, principio a nova caminhada...

(*) Discurso pronunciado na Academia Cearense de Medicina, pelo Ac. José de Aguiar Ramos, em 14 de novembro de 1996 - sessão solene no Auditório Castelo Branco - Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Cadeira nº 13, Patrono, Dr. Joaquim Fernandes Teles.

Colaboraram com subsídios acerca da vida do DR. JOAQUIM FERNANDES TELES: Lúcio Gonçalo Alcântara (médico e senador), J. Lindemberg Aquino (jornalista e historiador) e Napoleão Tavares Neves (médico e historiador).

EDIVAL TÁVORA, GRANDE ARTÍFICE DA HISTÓRIA

- Honrosa missiva -

Prezado Dr. Edival:

Tenho recebido, com regularidade, sua apreciável correspondência sobre assunto apaixonante que domina com tanta argúcia e maestria.

Vocacionado à política, perquiridor e conhecedor profundo dessa arte, vem procurando partilhar seus vastos conhecimentos com tantos quantos precisam apreciá-la melhor.

Concordo, plenamente, com o Dr. Raimundo O. Borges quando "projeta para o futuro" o trabalho que ora faz pacientemente com tanto amor e denodo. O esforço que despende nesse sentido, além de gratificante, se constitui um lazer sadio para sua mente sempre bem comportada.

Você, com sua habilidade, agudeza e pertinácia é hoje, com seu arquivo, um referencial, uma fonte segura para os que se dedicam ao estudo da história política do Ceará.

Seu documentário farto, pojado de dados e de fatos, é um repositório precioso, verdadeiro relicário de informações, fruto de muitas canseiras e de amor ao trabalho.

Segundo meu modo de pensar, a história política do Ceará, para ser inteligente e veraz tem que passar por você, por seu arquivo opulento, tão bem estruturado.

Seu gesto declinando do convite para a Academia Caririense de Letras do Cariri - honraria que enaltece, enobrece, enquanto envaidece a tantos, que até se insinuam para merecê-la - para você essa distinção seria, por certo, mais um ônus, uma responsabilidade a mais.

Enquanto o sodalício estreante se priva de ter em seus quadros um valoroso consórcio de seu quilate, mais nobre o louvável,

certamente, é sua atitude de altruísmo, de abnegação, infelizmente, por poucos tomada.

Com votos de boa saúde e o apreço de sempre, sou pequeno servo em J.C.

(Côn.Aluizio Rocha Barreto).
Fortaleza, 03 de junho de 1997.

DR. EDIVAL TÁVORA PRESTA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA.



Uma contribuição inigualável e de um valor incomensurável vem sendo prestada pelo Dr. Edival de Melo Távora (foto) à história cearense. Ele reúne em álbuns bem tratados e vem apresentados, documentos e fotos as mais diversas, depoimentos, estudos, etc, sobre os Municípios do Estado.

Já tem mais de duzentas e cinquenta Pastas com os Municípios. Há muitas fotos e muitos documentos raros xerocados. O Crato tem já duas Pastas e ele está fazendo a terceira, sobre a Princesa do Cariri. Somente o futuro saberá avaliar o valor dessa contribuição histórica do ex-deputado, ex-Secretário de Agricultura e intelectual de valor, que se tem dedicado a essa extraordinária contribuição à memória cearense. Parabéns.

ICC ENCONTRANDO DIFICULDADES PARA SEDE PRÓPRIA

O Instituto Cultural do Cariri procurou se habilitar aos favores da Lei Jereissati, para carrear recursos, mediante transferencias do ICMS, para possibilitar a construção de sua sede própria.

A instituição tem terreno doado para esse fim, desde 1977, pelo ex-Prefeito Ariovald Carvalho.

Procuramos atender, de todas as maneiras, a todas as exigências da Secretararia de Cultura no Estado. Preparamos o processo geral. Mas esse Processo tem sido sistematicamente devolvido, apontando erros, exigindo corrigendas, inclusive, até, no cálculos das fundações e outros erros que são, sempre, apontados. Isso já vai com quase dois anos.

O processo já foi e voltou várias vezes. Já atendeu todas as exigências possíveis... Mas continua engavetado!

Pelo visto, falta uma palavra na Secretaria de Cultura. Falta uma decisão política. Falta um amigo que possa dar um empurrãozinho. Até quando isso vai ficar assim, só Deus sabe!

ACADEMIA: UM ANO

A 15 de Março de 98 fez um ano da fundação oficial da Academia Cariariense de Letras, em Crato. Mas até agora não foi possível a sua instalação oficial e o início do seu funcionamento. Tudo se acha emperrado, agravado com a crônica dificuldade econômica dos dias presentes. Esperamos que raiem melhores dias para a Cultura.

DR. PIO SAMPAIO, MÉDICO OU ANJO?

Napoleão Tavares Neves

No dia 13/12/96, faleceu placidamente em Fortaleza, com a prolecta idade de 93 anos, e grande médico barbalhense, Dr. Pio Sampaio, um nome para a nossa história!

Foi um grande médico: competente, humano, caridoso, reto, sério, um santo homem e um homem santo! Aliás, seu nome foi uma homenagem à série de papas da Igreja Católica, sobretudo a partir de Pio IX.

Foi um cidadão de escol: bom homem, bom chefe de família, bom amigo, bom parente, bom colega e magnífica vocação médica.

Como católico praticante, foi um verdadeiro sacerdote leigo! E me fica a pergunta no ar: Será se Hipócrates, o pai da Medicina, foi como Pio Sampaio? Duvido!

Mas sei que Pio Sampaio como médico e como católico foi igual a São Vicente de Paulo. Aliás, ele era grande admirador de São Vicente de Paulo, vicentino convicto que era.

Quando a Conferência de São Vicente de Paulo, de Barbalha, completou 100 anos, Dr. Pio Sampaio veio de Fortaleza chefiando uma caravana de vicentinos para as justas comemorações! E foi a última vez que veio à sua Barbalha querida a quem deu o melhor das suas santas energias como médico realmente hipocrático, verdadeiro São Vicente de bata! Personalidade granítica, conduta reta como uma flecha, Dr. Pio era indobrável nos seus conceitos sempre muito ético dentro e fora da Medicina.

Homem verdadeiramente notável foi este Dr. Pio Sampaio que agora desapareceu da face da terra! Mas seu exemplo, entretanto, ficará para sempre. Tinha por ele uma grande admiração e uma afinidade quase filial. Senão vejamos: Foi ele o parteiro que me ajudou a vir ao mundo, em um trabalhoso parto de primípara, no sítio Belo Horizonte, de Jardim, no fim do já distante ano de 1930.

Naquela recuada época o transporte ainda era o cavalo!

Posteriormente, nos meus 9 anos de idade, salvou-me de uma insidiosa Pneumonia com Pleurite Seca, antes do advento dos antibióticos e do raio X no Cariri! Fui salvo por sua competência e dedicação, atravessando a Chapada do Araripe para socorrer-me em Jardim. Desta vez já foi de carro.

Quando terminei Medicina fora ele eleito Deputado Estadual e eu vim, não substituí-lo, pois era insubstituível, mas vim ocupar o seu lugar nas UDAS, Unidades Distribuidoras de Assistência Sanitária, em Barbalha, serviço sustentado pela Diocese do Crato em convênio com O Ministério da Saúde, na guerra contra o Tracoma, no Cariri. Gostei e nunca mais saí de Barbalha, enquanto Dr. Pio Sampaio ficou em Fortaleza até o dia de sua morte.

A parte de ontem, com certeza, Barbalha ficou mais pobre, sobretudo na sua paisagem humana, perdendo este grande filho que lhe prestou uma notável folha de serviço como médico e como cidadão. E neste final de página vale a pena repetir o Pe. Antônio Vieira: NÃO CHOREMOS O MORTO; OREMOS AO SANTO! (14-12-96).

DR. PIO SAMPAIO - MEU PAI
Por Dr. Marciano Lima Sampaio,
médico e seu filho caçula

A cidade quase adormecida, já se prepara para mergulhar na escuridão total. A cambaleante luz elétrica que um velho motor da Prefeitura levava as principais ruas e casas da cidade, já tinha dado o "sinal" que se extinguiria dali a 15 minutos. Na sala de espera de seu consultório, com seus bancos de madeira tosca, ainda restavam alguns doentes que, na certa, seriam atendidos à luz de vela. Eram pessoas simples do povo, velhos, crianças homens e mulheres que buscavam alívio para os males do corpo e para os sofrimentos do espírito. Moravam nas ruelas pobres que cercavam a minha cidade natal. Não vinham só para consultas; procuravam-no para pequenos procedimentos cirúrgicos e terapêuticos, curativos em chagas abertas pela vida no corpo e na alma. Eram atendidos, ouvidos e aconselhados, pacientemente, da mesma forma daqueles que, no período da tarde, puderam pagar suas consultas. Não havia limites...A partir das 19 horas, seu consultório era aberto, como uma Emergência pública da cidade. Naquele tempo, Barbalha não tinha Postos de Saúde nem Hospitais. Muitas vezes, quando percorria a Rua do Vídeo, de volta para casa, tendo no horizonte a silhueta branca da Igreja do Rosário, ouvia o badalar do relógio da Matriz, anunciando meia-noite!

Em casa, minha mãe o esperava para um jantar frugal; os filhos, já há muito adormecidos, dificilmente viam sua chegada do Consultório.

O amanhecer, freqüentemente, já trazia para sua casa alguns doentes crônicos mais dependentes e deprimidos, com seus lamentos, gemidos e queixumes. Eram acolhidos e confortados. Por volta das 7 h e 30 min, já saía de casa para exercer sua função de médico do Posto de Tracoma. Numa viatura oficial - usada única e exclusivamente em serviço - percorria, a cada dia, de segunda a sexta, os distritos de Barbalha, Crato, Juazeiro e Missão Velha, tratando os olhos de milhares

de portadores de tracoma, que, em décadas passadas, cegava tantos na região do Cariri. Eram viagens extenuantes, por caminhos tortuosos, íngremes, poeirentos ou encharcados, que o levavam ao Caldas, Arajara, Cabeceiras, Riacho do Meio, Santa Rita, Ponta da Serra, Lameiro, Santa Fé, Missão Nova, Brejão, Brejo Seco, Venha Ver, Estrela etc. Nestes Vilarejos, instalava-se numa escolinha ou numa capela, examinava e tratava a vista de dezenas e dezenas de pessoas. Quando voltava para casa, era quase meio-dia; isto, se um contratempo qualquer não o atrasasse para o almoço com a família.

Esta foi a rotina de meu pai, acho que por mais de 30 anos, em sua cidade natal. Falei em rotina; mas, como era quebrada frequentemente! Quantas e quantas madrugadas foram varadas por ele na cabeceira de enfermos agonizantes, parturientes e vítimas de violência? Quantas vezes não atravessou, no lombo de um cavalo, a Serra do Araripe, para atender a um chamado médico em Porteiras, Jardim e até cidades de Pernambuco?

No domingo, em que normalmente deveria descansar, levantava-se muito cedo para a missa das 7h na Matriz, que era seguida da Reunião Vicentina e da visita aos velhos assistidos pela sociedade de S.Vicente de Paula em Barbalha. Este hábito, ele o conservou aqui em Fortaleza, quase até o fim da vida, com o coração já dando sinais evidentes de falência!

Mesmo vivendo, com tal intensidade, a sua medicina-sacerdócio, participava ativamente da vida da comunidade barbalhense, integrando e liderando movimentos para melhorar a condição de vida do povo. Este engajamento o levou a uma militância política por motivações puramente ideológicas. Ligado profundamente à religião e ao clero, assumiu, como muitos católicos nas décadas de 30, 40 e 50, a dicotomia imposta pela guerra fria, posicionando-se intransigentemente contra o marxismo-leninismo, acreditando ser aquela doutrina o caminho de liquidação da igreja.

Exerceu um mandato de Deputado Estadual com uma dignidade ímpar, e, em face disto, terminou transferindo-se para Fortaleza. Desistindo da política partidária, (Era um estranho no ninho) voltou a exercer a medicina no Serviço Público, com a mesma dedicação do período de Barbalha. As famílias das cercanias do Posto

de Saúde do Mucuripe são testemunhas do seu trabalho diário que manteve até que seu estado de saúde o impediu, com mais de 80 anos, de trabalhar regularmente. Mesmo aqui em Fortaleza, a sua casa não deixava de ser procurada diariamente por doentes que não conseguiam atendimento satisfatório nos Serviços públicos.

Senti-me na obrigação de dar testemunho desta atuação de meu pai, inclusive para os meus filhos, meus sobrinhos e para a comunidade aqui presente. Sei que aqui estão algumas testemunhas deste apostolado de serviço que foi a marca da vida dele, mas muitos não conheceram a sua dimensão exata!

No mundo de hoje, é até difícil conceber que alguém tenha vivido assim! Perdemos a capacidade de nos compadecer pelo sofrimento do outro, afastarmo-nos e enclausuramo-nos em guetos; para não entrarmos em contato com a horda de miséria e sofrimento que nos cerca; mergulhamos de cabeça nesta sociedade de consumo, tentando minimizar o tédio e o vazio a que nos levaram o nosso egoísmo, nossa omissão e o nosso isolamento; ardemos na fogueira do nosso orgulho e de nossa vaidade, esquecendo as lições dos Evangelhos.

DR. PIO POR SUA FILHA

A vida de meu pai foi a antítese de tudo isto. A sua religiosidade foi precedida por uma vida radicalmente cristã. A prática concreta do amor-doação, de uma humildade imensa, de uma brandura incomum, de uma paciência bíblica, de uma fé inquebrantável e de um compromisso irrestrito com a verdade foram a base da sua oração permanente.

Momentos antes de sua morte, eu dizia que ele tinha sido testemunha de um tempo e de um mundo que não existiam mais. Nós, seus descendentes, temos obrigação de honrar sua memória e de agradecer a Deus o privilégio de uma convivência tão prolongada com ele.

Lúcia Sampaio

MEU PAI:
PIO DE SÁ BARRETO SAMPAIO

CURRICULUM VITAE
(RESUMO)

01. DADOS PESSOAIS:

NOME: Pio de Sá Barreto Sampaio

DATA DE NASCIMENTO: 26 de Maio de 1904

DATA DE FALECIMENTO: 13-12-96

LOCAL DE NASCIMENTO: Barbalha-CE

FILIAÇÃO: José de Sá Barreto Sampaio, Maria Costa Sampaio

FILHOS: Eudes Lima Sampaio, Lúcia Sampaio Castelo, Fátima Sampaio Silva, Roberto Lima Sampaio, Maria Tereza Sampaio Siqueira, Everardo Lima Sampaio, Marciano Lima Sampaio.

02. FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

DOUTOR EM MEDICINA, grau conferido pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (Antiga Universidade do Brasil) em julho de 1929, após ter sido aprovado com distinção em defesa de Tese;

ESPECIALISTA EM TRACOMA, título emitido pelo Departamento Nacional de Saúde do Ministério da Educação e Saúde localizado na cidade do Rio de Janeiro em novembro de 1947;

03. ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

MÉDICO GENERALISTA em Jardim e Barbalha, exercendo em sua cidade natal, atividades assistencialistas em consultório, por aproximadamente 3 décadas. Durante todos estes anos, no expediente noturno que muitas vezes se estendia até altas horas da noite, seu consultório era aberto ao povo de Barbalha, que na época

não tinha hospitais ou mesmo posto de Saúde.

MÉDICO DO POSTO DE TRACOMA de Barbalha - ligado ao Ministério da Saúde - de 1944 a 1959. Exercia esta atividade no chamado "Posto Móvel", que se deslocava de segunda a sexta feira, no período matutino para os mais diversos distritos de Barbalha, Crato, Juazeiro e Missão Velha, onde em escolas públicas e Capelas, tratava a população portadora de Tracoma. A partir de 1965, esta atividade no Serviço Público Federal, passou a ser exercida em Fortaleza, na Superintendência Regional da Sucam.

MÉDICO DA SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO CEARÁ de 1966 a 1990. Desenvolveu atividade assistencialista diária nos Postos de Saúde da Praça José de Alencar e do Mucuripe, até quase os 85 anos de idade.

04. MANDATOS LEGISLATIVOS, CARGO ADMINISTRATIVOS E PARTICIPAÇÃO EM SOCIEDADES BENEMÉRITAS:

VEREADOR DA CÂMARA MUNICIPAL DE BARBALHA no período de 1950 a 1955;

DEPUTADO ESTADUAL DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ no período de 1959 a 1963;

SECRETÁRIO ADJUNTO DE ADMINISTRAÇÃO do governo Virgílio Távora no período 1963 a 1966;

* De sua atuação como Dep.Estadual e Secretário de Estado Adjunto em favor de Barbalha, destaca-se a transformação do Distrito do Caldas em Estância Hidro-mineral, e implantação do Posto de Saúde "Leão Sampaio" pela Secretaria de Saúde do Estado.

PRESIDENTE DO CENTRO DE MELHORAMENTOS DE BARBALHA desde sua fundação até o ano de 1959 quando transferiu-se para Fortaleza;

MEMBRO DA SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO desde a época de estudante secundário.

TRABALHO PUBLICADO

TRACOMA - ENSAIOS SOBRE VACINAÇÃO, Revista Brasileira de malariologia e doenças Tropicais, Vol XX - Números 3 e 4, pag 237 a 246, Julho - Dezembro de 1968, Rio de Janeiro - RJ

NECROLÓGIO

PRINCIPAIS MORTOS DO CRATO NO ANO DE 1996

JANEIRO

- Dia 09 - Audisia Brizeno
- Dia 17 - Zeco Esmeraldo
- Dia 19 - Luciana Brasil
- Dia 30 - Luzmária de Melo Saldanha.

FEVEREIRO

- Dia 08 - Dr. Francisco Ribeiro Parente
- Dia 11 - Juarez Batista
- Dia 16 - Priscila Pinheiro Teles
- Dia 26 - Vicente Albuquerque.

MARÇO

- Dia 08 - Antonio Rafael
- Dia 11 - Lila Moreira de Alencar
- Dia 15 - Dona Maria Edenir Bezerra Mendonça
- Dia 16 - Luis Wellington de Sousa
- Dia 23 - Ex-Deputado Cincinato Furtado Leite
- Dia 27 - Nosvaldo Ribeiro Brígido

ABRIL

Dia 25 - Professora Ivone Pequeno dos Santos

MAIO

Dia 05 - Dona Naninha Silvestre.

Dia 05 - José Bezerra da Costa Filho.

Dia 07 - Geraldo Bezerra Costa .

Dia 07 - Josafá Caçula.

Dia 20 - Alzira Menezes Lobo

Dia 24 - Expedito Morais Sobrinho

Dia 28 - Raimundo Gonçalves de Oliveira

JUNHO

Dia 11 - Newton Teixeira de Alcântara

Dia 12 - Sávio Pinheiro

Dia 13 - Maria Eunice Leal Ramos.

JULHO

Dia 04 - Itamar Aurélio Feitosa

Dia 07 - Dona Ester Monteiro

Dia 19 - Domingos Neto Nogueira

Dia 22 - Dona Velêda Xavier Pereira.

Dia 22 - Dona Géssen, viúva do escritor Nertan Macêdo.

Dia 28 - Sandra Matos Pereira

AGOSTO

Dia 02 - Pedro Justino Alves

Dia 21 - Professora Antonia Simões

Dia 24 - Antero Temóteo Macêdo.

Dia 24 - Joaquim Citó Sobrinho

Dia 26 - Ló Geraldo.

SETEMBRO

- Dia 02 - Jézer Pereira de Oliveira
- Dia 15 - Venelouis Xavier Pereira
- Dia 18 - Dona Helena Sisnando
- Dia 28 - Maria Luisa Linhares

OUTUBRO

- Dia 11 - Raimundo Oliveira
- Dia 14 - Orestes Costa
- Dia 25 - Benedito Pereira Balduino.

NOVEMBRO

- Dia 04 - Dona Maria Nunes.
- Dia 04 - Luiz Felinto
- Dia 04 - Dra. Idelzuite Bezerra Dantas
- Dia 17 - Denis Pedrosa de Lyra
- Dia 27 - Dona Cléce Siebra de Brito

DEZEMBRO

- Dia 04 - Dinacy Chaves Peixoto
 - Dia 13 - Ex-Deputado Pio de Sá Barreto Sampaio
 - Dia 15 - Dr. Mozart Cardoso de Alencar
 - Dia 16 - André de Sousa Lima - Dia 21 - Cira Pinheiro Esmeraldo
 - Dia 25 - Lyreiro Luis de Carvalho Maia - Dia 25 - Gilberto Costa.
 - Dia 25 - Cleide Nuvens de Alencar.
- NECROLÓGIO 97

JANEIRO

- 02 - Antonio Moacir Salatiel de Alencar
- 05 - Liége Ayres Correia

- 11 - Hoteleiro José Monteiro
- 20 - Dr. Meudo Ribeiro da Silva
- 30 - Maria da Penha Norões

FEVEREIRO

- 04 - Ritade Oliveira Rocha
- 09 - Maria de Carvalho Martins (Sra. Martins Filho)
- 13 - Madre Maria Elvira Madeira
- 14 - Francisco Zelo de Gouveia

MARÇO

- 21 - Neusa de Lima Bacurau
- 25 - Irineu Sisnando

ABRIL

- 07 - Cândido Bezerra de Figueiredo
- 10 - José Bezerra de Figueiredo
- 22 - Ana da Franca Alencar (Sra. Antonio de Alencar Araripe)
- 29 - Arturiêta Belchior

MAIO

- 10 - Alzenir Amorim da Franca - 12 - Joaquim Saldanha
- 13 - Pablo Oliveira Cavalcante - 14 - Raimundo Feliciano Leite
- 15 - Albino Oliveira - 20 - Dr. Solon Pinheiro Teles
- 23 - Celeste Lira de Macêdo - 24 - Pedro Maia
- 25 - Mariano Oliveira

JUNHO

- 02 - Dr. Antônio Nirson Monteiro
- 06 - José Gomes da Cunha Filho
- 07 - Irmã Francisca Leite Piancó - 07 - José Matos de Mesquita

- 09 - Antonia Pereira Anastácio - 09 - Ivan Crato Cidade
10 - Salma Lima Verde Cabral (Sra. Tomé Cabral)
10 - Percival Feitosa
20 - Lourdes Costa
21 - Vicente Mangueira Pedrosa

JULHO

- 15 - André Pinheiro Pedrosa

AGOSTO

- 11 - Valdemir de Sá Filho
13 - Lourdinha Brito (Sra. Olival Honor de Brito).

SETEMBRO

- 05 - Marluce Teles
06 - Gilson Sobreira de Melo (Gilson Magazine)
12 - Esmeraldo Furtado da Silva
12 - Antonio Araújo Silva (Antonio Patu)
15 - Jorge Ivan Saldanha Ferreira dos Santos
15 - Carmem Bezerra de Brito
30 - Major Henrique Airton Teles Cartaxo

OUTUBRO

- 15 - Jerusa Barreto
19 - José do Vale Arraes Feitosa
25 - Isabel Bezerra de Brito

NOVEMBRO

- 01 - D. Ailza Gonçalves Felício (Sra. Pedro Felício Cavalcante)
01 - Irmã Pia Bezerra
09 - José Izaú Pinheiro Vilar de Sousa

- 21 - Mozart Gomes Rolim
23 - Capitão Marcelo Mota Teixeira

DEZEMBRO

- 02 - Luis Cocão
03 - Tibério Ayres Correia
14 - Lia Arraes de Alencar
19 - Maria Luisa Monteiro
20 - Bernardina Vilar de Alencar Costa
29 - Heroína Linard Costa
31 - Gilmar Alves de Lima

ILUSTRE CRATENSE

Por Luiz da Câmara Cascudo.

Nome: RAUL DA FRANCA ALENCAR.

DATA DE NASCIMENTO: 30 de dezembro de 1897, no Crato, Ceará.

PAIS: - Abdon da Franca Alencar e Alecrídes da Franca Alencar.

CURSOS: Primário, no Crato. Secundário e parte do Superior, na Bahia de onde se transferiu no 4º ano do Curso Médio para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em abril de 1921.

Clinicou de início, nas cidades do Crato e Juazeiro. Nessa época, esteve sob seus cuidados o Padre Cícero Romão Batista. Médico da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, prestou seus serviços profissionais em São João do Rio do Peixe, transferindo-se, depois, para Pau dos Ferros, onde conheceu Ambrosina Regalado, de Martins. Com ela se casou a 19 de março de 1925. Ainda na República Velha foi eleito Deputado à Assembléia Legislativa do Estado cujo mandato foi interrompido pela Revolução de 1930. Novamente, em 1935, 1945, 1950 e 1955, como Deputado, eleito sempre pelo

povo Martinense, fez parte do Legislativo Estadual. Na vigência do Estado Novo, durante oito anos, foi prefeito do Município de Martins abastado Criador e fazendeiro. Dentre os imóveis que deixou citam-se: Jurema, Pau d'Arco, Cacimba do Cunha, Curral do Meio, Fazenda Grande, Bento e Airmoré, os dois primeiros no Rio Grande do Norte, os restantes, no Estado do Ceará. Faleceu, em Natal, a 17 de Janeiro de 1957. Nesse dia visitava o Rio Grande do Norte o Presidente Juscelino Kubitschek.

São filhos do casal: Dr. César Augusto Regalado de Alencar, médico; Ilca de Alencar Lins; Alecrides de Alencar Lasmar; Iliá de Alencar Rodrigues; Raul Alencar Filho, fazendeiro no Ceará e no Rio Grande do Norte e Dr. Caio Otávio Regalado de Alencar, Promotor de Justiça na Comarca do Apodi, hoje Desembargador no Estado do Rio Grande do Norte.

Raul da Franca Alencar faleceu no Hospital Miguel Couto a 17 de janeiro deste 1957. Sem poder sair de casa não fui visitar seu corpo. Mesmo se tivesse podido fazê-lo não faria esta homenagem. Não tenho, não tive a coragem de vê-lo, pela primeira e última vez, imóvel, olhos fechados, fisionomia serena, distante, alheio aos amigos e à dor da família.

Se Raul pudesse reabrir os olhos e falar seria para pedir desculpas do incômodo que estava dando e alegar, muito justamente, que não era por sua vontade, ação do seu querer, que morrera e estava fazendo sofrer inconscientemente àqueles que velavam seu sono derradeiro.

Conhecemo-nos há mais de vinte anos.

Em Raul caíam os sangues ilustres de duas famílias históricas e gloriosas do Ceará; os Franca e os Alencar. Era um Alencar da serra do Cariri, nascido na cidade do Crato a 30 de dezembro de 1897. Nasci eu no mesmo dia e mês do ano seguinte, 1898.

Formado em Medicina no Rio de Janeiro, Raul fixou-se na região do oeste norte-riograndense, Pau dos Ferros, depois no Martins, quatro vezes deputado estadual (1935, 1945, 1950, 1955), exerceu todas estas funções com superioridade de espírito e brilho de inteligência. Clínico, policlínico, dedicadíssimo.

Rara, dificilmente, aparece uma criatura humana com a finura, a naturalidade, a força espontânea da educação de Raul da Franca Alencar. Era um "gentleman" legítimo, um fidalgo nato, com a graça lógica e o desembaraço de quem respira os ares autênticos da galanteria e o primor das boas maneiras.

O escritor Raimundo Nonato da Silva dizia que ao ver Raul sentia vontade de pedir notícias de Paris e Londres porque ele devia ter deixado estas cidades há poucos dias. Raul não viera da Europa, mas do Martins. Impecável, brunido, escanhado, sereno, com uma elegância indiscutível, dava a impressão segura de ter viajado de Paris e Londres, os ambientes de sua cultura, de sua amabilidade, de sua distinção.

Falam sempre os ingleses da AFRABLE DIGNITY de Lord Beaconsfield. Raul possuía esta dignidade acolhedora que nele era um dos encantos mais poderosos de sua personalidade.

Homem envolvido pela Política tumultuosa da Província, médico regional, partidário arrolado nas bandeiras eleitorais, Raul nunca se banalizou ao nível bulhento, às diatribes agressivas, ao primarismo do insulto e da violência.

Manteve, a vida inteira, a distinção, a sobriedade, a elevação de linguagem, de exemplo, de comentário, de julgamento, talqualmente sua indumentária cuidada, caprichada e própria.

João do Rio elogiando o inesquecível Carlos Peixoto afirmava não poder aquele "leader" que usava polainas claras ter idéias-escuras. Não era possível a coexistência de pensamentos inferiores e formas ratejantes de ímpeto verbal em quem, como Raul, era o deputado das "toilettes" cuidadas, da higiene diária, do sorriso inextinguível.

Mas não se creia, àqueles que não privaram sua convivência inesquecível, que o traje, os ademanos da cortesia, constituiram as permanentes únicas de sua pessoa cultural e humana. Raul da Franca Alencar era um enamorado de todas as cousas que valorizam a vida do espírito e ascendem o equilíbrio hormonal aos esplendores da Inteligência receptiva e nobre.

SAUDAÇÃO À ACADEMIA

Dr. Marchet Callou

Ao penetrar nesta risonha capital dos cabeças-chatas, a "loura desposada do sol", na terna imaginação de Paula Ney, introduziram-se, na minha mente desapercibida, recordações antigas, afetuosas, como se fossem, para meu prazer, românticas salteadores dos meus devaneios.

Comecei a refletir sobre o gênio diplomático de Soares Moreno, construtor da Fortaleza de Nossa Senhora, conseguindo das cortes de Portugal a transferência da sua capitania natal, dirigida pela do Maranhão, para Pernambuco, pelo fato de ser sua vizinha e assim se tornarem mais constantes os diálogos em proveito da independência da Capitania Hereditária do Ceará.

Recordava também outros filhos ilustres da "Terra da Luz", cujos nomes foram transferidos para ruas, praças e municípios cearenses: Senador Pompeu, General Sampaio, Farias Brito, Penaforte, Clóvis Beviláqua, General Tibúrcio que, ao morrer, determinou que fosse sepultado em pé, como a simbolizar sua posição de sentido na guerra do Paraguai.

Certamente, uma agradável ilusão auditiva fez que eu ouvisse claramente, de José de Alencar, aquele brado veemente com um misto de altivez e súplica: "Seremai verdes mares bravios da minha terra natal", verso do poema feito sem rimas, em 1865, do seu Iracema. Senti ressoar dentro de mim, guizos condoreiros, apoteose flamejante de Rogaciano Leite, em 1971, a recitar nesta decantada Praia de Iracema.

"Estas palmeiras delgadas
São índias apaixonadas
Por homens brancos do mar
E estes fidalgos coqueiros
São fantasmas de guerreiros
Que o tempo não quis matar".

Minhas senhoras, meus amigos e meus senhores!

Felizes os que tiveram a idéia de implantar esta palmeira delgada, paixão dos seus dirigentes, atualmente sob a presidência dinâmica deste acadêmico Wilson Vasconcelos Dias, esta suprema expressão da Odontologia cearense, nesta praia dos mares verdes bravios do Ceará. Estou a crer que foi um íntimo propósito dos vizinhos da Academia das Jandaias, implantada entre as folhas dos bravos guerreiros que o tempo não quis matar para ouvirem seu canto, gorjeios sinfônicos feitos discursos.

Distinta assembléia, minhas senhoras, meus amigos e meus senhores.

Sem devaneios nem metáforas, prometendo não abusar tanto da vossa paciência, permiti-me dizer-vos, por julgar oportuno, nesta importantíssima ocasião, que a Odontiatría é a bela profissão dos esculápios da boca desde seus exórdios. Nasceu nas criptas da nossa História e, desde então, para atingir o seu atual desenvolvimento, foi submetida aos mais variados conceitos filosóficos.

No primeiro século, ARQUIGENES descreveu pela primeira vez, um tratamento para pulpites e aconselhava a extirpação da polpa para a conservação do órgão afetado.

Aos nove seguintes não surgiram descobertas de grande monta para a Odontologia até que, no século X, SERAPION começou a utilizar o ópio na cavidade dos dentes para combater a dor.

No XI, ALBUCASIS começou a usar cautério para as infecções bucais. Naquele tempo, os cristãos rezavam aos santos para alívio das ditas moléstias, quando se destacava Santa Apolônia da Alexandria martirizada pelos romanos que lhe partiram os rígidos órgãos dentários. Tornou-se ela naturalmente a padroeira dos dentistas.

Muito tempo depois, no século XVI, é a vez de VESALIUS, evidenciando pela primeira vez, a presença de uma cavidade no interior de um dente extraído.

Neste mesmo tempo AMBROISE PARÉ, escreveu vários livros sobre a notável arte dos cirurgiões-dentistas. Entre os medicamentos que usava, aconselhava o óleo do cravo para aliviar a odontalgia do paciente.

EUSTÁQUIO, século XVII, é o primeiro a diferenciar o cimento. Fez um estudo sobre dentes decíduos e permanentes. A Odontologia começa a engatinhar e a divisar os primeiros esboços do seu destino. Ela está definitivamente desligada da Medicina.

No século XVIII, FAUCHARD colecionou todas as divulgações sobre ela, reunidas em dois volumes da sua autoria: *Le Chirurgien Dentiste* e *Traité des Dents*, traduzidos em vários idiomas. Fauchard é o fundador da Odontologia moderna.

1750. PHILLIP PFAFF, dentista clínico de Frederico, o Grande, iniciou os procedimentos operatórios do capeamento pulpar. Em 1757, BOURDET, dentista de Luiz XV, preenchia a cavidade pulpar com ouro em folha.

IPOONER, preconizou o arsênico para desvitalizar a polpa em 1836. Um século depois, graças aos ensinamentos do Dr. Cícero Perdigão, dentista cearense, chefe da clínica dentária da Penitenciária de Pernambuco, de quem fui assistente, passei a usar arsênio na cavidade dentária dos seus prisioneiros.

Dr. Cícero Perdigão, Deus o tem com Ele, ocupa um lugar enorme no meu coração, gratidão e saudades que não esqueço.

Em 1839, surge a primeira escola de Odontologia do mundo em Baltimore, nos Estados Unidos da América do Norte e em 1840 é concedido o título de Cirurgião-Dentista-Doutor - aos seus primeiros graduados.

Em 1844, HORACE WELLS descobre a propriedade anestésica do óxido nitroso, tornando-se o criador da anestesia geral.

G. V. BLACK, 1870, sugere o emprego do óxido de zinco para proteger a polpa. É dele a classificação da cárie do primeiro ao quinto grau.

Em 1890 MILLER evidenciou a presença de bactérias em canais radiculares. É ele o pai da Bacteriologia dental

Em 1885, há 112 anos, ROENTGEN descobre os Raios-X, empregados pela primeira vez por WALKHOFF, que obteve a primeira imagem radiográfica dos dentes, 6 semanas depois.

No final do século XIX temos a utilização do amálgama de prata para restauração dos elementos dentários.

Na metade do século XX, descoberta dos antibióticos por FLEMING, marco preponderante no desenvolvimento não só da Odontologia mas das ciências médicas.

Em meados do nosso aléico século XX, a Odontologia cresce a passos gigantescos com as seguintes descobertas: canetas de alta rotação, resinas compostas fotopolimerizáveis, ultra-som, laser, implantes ósseos integrados.

Escol da sociedade cearense, demais eméritos convidados!

Aníbal e eu sabemos que cada astro desta constelação que se chama Academia Cearense de Odontologia, que nada tem a dever a nenhuma outra do nosso continente, é figura exponencial da nossa profissão em todo o país.

Faço minha a pergunta ansiosa de Drummond: “- E agora, José?”.

Altíssimo auditório!

Uma certeza nos consola e asseveramos: no perpassar dos meus 60 anos e um dia e de 49 de Aníbal de profissão, nem um dia sequer nos arrependemos de ser dentistas e nunca, em nenhuma vez, desobedecemos seu código de ética, para orgulho meu, da vida minha e igual prazer para Aníbal.

Quanto ao que vos fala, não encontro palavras para o agradecimento de tamanha deferência. Então, faço minhas as palavras do ex-Bispo do Crato, Dom Vicente, por ocasião da homenagem recebida num aniversário da sua sagração: “Eu não sei dizer o meu sentir neste meu muito obrigado.”

Discurso profetido por Antônio Marchet Callou, por ocasião da outorga do título de Sócio Honorário da Academia Cearense de Odontologia a Aníbal Viana de Figueiredo e Antônio Marchet Callou.

Fortaleza, 12 de dezembro de 1997.

NAIR SILVA, PATRIMÔNIO DE JUAZEIRO QUE DESAPARECE.

J. Lindemberg de Aquino.



Nair Silva

* 30.07.1917 - Mata Grande (AL)
+ 30.11.1997 - Juazeiro do Norte-Ce

*Eternas saudades: de seus filhos,
irmãs, sobrinhos, parentes, afilhados,
amigos, ex-alunos, suas camaradas,
distintas e decentes, agregados e*

Depois de mais de dois meses sofrendo os efeitos de um AVC, em sua casa, em Juazeiro do Norte, faleceu num dos hospitais da cidade a escritora, compositora e poetisa NAIR SILVA. Foi no dia 30 de Novembro de 1997. Perca dolorosamente sofrida, por todo o Cariri, especialmente por Juazeiro do Norte, terra escolhida e eleita por Nair Silva como sua segunda cidade, e de onde emergia uma atuação brilhante e dinâmica, por mais de 60 anos, em todos os setores da vida da Meca do Cariri.

Nunca se conheceu mulher, em Juazeiro, de igual dimensão no campo social, que é igualasse a marca de Nair Silva. Juazeiro teve uma grande educadora, Amália Xavier, uma grande pintora, Assunção Gonçalves, uma grande escritora, Fátima Menezes, uma Senadora da República, como Alacoque Bezerra - mas Nair Silva, na sua simplicidade, superou a todas, pelo leque de realizações em todos os setores.

Se atuou na difusão e apoio aos desportos, fundando times, arrebanhando e liderando torcidas, sua atuação no folclore foi de imensa grandeza, compondo, cantando, executando, dirigindo grupos folclóricos, estimulando as danças e credices populares, fazendo história de uma cultura com raízes eminentemente populares.

Foi poetisa, compondo hinos patrióticos, canções, modinhas, versos singelos e meigos. Foi cantora e uma das fundadoras do Coral do ICVC. Foi artista polivalente. Tocou quase todos os instrumentos

musicais. Fez e comandou serestas, arrebanhou grupos carnavalescos durante anos e teve, também atuação no campo social, pois recolheu das ruas, levou para casa, criou e educou mais de 20 menores abandonados, dando-lhes vida, projeção e personalidade. Foram eles que fizeram questão de carregar sua urna mortuária pelas ruas da cidade, a caminho do Cemitério. Emocionante cena.

Seu enterro foi uma consagração, com direito a valinhas de sua preferência, tocadas pela Banda de Música da cidade, junto ao túmulo; com direito a tiros de velho bacamarteiro, em homenagem póstuma. Com direito a discursos de jornalistas, que levaram o público as lágrimas. Cenas que se repetiram na missa de sétimo dia, na Capela do Socorro, onde Gervan Siqueira e Fátima Alencar cantaram com alma e coração onde um grande público, comprimido na capela, ouviu depoimentos emocionantes, de todos os que a conheceram, e sete dias depois ainda levaram coroas e corbeilles de flores naturais.

Nair Silva, alagoana de Mata Grande, faleceu poucos meses depois de completar 80 anos, viveu e amou a humanidade, intensamente. Teve rompantes, mostrando forte personalidade. Mas, foi, sobretudo, solidária, amiga fiel, seguidora incansável dos seus líderes. Personificou uma vida inteira de uma cidade que a adorava. Foi legítimo Patrimônio que desapareceu, marcando a sina inexorável de qualquer ser humano. O Cariri jamais questionou, sua liderança e sua atuação. O Cariri jamais a esquecerá.

NAIR SILVA, O MEU ADEUS.

José Nildo Rodrigues

Nunca em minha vida passou por minha cabeça passar por um momento tão angustiante quanto esse. Assim como nunca passou pela cabeça de Nair ter um fim de vida tão cruciante, sofrido e doloroso quanto o que ela teve.

80 anos. Oitenta anos tinha NAIR quando a doença lhe abalroou suas forças físicas. O cansaço muscular chegou de forma fulminante. Quanto sofrimento.

NAIR SILVA, romeira de Alagoas, escolheu a cidade de Juazeiro, rincão cearense do Padre Cícero, para pontificar seu trabalho em prol e em destaque dos seus ideais. E assim procedeu.

De família pobre e humilde, com muito esforço conseguiu com o apoio de D. Generosa Alencar ingressar no Grupo Escolar Padre Cícero, vindo seu sonho a realizar-se, por completo, com sua formatura no ano de 1942, tornando-se PROFESSORA, como previu para ela em vida o PADRE CÍCERO.

NAIR, sabia música desde os 12 anos de idade quando adquiriu seu primeiro violão. Foi para a música que ela devotou quase toda sua existência.

Em tudo que fazia a musicalidade estava presente. Carnaval, folclore, coral - tudo isto feito por amor a sua arte, ao seu dom.

Não fazia nada para se mostrar, pois era humilde. A pessoa mais indicada para detalhar suas ações não sou eu, e sim, o JUAZEIRO. O Juazeiro sabe o que NAIR já fez por ele, divulgando-o, musicando-o, ensinando o seu povo a também trabalhar por sua terra.

Os grupos de carnaval A TURMA DO POTÓ E UNIDOS DA COROA "NAIR"; A Bandinha Chapéu de Couro, o Instituto Cultural do Vale Caririense; a Turma Unida Amiga; o Comissariado de Menores; os côros Andorinha da Madrugada, do ICVC e da Igreja; a música do Cariri e os grupos de serestas de grandes recordações aqui no nosso Juazeiro, tiveram o dedo de NAIR.

Quantas portas do Juazeiro NAIR não fez serestas e serenatas?
Muitas.

"A DOR DO PARTO É GRANDE, MAS SINTO QUE DEVO PARTIR",
dizia sempre ao final de cada evento.

Retrocedamos ao passado, àquela época, analisando as dificuldades e maneira de pensar de então, e veremos a importância de suas ações. O fato de ser mulher, pobre e de outra terra, não atrapalhou o seu pontificado, visto ter uma virtude, afastada dos jovens de hoje: NAIR era uma mulher decidida.

Vivemos, porque ei-nos de viver. Sofremos, porque ei-nos de sofrer. Morremos, porque ei-nos de morrer.

Desde os primórdios dos tempos, sobrevivendo e passando pela Era de Cristo, a humanidade nunca se livrou de uma antagônica e repugnante função, da qual em alguns é muito peculiar: a ingratidão.

NAIR, teu sofrimento nesses últimos dois meses de vida também foi meu sofrimento. Ninguém lutou tanto contra a ingratidão em seu padecimento muscular quanto eu.

Acreditei sempre em tua recuperação. Embora muito doente, dizia "está bem", com uma força interior que creditava em sua melhora.

Dr. Neilson de Paula, é um capítulo a parte nessa luta de mais de 80 anos de vida de NAIR. Carinhosamente, dedicado, empreendido, e, sobretudo, atencioso cuidou da sua amiga NAIR até os instantes finais. Fez de tudo para o seu restabelecimento. Fez questão de acompanhá-la sem nada cobrar. Quanta distinção e honradez.

A Nós familiares de NAIR e o Juazeiro amigo, só lhe resta agradecer eternamente pela atenção e compreensão.

Aos amigos verdadeiros, aos agregados de nossa casa Leitão, Márcio Balbino, David, Gugu, Cícero Antonio e Tadeu, também filhos de NAIR, que compreenderam e entenderam o duro e difícil momento pelo qual NAIR passava, o meu sincero agradecimento pela força, ajuda e boa vontade que tiveram em compartilhar do sofrimento por qual nós todos passávamos.

Você se foi NAIR, após oito décadas de relevantes serviços a

nossa comunidade. Ficamos sem seu jeito extrovertido que animava qualquer recanto, mas na lembrança de cada um que teve a oportunidade de te conhecer e de te acompanhar, ficarão, o gesto, a maneira, a postura, a decência de alguém muito especial, que somada ao seu espírito humano e humilde jamais será esquecido.

Descanse em paz.

JOSÉ NILDO RODRIGUES
Missa de Sétimo Dia
Juazeiro do Norte - 06-12-97.

DR. ÁLVARO RODRIGUES MADEIRA

Amarílio Cavalcante.

Entre os mestres que tive durante o tempo em que estudei no Ginásio do Crato, ninguém o excedia em virtudes, qualidades morais e respeito à religião católica que professava. Dr. Álvaro Madeira era, no meu entender, um santo sem altar. Já o colega Luiz Sampson de Melo, sempre dizia que o escolheu como meu "santo particular". Analisando-o imparcialmente, Dr. Álvaro, além de um grande benfeitor, amigo da mocidade, prestou assinalados serviços ao Crato, no campo da intelectualidade. Lecionava em quase todos os estabelecimentos de ensino na cidade, além de dar aulas particulares. Sua especialidade era Geografia, porém tudo ele dominava. Eu, mesmo antes de ingressar no Ginásio do Crato, fui seu aluno e recebia, diariamente, mais de uma hora de aula em sua casa, sobre as mais variadas matérias, entre elas, lembro-me bem, Português e Matemática. Sempre mantive estreitos laços de amizade com ele, apesar de não ser aluno estudioso nem bem comportado. A verdade é que o Dr. Álvaro tinha um coração generoso e não guardava mágoas de ninguém, sobretudo dos seus alunos, que ele estimava como filhos.

Como professor da Associação dos Empregados do Comércio do Crato, fundou o Grêmio Literário e Cívico José de Alencar, entidade que dirigiu durante longos anos e muito ajudou o desenvolvimento intelectual da mocidade do Crato, sobretudo no campo da oratória. Com muita habilidade, quase que obrigava a assistência a pronunciar discursos ou recitar poesias.

Sempre fui um tanto inibido para falar de improviso, por isso procurava decorar poesias para recitá-las. Certa vez escrevi, com muita dificuldade, um discurso sobre Tiradentes, e o pronunciei tremendo de medo. Ele, certamente para me estimular, elogiou o trabalho e disse que queria uma cópia para guardar nos seus arquivos.

Muita gente para não perder a chegada ou saída dos trens (era um divertimento apreciado naquele tempo e geralmente coincidia com o horário das sessões do Grêmio) procurava desviar-se do Dr. Madeira, mas ele, ativo e entusiasmadamente, saía reunindo o pessoal e raramente a sessão não contava com apreciável número de frequentadores. Bom orador, os seus discursos de encerramento das sessões do Grêmio eram aulas de entusiasmo e patriotismo.

A atenção e carinho com que tratava os seus alunos muito cativavam. Gostava de tomar um cafezinho e geralmente o fazia acompanhado dos estudantes. Quase todas as noites ficava sentado na praça Siqueira Campos trocando idéias ou conversando com a rapaziada do Ginásio ou os frequentadores do Grêmio.

Como professor de Geografia, tinha um método próprio de ensinar e possuía uma memória admirável. Pena é que muitos dos seus alunos - inclusive eu - o interrompessem para ouvir a repetição de certos fatos, somente com o intuito de provocar boas gargalhadas. Mas ele, de boa fé e ingenuamente, não se apercebia que aquilo não passava de molecagem da estudiantada. O caso da República de Montenegro era um assunto preferido e costumava dizer que "os aliados não eram protetores dos pequenos países, pois Montenegro foi invadido e as potências aliadas não deram um passo em seu favor".

Dr. Álvaro Madeira formou-se em Farmácia em janeiro de 1907, pela Faculdade de Farmácia do Rio de Janeiro. Nasceu naquela mesma cidade, então Capital da República, no dia 9 de julho de

julho de 1882 e faleceu no Crato em 21 de novembro de 1969. Seu pai, Dr. Marcos Madeira, médico, oriundo de família piauiense, foi deputado na Corte e, posteriormente, clinicou em Crato, tendo, depois migrado para o Amazonas. Sua mãe era descendente de portugueses.

A Câmara Municipal de Crato, em reconhecimento ao inestimáveis serviços que o Dr. Álvaro Madeira prestou à mocidade, batizou com o seu nome uma das artérias da cidade. Merecia uma estátua, no meu entender.

Ressalte-se que o Dr. Madeira, após haver trabalhado longos anos como Professor, morreu pobre e sofreu muitas dificuldades financeiras na sua velhice, sempre resignadamente, como próprio da sua formação religiosa. Casou-se com D. Lígia Carvalho Madeira, que ainda hoje é viva, e teve os filhos: Evira Carvalho Madeira, religiosa, falecida em 13/02/97; Maria Lígia Madeira, professora, casada com o Sr. Jaime Soares; Dr. Vicente de Paula Carvalho Madeira, professor com mestrado na Universidade de Paris, residente em Natal (RN), casado com a Sra. Marzo Madeira; Maria Almerinda Carvalho Furtado, viúva do saudoso Esmeraldo Furtado da Silva; Dr. Francisco Alberto de Carvalho Madeira, médico, casado com a Sra. Eliane Madeira, residente em Garanhuns (PE).

Com muito sacrifício, educou sua numerosa família dentro dos rígidos princípios da moral cristã, e todos gozam de excelente conceito no seio da sociedade.

Dr. Álvaro, para mim, é daqueles que têm um assento de destaque no seio da casa de Deus. Muita coisa poderia ainda dizer a seu respeito, não fôra a escassez de espaço no jornal.

O POVO - 04-01-98

CARIRIENSE EM DESTAQUE - Dimas Macêdo

Dono de uma linguagem limpa, Dimas Macedo tem no ensaio literário uma de suas paixões, mas é como poeta que desde cedo enveredou pelos caminhos da literatura. Para outro poeta, Artur Eduardo Benevides, presidente da Academia Cearense de Letras. Dimas é uma legítima esperança da poesia cearense. Para comemorar os vinte anos de poesia o escritor lançou recentemente o livro "Liturgia do Caos". A noite de autógrafos aconteceu no Estoril - Centro Cultural da Praia, com patrocínio da FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA, Autor de vários livros e ensaios literários e jurídicos, Dimas já foi professor e chefe do Departamento de Direito da Universidade de Fortaleza (Unifor), mestre em Direito e professor do curso de Mestrado em Direito da Universidade Federal do Ceará, advogado militante na Comarca de Fortaleza e procurador do Estado. Apesar de um currículo invejável, com duas décadas de poesia, Dimas garante "que ainda sou um poeta em ascensão. Ainda estou crescendo".

Dimas Macedo nasceu em Lavras da Mangabeira em 1956. Iniciou-se na literatura em 1976, contudo o primeiro livro só viria surgir dois anos depois, "Cor de Estrelas", de 1978. Depois desse vieram "A Distância de Todas as Coisas", 1980, "Lavoura Úmida", 1990, e "Estreia de Pedra", 1994. De crítica ou ensaio literário é autor de "Leitura e Conjuntura", 1984, "Ensaio e Teorias do Direito", 1985, "O Discurso da Constituinte", 1987, "A Metáfora do Sol", 1989, e "Ossos do Ofício", 1992. Além da ficção "Algumas Palavras", de 1981. Atualmente o nome de Dimas figura em várias antologias, regionais e nacionais. Como se não bastasse, poemas e textos de sua autoria já foram vertidos para o inglês e o espanhol e publicados em Portugal, Espanha, Argentina e Estados Unidos.

Com bagagem tão respeitável não é de se estranhar que Dimas seja saudado como um dos grandes nomes da nova poesia cearense. Artur Eduardo Benevides ao ler o segundo livro de Dimas, "Lavoura Úmida", chegou a afirmar que "nos temas universais e

regionais”, no registro dos sentimentos, emoções e memórias, demonstra, de maneira convincente, todo o seu valor de poeta. E não tenho dúvida em afirmar que se trata do início de uma jornada que poderá ser das mais brilhantes na poesia do Ceará”.

A previsão se mostrou mais do que acertada, contudo. Dimas passou cerca de dez anos para lançar o seu livro de poesia. Nesse meio tempo, ocupou-se de crítica literária e publicou ensaios e textos sobre Direito. Porém, a justificativa pode ser também seu perfeccionismo. Crítico profundo de si mesmo, Dimas Macedo é desses autores que vive atento à perfeição da forma e do conteúdo de seus versos. Só para se ter uma idéia, em vinte anos de atividade literária ele não relaciona o primeiro livro publicado, “Cor de Estrelas”, de 1978, por considerar uma produção abstraída de qualquer pretensão com a realidade. “Eu nem mais assinaria aqueles poemas”, afirma com convicção.

O mesmo não acontece com as obras seguintes, principalmente em “Lavoura Úmida”, onde amadurecido e preocupado com o espaço de sua mensagem, Dimas retoma o seu gosto pela poesia lírica e reflexiva. Composto de poemas eróticos e políticos, o livro traça também alguns dos 28 perfis que o poeta escreveu para pessoas como Luciano Maia, Adriano Spínola, Batista de Lima, Regina Limaverde, Marly Vasconcelos, Linhares Filho, Roberto Pontes, Francisco Carvalho e Antonio Girão Barroso, todos poetas como Dimas.

Inicialmente influenciado por Fernando Pessoa, Dimas foi aos poucos adquirindo o seu estilo próprio, onde o gosto de brincar com o universo da linguagem é uma das características marcantes. E foi assim que ele chegou a duas décadas de poesia, num livro onde ele expõe várias vertentes do seu trabalho. Em “Liturgia do Caos” se destacam a perspectiva telúrica, a lírico-amorosa, a surrealista e a linguagem bíblica. A obra recebeu inclusive um elogioso comentário do também poeta Francisco Carvalho, presente na contracapa: “O artesanato dos seus poemas está seguramente comprometido com as exigências formais da modernidade literária”. É com todo esse talento que intensifica sua produção já para o próximo aniversário. “Escrever para mim significa viver. Eu não saberia viver sem a literatura,

por isso diariamente estou lendo. Na literatura você cria, você transfigura o real, o concreto e obtém o que não consegue na ciência. Então a literatura é um lenitivo para o intelectual desesperado que procura uma resposta para a vida”.

(Jornal NOTÍCIAS, da Fundação Cultural de Fortaleza - ano 6º, nº 41, 17.10.96).

BOQUEIRÃO DE LAVRAS UMA BELEZA RARA.

O Boqueirão de Lavras da Mangabeira, considerado uma das mais notáveis belezas naturais do Interior do Ceará, tem atraído, ao longo do tempo, a atenção das mais variadas pessoas - turistas, cientistas e literatos, na sua maior parte, estrangeiros - que vêm até o local atrás de subsídios, já que a bibliografia, a respeito, nem sempre é de fácil acesso. O Boqueirão, com o próprio nome já diz, é uma garganta aberta na Serra do mesmo nome pelo Rio Salgado. Formada por duas descomunais pedras, o Boqueirão da vazão, através do Salgado, a todas as águas fluentes do Sul do Estado. Mede 93 metros de altura, por 40 m de largura, onde está localizada a chamada Caverna do Boqueirão, originária da desagregação da rocha e com avultado comprimento, apresentando a configuração de uma abóbora achatada e servindo de moradia a vampiros (segundo a lenda, difundida na região do médio Salgado que tecia um quadro fantástico, onde se encontravam refugiadas alas ricamente atapetadas, mesas e altares com riquíssimas toalhas, baixela do metal e um precioso carneiro de ouro). No século passado, o Governo Imperial projetou a construção de um enorme reservatório no Boqueirão. Os estudos foram confiados ao engenheiro inglês, Jules Revy, que desistiu do projeto, pela inviabilidade do empreendimento face a diversos fatores, inclusive a fragilidade do rochedo nos encontros do muro e a dificuldade de fazer um escoadouro, sobre a rocha sólida.

DR. FÁBIO ESMERALDO

Huberto Cabral

Causou consternação geral no Crato e no Cariri, principalmente nos meios sociais e médicos, o falecimento do conceituado médico, Dr. Fábio Pinheiro Esmeraldo, 79 anos, ao meio dia 01.01.98, após quatro meses de tratamento intensivo no Hospital Metropolitano de Recife.

Natural do Crato, onde nasceu aos 30 de outubro de 1918, Dr. Fábio Esmeraldo era filho do casal Antonio Esmeraldo e Ana Pinheiro Esmeraldo. Estudou no Seminário São José, Ginásio do Crato, Colégio Oswaldo Cruz em Recife e Colégio Juruana do Rio de Janeiro, ingressando depois na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde colou grau como médico aos 13 de dezembro de 1948 e iria comemorar, neste ano, o Jubileu de Ouro e sua formatura.

Antes de concluir seu curso de medicina exerceu as funções de funcionário público do Ministério da Aeronáutica, do antigo IAPC, da Delegacia de Ordem Política e Social, no Rio e em Crato trabalhou no Ginásio do Crato, e casas Pernambucanas.

Ao regressar ao Crato em 1948 instalou sua clínica no ano seguinte em Campos Sales, onde permaneceu durante dois anos, quando retornou definitivamente para o Crato, atuando em sua clínica e no Hospital São Francisco e Maternidade Dr. Joaquim Fernandes Teles dos quais foi Diretor, sucedendo ao Dr. Antonio Macário de Brito ao Dr. Maurício Monteiro Teles, respectivamente, como clínico geral, cirurgião e obstetra, tendo chefiado também o Distrito da SUCAM por longos anos. Foi também destacado agropecuarista, desenvolvendo suas propriedades no município do Crato, Missão Velha, Ingazeira e no vizinho estado de Pernambuco.

Exemplar chefe de família, era casado há 48 anos com Dona Maria Carmem Gonçalves Esmeraldo, de cujo consórcio nasceram nove filhos: Maria Ione, (professora); Maria Herbene (médica pediatra) em Salvador; Maria Simone, (Enfermeira) em Belo Horizonte; Maria

Denise (médica anestesiologista) em Recife; Antônio Eduardo (engenheiro da Petrobrás), em Fortaleza; Fábio José (Odontólogo) em Crato; Cláudio (Odontólogo) e Presidente da Câmara Municipal do Crato e Mauro José (Engenheiro da Grendene em Fortaleza. Deixou ainda 23 netos e um bisneto.

Médico dedicado e humanitário, Dr. Fábio fez da medicina um sacerdócio, num trabalho diuturno e incansável, sempre pensando em fazer o bem ao próximo e contribuir para o desenvolvimento da medicina na Região do Cariri, que sofre, agora, uma perda irreparável.

Trasladado do Recife, seu corpo foi velado em sua residência, à Rua Major José Gonçalves, 101, Bairro do Pimenta, cujo sepultamento foi após missa do corpo presente, às 16 horas, na Capela do Hospital São Francisco, dia 02.01.98.

FALECEU A POETISA DANDINHA VILAR

As letras caririenses foram rudemente atingidas com o falecimento inesperado, não dando tempo, sequer, a chegar ao Hospital, da escritora e poetisa Bernardina Vilar (Dandinha Vilar) um dos maiores valores da poesia regional.

Bernardina Vilar de Alencar Costa, ou Dandinha Vilar, nasceu em Crato a 22 de Maio de 1922. Faleceu a 20 de Dezembro de 1997.

Era filha de José de Alcântara Vilar e Bernardina Pequeno Vilar. Sua mãe morreu quando ela era, ainda, criança. Dandinha foi criada por suas tias. Casou-se com Geraldo Bezerra Costa, neto do professor Bezerra de Brito e do casamento nasceram 8 filhos. A mais velha, Maria Rita, já era falecida. A mãe de Dandinha Vilar era irmã do ex-prefeito José Horácio Pequeno.

Dandinha, apreciada poetisa, colaborou em diversas publicações do Crato, notadamente na nossa ITAYTERA. Publicou dois livros - VERSOS DIVERSOS, E BOM DIA SAUDADE, da Coleção Itaytera. Tinha em acabamento, ao falecer, um terceiro livro, também de poesias. Estava se preparando para assumir uma Cadeira no ICC. Foi, durante vários anos, Vereadora em Crato e Diretora da Escola Rotary do Lameiro.

PODER LEGISLATIVO
CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO
PALÁCIO
JOSÉ VALDEVINO DE BRITO
PLENÁRIO
PAULO BEZERRA

DECRETO Nº 001/98

EMENTA: DECRETA LUTO OFICIAL DE TRÊS DIAS NO PODER LEGISLATIVO MUNICIPAL E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Maurício Almeida Filho, presidente da Câmara Municipal do Crato em exercício, no uso de suas atribuições legais que a lei lhe confere;

Considerando o falecimento do ilustre médico cratense, Dr. Fábio Pinheiro Esmeraldo, genitor do presidente do legislativo municipal.

Considerando a destacada atuação do ilustre médico clínico-geral, cirurgião e ginecologista, como diretor do Hospital São Francisco, Maternidade Dr. Joaquim Fernandes Teles e chefe do Distrito da Sucam;

Considerando, finalmente, a irreparável perda do exemplar chefe de família e do médico humanitário, que fez da medicina um sacerdócio, prestando relevante assistência à comunidade, principalmente à população carente;

DECRETA

ARTIGO 1º - Fica decretado, nesta data, luto oficial, por três dias, no Poder Legislativo, em sinal de pesar e em homenagem póstuma ao ilustre médico cratense.

ARTIGO 2º - Será hasteada, a meio mastro, a bandeira do

município, na sede do Poder Legislativo municipal.

ARTIGO 3º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência da Câmara Municipal do Crato, em
1º de Janeiro de 1998.

MAURÍCIO ALMEIDA FILHO
Presidente em Exercício.

PRIMEIRA IMPERATRIZ

Comemora-se neste ano de 1997 o bicentenário de nascimento de uma das figuras que marcaram profundamente a história e a vida de nossa Pátria. Referimo-nos à primeira imperatriz do Brasil, dona Leopoldina. Considerando que o Crato ainda não homenageou essa heroína surge a oportunidade de denominar de "Rua Imperatriz Leopoldina" a uma das novas ruas da cidade. Mulher superior ao seu tempo, a Imperatriz Leopoldina trouxe para o Brasil missões científicas, patrocinou a vinda de sábios, como Emanuel Pohl e Von Martius, que foram os primeiros estrangeiros a revelar o Brasil à Europa. À Dona Leopoldina devemos a implantação da Floresta da Tijuca, hoje a maior floresta urbana do mundo e um dos cartões postais da cidade do Rio de Janeiro.

Os historiadores, sem exceção, reconhecem a grande participação que teve a Imperatriz Leopoldina nos acontecimentos que prepararam a nossa independência. Com seus conselhos desassombrados, desempenhou papel destacado ao lado do Regente Dom Pedro nos acontecimentos que levaram ao 7 de Setembro e mais tarde influenciou o já então Imperador Dom Pedro I na condução dos destinos do Brasil. Foi uma esposa abnegada, mãe exemplar, católica fervorosa e princesa consciente do dever.

A Imperatriz Leopoldina nunca se interessou por vida luxuosa. Era modesta e sóbria no vestir. Seu bom coração a levava a distribuir esmolas, com a pobreza do Rio de Janeiro, muitas vezes mais do que dispunha em dinheiro para tal mister. Denominando uma rua da nobre e heróica cidade do Crato de Imperatriz Leopoldina estaremos fazendo justiça a uma grande mulher, contribuiremos na valorização da tradição cultural da nossa cidade, com um patrono de rua à altura das raízes históricas da antiga Vila Real do Crato e sempre aristocrática Princesa do Cariri.

Armando Lopes Rafael - Juazeiro do Norte-CE.

GUERRA DE CANUDOS - 100 ANOS

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA PELO SR. LUIZ LORENA EM 30/10/1997, PARA OS CORPOS DOCENTE E DISCENTE DA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SERRA TALHADA/PE.

Decorria o último ano do século XV, precisamente no mês de abril, as caravelas portuguesas que singravam o Atlântico, aportaram no Nordeste num lugar desconhecido a que os navegantes chamaram de terra de Santa Cruz.

Procedida a comunicação ao Rei de Portugal, esse deu início ao processo lento de colonização. É uma história fascinante, a que não devo reportar-me agora.

Trezentos e vinte e dois anos depois, a terra de Santa Cruz, já com o nome de Brasil, tornou-se independente da coroa lusitana. Convocadas eleições, o parlamento constituinte, promulgou a Constituição de 1824, onde ficou definido que o país seria governado pelo imperador D. Pedro I, filho do Rei de Portugal.

Investido nas funções, o nosso primeiro chefe de Estado, revelou-se despreparado para governar, não manteve controle sobre as províncias, o país esteve durante seu governo em constante agitação.

As circunstâncias impuseram sua renúncia. Abdicou em favor do filho primogênito, o menor D. Pedro II, que em face da menoridade, governou através de quatro regências. Pareciam incontroláveis os choques de interesses nas diversas regiões.

A maioria do imperador foi declarada pelo parlamento, com o objetivo de se alcançar a paz nacional. Governou sob relativa tranquilidade, até que em 1889, os políticos de oposição que pretendiam o Regime Republicano, depuseram o velho imperador com apoio do ministro da guerra remanescente do regime imperial.

Assumiu o poder O Marechal Deodoro da Fonseca sob o título de Presidente da República.

Antes, porém, deste último episódio aconteciam no interior do país, sublevações de toda ordem e por isso foi criada a Guarda Nacional para dar maior segurança ao regime imperial. Além das

patentes de tenente, até ao coronelato e de comandante superior, foram concedidos títulos de Barão. Aqui tivemos o Barão do Pajeú, no Araripe o Barão do Exu e no São Francisco, o Barão de Água Branca.

Destacou-se entre esses; o Coronel Simplício Pereira da Silva, nascido na Fazenda Carnaúba. Foi grande proprietário de terras no hoje Município de Belmonte. Detentor de lendas guerreiras: no combate e destruição total dos fanáticos da Pedra do Reino; comandante chefe na tomada de Flores; arquiteto da vitória no combate da Serra Negra, em Floresta; sufocou a insurreição de Joaquim Pinto Madeira, no Cariri, forçando sua prisão na cidade do Crato, e dispersou em Exu - Pernambuco, os insurretos cearenses que penetravam em nossa província.

Essas agitações infestavam o território nacional. No Ceará, já naquele tempo, na região de Quixeramobim, esses conflitos degeneraram em questões de grupos familiares, ali as famílias Maciel e Araújo mantiveram duelo sangrento durante vários anos.

Dos Maciéis - conta-nos o historiador João Brígido, distingue-se como elemento pacífico Vicente Mendes Maciel, que a despeito de ser analfabeto, foi comerciante próspero.

Ele já no leito de morte recomendou ao filho Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro), as três irmãs que com ele ficariam órfãs. Levou a sério as ordens paterna e só cogita de matrimônio depois de haver casado as irmãs.

O seu casamento foi um desastre, porquanto a mulher o traíra, abandonou o lar e fugiu com um sargento de polícia.

Ele que exercera as funções de Juiz de Paz e de despachante judiciário, ficou de tal forma abalado com a conduta da esposa que decidiu retirar-se da região para onde ninguém pudesse dar notícias suas.

No sul do Ceará, mais precisamente no Cariri, conheceu o padre Ibiapina, que construía igreja e instalava obras de caridade em Barbalha. A esse jurou castidade e fez votos de pobreza, para receber o título de beato.

A esse tempo, o Bispo de Fortaleza, considerando condenável o trabalho assistencial e catequético do missionário do amor e da paz, expulsou daquele Estado o padre Ibiapina.

Deslocando-se para Triunfo onde mantinha casa de caridade e pretendia curar-se de hipertrofia prostática, sua comitiva, de passagem por Vila Bela (Serra Talhada), pernitoou na Fazenda Pitombeira, do coronel Andrelino Pereira, depois Barão do Pajeú. Ali, teve a felicidade de celebrar a primeira missa da capela que ele próprio incentivara erigir. Isto aconteceu no dia 19 de março de 1872.

Sabe-se que fazia parte da comitiva de Ibiapina, o beato Antônio Vicente Mendes Maciel - mais tarde Antônio Conselheiro.

Eu pessoalmente ouvi do octogenário João de Souza Lima, no alpendre da Fazenda Quebra-Unha, referências elogiosas à valentia do Conselheiro que enfrentara as forças do Governo. E me dizia: "a minha mãe escrava da Fazenda Pitombeira, assistiu missa celebrada pelo padre Ibiapina e conheceu esse homem" afirmava categórico, pressionando o canudo do cachimbo na gengiva desdentada. E eu perguntei? como você soube disso, se ele foi Conselheiro depois que chegou à Bahia?

Respondeu: "Seu Isidoro Conrado que lia jornal dizia isso".

Não sabemos se por decisão pessoal ou se por ordem do padre Ibiapina, o beato Antônio Vicente, desligou-se da comitiva e logo tomou rumo diferente na direção do Rio São Francisco. Dois anos depois, em 1874, um jornalzinho da cidade de Estância no litoral sergipano, dava notícia de Antônio dos Mares. Contemplativo, é provável que tenha observado por longo tempo a água do oceano bater na areia da praia.

Dali, deslocou-se para Itabaiana, ainda em Sergipe. Vestia camisolão azul claro, desde o tempo de Barbalha, um cajado e chapéu de abas largas, cabelo e barba longos em desalinho. Assim visitava cidades e vilas na região do Raso da Catarina no Estado da Bahia. Reconstruía e até construía cemitérios e igrejas. Acatado por alguns párocos e rejeitado por outros. Promovia pregações e aconselhava as pessoas que o procuravam. Logo recebeu o cognome de Antônio Conselheiro.

Essa peregrinação preocupou as autoridades religiosas e civis daquele Estado, que logo mandaram prendê-lo em face de uma lenda novelesca, que informava sobre sua fuga de Salvador para Fortaleza, foi de imediato liberado em virtude da falsidade da

denúncia.

Ao ser algemado recomendou aos seus seguidores que não o defendessem porquanto estaria de volta em pouco tempo. Alguns meses depois estava Antônio Conselheiro, "ressuscitado" como diziam entre os seus crédulos.

Foi assim, rezando e aconselhando que chegou a Canudos, à margem direita do Rio Vaza - Barris. Como era de se esperar, deu início à construção de uma igreja monumental pois que, a existente não abrigava a contento os fiéis.

Quem conhece, como eu, sabe que na região de Canudos não há madeira que sirva para o travejamento de teto, mesmo os mais acanhados; a vegetação é rarefeita e rasteira.

Para o madeiramento de sua igreja, teve que recorrer aos madeireiros da vila de Juazeiro na Região do Rio São Francisco. Ali contactou com o Dr. Arlindo Leoni, Juiz de Direito da Comarca - misto de trapaceiro e velhaco - e a ele comprou e pagou as peças de que necessitava.

Ficou combinado que a madeira seria entregue na estação ferroviária de Queimadas a mais próxima de Canudos. No dia pré-estabelecido o Conselheiro estava com as juntas de bois e os trabalhadores para fazer o traslado. Tempo perdido, o juiz não embarcou o material.

Feita a reclamação, o Dr. Arlindo Leoni fixou nova data. Antônio Conselheiro, desconfiado, foi pessoalmente sem conduzir os bois. Nova frustração. Confirmado o trambique, esse avisou ao vendedor infiel, sua disposição de ir a Juazeiro, para receber de qualquer maneira suas peças.

Astuto, o Juiz de Direito, telegrafou ao governador da Bahia, informando da ameaça recebida e que a vila estava na iminência de ser atacada pelos jagunços do Conselheiro.

O governador como era de se esperar, providenciou uma força de 104 praças de pé e três oficiais, sob o comando do Tenente Pires Ferreira. Esses foram acompanhados por um médico.

O primeiro e único reencontro ocorreu em Uauá - onde tombaram 150 fanáticos, oito militares e dois guias. O quadro que se desenhou foi de tal forma cruel que o médico Dr. Antônio Alves dos

Santos enlouqueceu.

Os conselheiristas recuaram e a tropa teve que volver a Juazeiro, não havia sinais de vitória. O desgaste reduziu a quase nada a moral da força pública.

A repercussão negativa para a República nascente, foi divulgada em toda imprensa nacional.

A 29 de dezembro de 1896, o Major Febrônio de Brito, assume em Monte Santo o comando duma força constituída por 543 praças, 14 oficiais e três médicos. Do equipamento constavam dois canhões e duas metralhadoras. Estadeavam a vitória antecipadamente porquanto os jagunços só dispunham de arma branca, cacetes e espingardas de fecho. Todas as providências eram tomadas sem reservas. Em Canudos conheciam-se os mínimos detalhes da caminhada militar. A 12 de janeiro de 1897, o Major Febrônio, ao som de cornetas, comandou o marche-marche.

O percurso foi tormentoso, porque além de outros embaraços, foram abertas trilhas para a passagem dos canhões.

As emboscadas se repetiam a cada instante, toda vez abatiam um jagunço, apareciam dez. Mesmo assim chegaram a Canudos. Estropiados, famintos e sem ânimo para a luta, o comandante decidiu pela retirada da tropa, deixando para trás, à margem da estrada, armas modernas e munição ao alcance do inimigo.

No encalço da tropa, os jagunços recolhiam o material bélico que lhe serviria para combates futuros. Foi destaque nessa operação o Pernambucano José Venâncio (Pajeú) que comandou os conselheiristas.

Ao pisarem o chão de Monte Santo, os militares, mais pareciam cadáveres ambulantes, mesmo aqueles titãs escolhidos para arrastar os canhões e carregar os companheiros feridos claudicavam de exaustão.

Naquele mundo de alucinados, anunciava-se o milagre do Conselheiro.

Nova expedição - a terceira - sob o comando do coronel

Moreira César, ainda em Monte Santo, a 22 de fevereiro de 1896; 1281 homens, municidados, cada um com 220 tiros e uma reserva de 60.000 cartuchos à disposição do comando geral.

Moreira César, herói de muitas batalhas no sul do país, conhecido pelo destemor e bravura. A sua legenda de intrepidez estava há muito tempo divulgada. Entretanto Euclides da Cunha é categórico quando diz que esse coronel sofria crises de epilepsia e muitas vezes decidia inconscientemente, sem dar conta da razão.

O exército por ele comandado não aceitou trilhar os mesmos caminhos da expedição anterior. Foram orientados por pessoas da região (gente maldosa) para rumarem por uma trilha sobre imenso areal, onde os carros e carroças de tração animal ficavam emperrados a cada passo. Euclides lamenta por ser impróprio o equipamento usado para arrancar da areia as rodas dos carros. Ao invés de conjuntos de sucção, usavam-se "macacos" que afundavam na areia, tornando improficuo qualquer plano de aceleração da caminhada.

Sucediam-se emboscadas como as que ocorreram contra a expedição anterior.

Afinal, três quilômetros separavam o exército da "Palestina" cabocla (Canudos). Os soldados em posição de combate, deixaram para trás os matulões, que seriam recolhidos pelo batalhão de cavalaria e seguravam armas e munição.

Moreira César mandou graduar os canhões e dois tiros foram disparados na direção do inimigo.

Do alto da colina o comandante contemplou aquela imensa tapera defendida por armas ridículas. Um dos oficiais chegou ao convencimento de que não haveria necessidade de se dar o primeiro tiro. Mesmo assim a luta começou, os soldados penetravam nas ruas, sinuosas e vielas do arraial e desapareciam.

O bravo comandante Moreira César decidindo ver pessoalmente o que estava ocorrendo com os seus homens, deu rédeas ao cavalo e se aproximou da área de combate, sendo atingido por um tiro no abdome.

Quando voltava ao estado - maior, foi mais uma vez atingido

por outra bala.

Moreira fora de combate, o comando deveria ser transferido ao Coronel Tamarindo, que estava ali contra sua vontade.

Indiferente, Tamarindo não baixou instruções e quando o procuravam, respondia com humor:

“É tempo de murici
cada um cuide de si”.

Reunidos, os oficiais decidiram por unanimidade pela retirada da tropa. Moreira César, enfermo, foi informado da decisão. Irritado, proclamou: “isto significa uma covardia imensa”.

Mesmo assim a resolução foi mantida

Ao amanhecer todos os sobreviventes da tropa estavam reunidos nas proximidades do morro da favela para retornarem a Monte Santo. Os válidos, na vanguarda, eram seguidos pelas ambulâncias, cargueiros, pelas padiolas com os feridos; entre essas a tipóia que levantava o corpo mal ferido do comandante Moreira César.

Tudo parecia tranquilo naquela retirada funesta, não fosse a decisão dos jagunços de flanquearem pelos dois lados, a tropa combatida. O pavor tornou-se companheiro inseparável. A infantaria libertando-se de armas e munição, abandonando-as a esmo, ao longo da estrada.

O comboio que transportava os fardos e os feridos foi abandonado à própria sorte, inclusive o comandante malogrado. Também o corpo do coronel Tamarindo foi encontrado exposto e enganchado nos galhos de uma árvore.

Foi um desfecho espantoso.

Antônio Conselheiro, não tinha noção do que era Império nem República, a sua recriminação contra o regime Republicano, foi em virtude dos acontecimentos.

As hostilidades fizeram-no inimigo dos Republicanos.

Ele, quem sabe! Quem poderia contestar com segurança! Pretendeu ser o Moisés do Velho Testamento. Conduzindo as populações pelos caminhos do céu.

Houve em Canudos, um “milagre palpável e incontestável”: Sentia-se a impossibilidade de enfrentamento contra as forças do

Coronel Febrônio; o Conselheiro convidou os companheiros mais próximos e com eles subiu nos andaimes da construção da Igreja, mandou retirar a escada e combinou que morreriam ali, sob os escombros do campanário. Isso aconteceu no momento em que os sitiados decidiram-se pelo recuo, pela retirada. Em face disso Conselheiro e seus companheiros permaneceram ilesos.

QUARTA E ÚLTIMA EXPEDIÇÃO

Diante de tanto revés, divulgado pela imprensa brasileira, sobretudo da parte fiel ao Império, ocorreu verdadeiro clamor nacional, contavam-se histórias exagerando bravuras ou criticando pusilanimidades.

O ministro da guerra veio à Bahia, para constatação da verdade.

Foram mobilizadas as forças de serviço do Amazonas aos pampas.

Fixaram nova estratégia, novos planos de guerra. Dessa vez era imperativo dasafrentar o brio das forças armadas e a integridade da pátria.

O general Artur Oscar, aceitou o desafio, sem subestimar a gravidade da missão.

A 19 de julho de 1897 partiu de Monte Santo para Canudos o General Artur Oscar com 1933 soldados, embora pudesse contar com três mil combatentes, entre esses o tenente coronel Emídio Dantas Barreto, depois governador de Pernambuco.

Desde o dia 16, o General Savaget partira de Sergipe em direção a Canudos, comandando uma força de 2.350 homens.

Ao longo do caminho, os comandados de Artur Oscar puderam observar que as fazendas de criação estavam totalmente danificada; uma alma sequer para contactar.

Nas paredes internas e externas das vivendas abandonadas, liam-se versos os mais desconcertantes. Uns estadeavam valentia, outros recordavam entes queridos, alguns lembravam que não valeu a pena ter nascido para viver tanta adversidade. Era como que o

retrato da própria desventura.

O comando geral, inclusive com a presença do General Savaget, delineou o plano de ataque ao arraial de Canudos.

Deviam entrar em ação 3.349 combatentes, divididos em cinco brigadas.

Na madrugada, ouvia-se o tropear dos militares tentando envolver o inimigo pelos lados Leste e Norte. Cada um ostentava no peito uma medalha com o retrato de Floriano Peixoto, ainda presidente da República.

Precisamente sete horas da manhã, no momento em que tentavam ocupar as barrancas do rio Vaza - Barris, a força pública foi interceptada pelo tiroteio dos jagunços. Houve algum revés, mas o General Artur Oscar, inflexível, determinou que a tropa se mantivesse ocupando as posições conquistadas, sobretudo porque, as cacimbas do leito do rio supririam de água a força combatente.

Tal decisão custou aos sitiados 947 mortos e feridos.

Indignação, ódio, necessidade de vingança; do lado oficial as perdas irreparáveis, da parte dos sitiados a obstinação de defesa do próprio lar.

Os sobreviventes permaneceram no local sem poder atacar nem recuar. O inimigo determinou o momento da refrega. À noite, com dificuldades os soldados recebiam gêneros alimentícios. Nesse intermitir tombaram vinte e cinco combatentes. Os canhões emudeceram por falta de munição. No dia 23 chegou em socorro desses, um batalhão de polícia que abateu um número incontável de jagunços.

A 24, os canhões instalados no morro da favela, são acionados contra Canudos. Os fanáticos investiram duas vezes tentando tomar os canhões sem o conseguirem. Nesse dia 24, tombou o destemido Pajéu, depois duma refrega onde morreram três oficiais.

Tais episódios foram comunicados às autoridades da República como vitória iminente.

Tomaram-se providências para remover os feridos para Monte Santo, o hospital de sangue em Canudos não oferecia às mínimas condições de atendimento.

Os menos graves se avantajavam dos companheiros retardatários, às vezes inditosas, na caminhada de volta.

Os foragidos (desertores) em número surpreendente, chegaram à estação de Queimadas e congestionavam o trem da estrada de ferro rumo a Salvador.

A população da metrópole abraçava-os com emoção.

Chegou em socorro aos combatentes uma brigada sob o comando do General Miguel Girard com 1.042 praças, 68 oficiais e 850.000 cartuchos; nessa fase, a varíola castigava toda região. Um clamor.

A 23 de agosto o maior dos canhões, fez derruir a torre da igreja e com esta cai o sino que emudece para sempre.

Num intervalo de combate, trezentas pessoas inválidas, inclusive crianças se apresentaram ao comando das forças em operação, que determinou o seccionamento da jugular desses infelizes.

Euclides da Cunha, com muita precisão declara que o sertanejo do Nordeste, pelas circunstâncias do mundo em que vive, é um indivíduo semi-bárbaro.

Eu pergunto que qualificativo poderíamos empregar para os chefes militares que degolaram as vítimas da própria inconsequência?

No dia 06 de outubro, foi exumado o cadáver de Antônio Conselheiro, que estava sepultado desde 22 de setembro. Procederam o reconhecimento e devolveram-no à cova rasa em que jazia.

O assalto final ocorreu no dia 01 de outubro, quando arremessaram 90 bombas de dinamite sobre o arraial. No dia 05 morreram os 04 derradeiros jagunços entrincheirados.

Para destruir Canudos, o Brasil contribuiu com 15.000 vidas e o erário público com o valor correspondente a quase um orçamento anual da República.

O Doutor Arlindo Leoni, deveria estar vivo, porquanto 1.000 anos seriam poucos para que compreendesse o mal que praticou.

PARTE FINAL

De volta ao Rio de Janeiro, capital da República, os soldados "heróis" da hecatombe sinistra, foram recebidos, no porto, em festa pelo Presidente da República, Prudente de Moraes, pelo Ministro da Guerra General Bittencourt e pelo povo.

Usava da palavra o Sr. Presidente, quando o Ministro observou que no meio da soldadesca um militar sacava de sua arma, e, tentando preservar o chefe de Estado se antepôs a esse e recebeu um tiro no peito que lhe causou morte imediata. Como se vê, no sertão do Nordeste, deixaram sepultado o cadáver daquele que de forma vesga tentou pregar a doutrina evangélica do Homem de Nazaré, consubstanciada na igualdade social do homem.

Na sede do governo Central, sepultou-se o corpo do Comandante chefe das forças que destruíram Canudos.

Fechou-se de forma trágica com página negra, o livro da história pátria do século XIX.

LUIZ CONRADO DE LORENA E SÁ.

Monsenhor Esmeraldo: O Primeiro Vigário de Juazeiro

Padre Azarias Sobreira

Merece especial registro o paróquio de um ilustre cratense, Mons. Pedro Esmeraldo da Silva, que ali foi o primeiro vigário na ordem cronológica.

Sacerdote perfeitamente identificado ao pensamento da Igreja, votado ao sacro ministério até ao sacrifício, foi orador empolgante e culto, além de fecundo e doutrinário. Dele já escrevi e folgo de repetir que lhe calhava com exatidão o clássico e elogioso conceito: - "Vir bonus dicendi peritus." Em vernáculo: - Homem de bem e de palavra eletrizante.

Como, porém, a perfeição não se consegue senão de forma relativa, ao lado de excelentes predicados que o tornavam mira obrigatória nas três dioceses onde trabalhou, deu mostras de umas tantas deficiências que inequivocamente lhe prejudicaram a ação apostólica na terra do Padre Cícero. Isto não obstante, estou persuadido de que, somados os prós e os contras, se o pusermos em confronto com os outros respeitáveis sacerdotes que lhe sucederam de 1921 para cá, a ele competirá a primazia. Era um genuíno homem da Igreja, amando as almas com acentos de apóstolo. Várias vezes tive oportunidade de observá-lo nos seus sermões paroquiais, ou falando em sessões do Apostolado da Oração, como também no atendimento aos enfermos e nas alocuções com que fazia vibrar seus ouvintes nos lares aonde ia entronizar a imagem do Sagrado Coração de Jesus. E sempre regresssei positivamente edificado, pois era um padre à altura de sua sublime vocação.

Onde, todavia, as inculcadas deficiências?

A primeira de todas consistiu em ter entrado ali com manifesto propósito de evitar, ao máximo, a convivência com o Patriarca. Abstinha-se não só de vê-lo ordinariamente, mas também não perdia monção de apreciar-lhe a conduta em tom depreciativo. Ignorava talvez que aquele seu confrade nutria para com ele invulgar simpatia, tanta que, desde o momento em que o vira, pela primeira vez, vestido

de batina na companhia de outro candidato ao sacerdócio, que se chamou Joaquim Ferreira de Melo, começou a esperar que um e outro atingissem as honras do episcopado.

Dir-se-ia que naquelas expansões do Pároco entrasse uma boa dose de bem explicável despique ao perceber que, apesar de seus generosos esforços para o feliz desempenho do sagrado ministério naquela localidade, a maioria de seus amigos e paroquianos, que por ele arriscariam a própria vida, continuavam consagrando filial afeição e apreço ao Padre Cícero.

A segunda deficiência consistiu em querer, por fina força, apenas iniciado o seu paroquiato e logo após a arrasadora sêca de 1919, efetuar na Matriz uma grande e fundamental reforma. Em torno do assunto, a opinião pública se dividiu, sendo as preferências no sentido de dar mais tempo ao tempo. O Vigário, entretanto, manteve-se irredutível: ou se dava imediato começo ao trabalho de derrubar as velhas torres ou ele abandonaria, inexoravelmente, a Freguesia.

E como lhe chegasse aos ouvidos que alguns exaltados se atreviam a fazer ameaças, como protesto contra a projetada reconstrução, Mons. Pedro Esmeraldo prevalecia-se da tribuna sagrada para reafirmar o inabalável de sua deliberação. E concluía: - Se existir alguém que deseje matar-me, eu mesmo lhe ensino o jeito de realizar seu intento fora das vistas da polícia: é atocaiar-me tal dia na estrada tal, por onde devo passar em tal hora. Peço somente que não me matem dentro da igreja para ser evitada tamanha profanação.

O que aconteceu, porém, no fim de tudo isso, foi o destemeroso homem de Deus abandonar a Paróquia na primeira resistência física que se lhe opôs, ou seja aos primeiros golpes da picareta na primeira tórre a ser demolida.

Mais uma deficiência: reacendeu, contra o conhecido proceder de Dom Quintino Rodrigues nos seus quatorze anos de vigário daquela terra, e talvez a contragosto deste último, a antiga campanha contra medalhas e retratos do Padre Cícero, que ficou tomando e exigindo, até dos moribundos, como condição de não morrerem sem os socorros espirituais da Santa Igreja.

E bem sabia ele que o seu imediato antecessor e aprumado teólogo que estava sendo o novo Bispo da Diocese, durante o seu

longo e frutuoso apostolado, sempre se abstera de semelhantes indagações por lhe parecerem contraproducentes.

Monsenhor Esmeraldo, no entanto, pleno de ardor e pretendendo realizar tudo sem a devida colaboração do tempo, tomou por demais a sério esses pormenores; e a cada padre ou religioso que ia ajudá-lo em Juazeiro insinuava o mesmo programa catequético, como objetivo de indeclinável alcance.

Ora, o zé-povinho, supersticioso e carente de formação religiosa, instintivamente se punha de sobreaviso contra semelhantes medidas paroquiais. Outro de mais larga visão e mais viajado limitar-se-ia a seguir a norma do Vigário Quintino Rodrigues que, depois de ter esclarecido as consciências sobre a doutrina da Igreja, ficava esperando, pacientemente, que a boa semente evangélica germinasse nos corações e aos poucos, com o perpassar do tempo e uma catequese regular, desaparecessem preconceitos tão arraigados. Não foi exatamente esta tática seguida, nos derradeiros trinta anos, pelo Episcopado Brasileiro, no caso imensamente mais ruidoso da apostasia do Bispo de Maura?

Para maior glória do nome de Monsenhor Esmeraldo, seja aqui proclamada uma demonstração de sua grandeza de espírito. Decorridos anos do seu afastamento, anos que passou no Rio Grande do Sul e onde se impôs como Cura da Catedral de Pelotas, ao saber que Juazeiro se encontrava novamente sem pároco, rogou ao Diocesano que para lá o reconduzisse com as mesmas responsabilidades paroquiais. E, ali chegado, não perdia ensejo de, em reiteradas práticas, fazer sentir aos fiéis: - Ninguém diga que em 1921 fui embora daqui porque o povo de Juazeiro me tivesse botado para fora. A verdade é bem outra. O culpado fui eu mesmo com as minhas impertinências. Esgotado com a trabalhadeira em que vivia, meu sistema nervoso se agitava e daí aquelas minhas atitudes um tanto idiotas...

E foi tão bem sucedido nessa segunda fase de governo que, ao finar-se repentinamente, recebeu da população em peso a maior consagração pública que, exceção feita de Monsenhor Tabosa e do Padre Cícero, já foi prestada aos restos mortais de um ministro de Deus em terra cearense. Nada menos de oito a dez mil pessoas,

profundamente consternadas, acompanharam-lhe o féretro, conduzido à mão até a cidade do Crato, onde o esperava o jazigo de sua ilustre família, no qual já repousavam as cinzas de seus inolvidáveis genitores.

PERFIL DO PRIMEIRO VIGÁRIO

A saída de Monsenhor Pedro Esmeraldo ocasionou, no fervor opus religioso de Juazeiro, uma sensação de pesar e sobretudo de vácuo que dificilmente se conseguiria descrever com exatidão.

No fim de vinte e dois anos de abandono espiritual a que Juazeiro fôra relegado, o múnus paroquial daquele talentoso sacerdote, estoante de zelo, culto e capaz de todos os devotamentos no desempenho do seu sagrado ministério, foi, durante cinco memoráveis anos, uma como varinha de condão sacudindo o torpor geral, despertando juvenis entusiasmos, enchendo de vibração o culto católico sob os mais variados matizes. Mais do que isto: varrendo do cenário a indistinção, o comodismo, a vela acesa a Deus e ao diabo, simultaneamente.

Sua eloquência em propagar o Apostolado da Oração, seus titânicos e sinceros esforços para ver repletas de comungantes as mesas da comunhão, sua cavalheiresca prontidão em atender os moribundos e presidir, pessoalmente, a solene entronização da imagem do Coração de Jesus nos lares, tudo isto aliado a um inescurecível desprendimento pessoal marcou época em minha terra, que jamais o poderia esquecer. Por sinal, em frente à Matriz, bem no centro da praça, já faz muitos anos que se lhe ergueu uma herma, expressivo, mas ainda bem pálido testemunho de gratidão que sobejamente nos mereceu.

O seu ardor missionário, adivinhando as vantagens de uma missão no seio daquele povo sedento de vida evangélica, adotou, menos de dois anos após sua nova investidura, a iniciativa de convidar o saudoso Padre Guilherme Vaessen, então Reitor do Seminário da Prainha e conhecido por sua ímpar atuação apostólica em todo o Norte do Brasil, a ir pregar as santas missões em Juazeiro, no fim de

1917. Padre Guilherme Vaessen aceitou o convite e levou consigo dois dos seus mais distinguidos colaboradores: o belga Luís Van Gestel e o fluminense Jerônimo Pedreira de Castro, marcantes individualidades tanto pelo preparo quanto pelo prazer muito seu de fazer o bem.

Foram dezoito dias de inaudito fervor para aquela gente.

Ao sermão da noite, sempre na praça da Matriz, comparecia uma multidão avaliada em dez a quinze mil pessoas, que tudo ouviam no mais contagiante silêncio, mesmo quando a prática, precedida do têrço e encerrada com o "Senhor Deus Misericórdia" e a bênção com o Santíssimo Sacramento, prolongava-se por mais de duas horas.

Do começo ao fim, ficavam lotados, dia e noite, os confessionários, não obstante ali terem concorrido onze ministros de Deus, expressamente convidados pelo Sr. Bispo, para que não ficasse ninguém sem a recepção dos sacramentos. A alegria popular atingia o auge. Nunca se tinha visto no Cariri, desde os áureos tempos do Padre José Maria Ibiapina, tamanha generosidade, tanto afã em corresponder aos acenos da graça e aos esforços dos representantes da igreja.

Na penúltima noite foi pregador o Padre Luís Van Gestel que teve, em Juazeiro do Norte, o seu canto de cisne, não só porque sua eloquência saiu coroada de êxitos imprevistos, mas também porque sua frágil saúde entrou a declinar, desde então, até o surgimento da tuberculose pulmonar que trazia em germe e o levou à melhor vida. Sua pregação versou sobre a caridade para com o próximo, de preferência sobre o perdão dos inimigos.

Naquela sua voz metálica e através de sua silhueta de asceta, a doutrina do Evangelho focalizando assunto de tamanha significação, já que no amor do próximo se resumem a lei divina e as advertências dos profetas, alcançou ressonâncias dignas do pincel de um artista de gênio. E perorou exclamando com o crucifixo na mão:

- Quem dos meus caros ouvintes não estiver disposto a renunciar suas malquerenças; quem ainda conservar ódio a seu próximo; quem, à vista destas chagas de nosso Divino Salvador, não se comover e persistir em não perdoar como Ele perdoou do alto da cruz, venha até cá e calque aos pés esta sagrada imagem de Jesus

Cristo.

Ao impacto de semelhante apóstrofe, do seio da multidão, particularmente da boca dos homens que eram centenas de milhar, prorrompeu um brado uníssono que se diria saído do próprio Juízo Final: - Nós perdoamos. - Mas vós todos perdoais do mais íntimo d' alma? - Sim, nós perdoamos. - E vossos corações estão dispostos mesmo a abraçar os inimigos pelo amor de Deus - Sim, nós estamos. Nós estamos.

Naquela memorável noite e no dia seguinte, viu-se, na cidade e nos seus arredores, um espetáculo que só de raro em raro se tem registrado na história do cristianismo: as velhas malquerenças foram trocadas por pedidos de desculpa e protestos de afetuosa convivência. Uma semana depois, poderiam talvez ser contados pelos dedos das mãos, os intrigados que ainda persistiam na sua intriga, assim como os casais que, ao cabo de notórios desajustamentos, ainda não se haviam reconciliado.

Coroando aquêles dezoito dias de bênção e júbilo indescritível, chegou do Crato o Bispo Diocesano, Dom Quintino Rodrigues, que dirigiu a palavra de pastor a todo o povo, congratulando-se com ele pelos felizes resultados das santas missões; e administrou o sacramento da crisma a perto de três mil fiéis.

A três diversos fatores deve ser atribuído tão auspicioso resultado: a notória santidade dos missionários lazaristas, o zelo inesmorcido do Pároco Esmeraldo e a irrestrita adesão do Padre Cícero àquela parada de fé. Como em outras oportunidades de igual natureza, a melhor casa de hospedagem que meu torrão natal possuía e era propriedade do Patriarca, fôra caprichosamente limpa por ordem dele e de bom grado entregue ao Vigário da Freguesia para a confortável instalação de todos os ministros de Deus ali reunidos para tão árdua trabalheira.

Não encerrarei esse relato sem dizer a que extremo de solicitude chegava o zêlo de Mons. Pedro Esmeraldo nos primeiros anos de sua atividade em Juazeiro do Norte.

Aspirando a um incessante aumento de comunhões nas primeiras sextas feiras de cada mês, como um indício de afavoramento de seus paroquianos, passava grande parte dos dias

precedentes no martírio a fogo lento que era o confessionário de outrora. E como à noite, cada novo mês, afluía número ainda maior de homens no empenho de confessar-se, ele a todos tranquilizava ao vê-los preocupados com o trabalho dali decorrente para o seu desvelado pastor:

- Ninguém se retire. Morrerei feliz se morrer no trabalho das confissões dos homens de minha Paróquia.

E muitas vezes atravessava toda a noite naquela exaustiva batalha, só se erguendo, em caráter definitivo ao amanhecer do dia seguinte para subir ao altar e dar começo à celebração da missa reparadora. E ao Evangelho jamais se abstinha de distribuir o pão da palavra, sempre rica de doutrina e entusiasmo pelo maior alargamento do Reino de Deus na terra cearense. *(Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1971).*

O HISTORIADOR DO CARIRI (*)

ANTÔNIO MARTINS FILHO

Na manhã de 21 de maio deste ano de 1954, a cidade de Crato foi dolorosamente surpreendida com o súbito falecimento de um dos seus filhos mai ilustres - o escritor Irineu Nogueira Pinheiro.

A despeito de contar a provecta idade de 72 anos completos, o doutor Irineu, com aquela expressão de recato e ponderação que lhe realçava a personalidade, parecia possuir o segredo da eterna juventude, tal o sabor de sua conversação, a agilidade dos seus raciocínios, a segurança de suas afirmações, o equilíbrio e elegância com que ornamentava a exteriorização das próprias idéias.

Se, do ponto de vista psíquico, tais eram os atributos do insigne historiador, importa também salientar que, de sua compleição física, jamais poderíamos prever fim tão próximo e tão inopinado. Com efeito, em sua cabeça ainda não vicejavam as rosas de neve do inverno da vida, da mesma forma que não sentia o seu corpo a ação geotrópica do declínio.

Desse modo, em plena forma de corpo e de espírito, muito ainda teríamos de esperar da sua operosidade constante e persistência em prol das letras regionais interpretação sociológica de fatos da história da região em que vivia e a que abnegadamente serviu.

Justificada, portanto, está a grande e profunda consternação que enluta a alma coletiva da centenária metrópole cariense, com manifestas ressonâncias nas altas e diferentes esferas do Ceará intelectual.

É que o morto de 21 de maio, sobre ser grande como escritor, foi ainda maior pelas idéias, que lhe empojavam o espírito, e pelos sentimentos, que lhe enterneciam a alma e sensibilizavam o coração.

Na cidade do Crato, casa nº 66 da rua Grande, depois rua do Comércio, hoje rua João Pessoa, nasceu Irineu Nogueira Pinheiro, no dia 6 de janeiro de 1881.

Foram seus pais o Doutor Manuel Rodrigues Nogueira Pinheiro - magistrado ilustre e parlamentar provincial, que faleceu

prematuramente, com apenas 34 anos - e dona Irineia Pinto Nogueira Pinheiro, filha do Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno, o primeiro deste nome, que também foi deputado na província e político dos mais prestigiosos do sertão.

Iniciou Irineu os estudos primários em colégios particulares, sendo um dos seus professores o notável abolicionista e jornalista José Joaquim Teles Marrocos.

Depois, esses estudos foram concluídos no Seminário do Crato, então sob a reitoria do Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, que veio a ser o primeiro Bispo da Diocese posteriormente criada.

No tempo do Seminário, Irineu fez parte, como orador oficial, do "Círculo Literário", sociedade de seminaristas fundada sob os auspícios do Padre Miguel Coelho de Sá Barreto, de grata e saudosa memória.

Transportando-se para o Recife, no Ginásio Pernambucano tirou preparatórios de português, latim e francês, sendo que os demais foram prestados no Liceu do Ceará, com exceção apenas do de História Natural, obtido na Capital da República.

Matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ali cursou com brilhantismo todas as cadeiras do currículo escolar, então sendo-lhe conferido o grau de doutor em medicina a 8 de julho de 1910.

A sua tese de doutoramento, que versa o tema - "Um caso de dexiocardia", é trabalho científico de apreciável valor, enfeitado em volume de 68 páginas, editado pela "Tipografia da Revista dos Tribunais", do Distrito Federal.

Retornando ao Ceará e demorando-se no Crato, passou Irineu a exercer os misteres de sua profissão de médico, sem contudo relegar a plano secundário a sua predileção pelas coisas do espírito, mercê de impreterível inclinação para o mundo das letras.

Com efeito, além de haver fundado o "Correio do Crato" (de vida efêmera, aliás), colaborou no "Correio do Cariry", "A Região", "O Araripe" - em sua segunda fase, que vai de 3.5.1919 -, "Crato-Jornal" e, ultimamente, "A Ação", todos periódicos editados em Crato. Note-se, entre parênteses, que "O Araripe", em sua primeira fase, que vai de 1855 a 1865, foi dirigido por João Brígido dos Santos e, segundo

informação do próprio Irineu, deve ter sido o primeiro jornal publicado no interior do Ceará.

Do médico nada, ou quase nada, eu poderia vos dizer. É que sempre o admirei como intelectual, isto é, jornalista ponderado e seguro, orador elegante, conversador emérito e, na última brilhante fase de sua venturosa existência, legítima expressão das letras históricas do Ceará e do Brasil.

Sei também, de ciência própria, que ainda exerceu o magistério, como professor de física e química, no Seminário do Crato, já no episcopado de D. Quintino. E que, anteriormente, havia sido fiscal federal do Colégio de S. José, que funcionou anexo ao Seminário, sob a direção do padre Joaquim Ferreira de Melo, mais tarde Bispo de Pelotas, onde veio a falecer em 1940.

Através de análise retrospectiva, vemos que, nas solenidades e festas cívicas realizadas em Crato, até o fim do segundo decênio deste século, predominou uma pequena aristocracia representativa da cultura municipal, nela se destacando, como astro de primeira grandeza, a figura respeitável e algo esquesita do Dr. Irineu.

A partir de 1922, ano comemorativo do centenário da Independência, teve início nova fase para as letras indígenas, passando então a se processar uma como que democratização da oratória, da poesia e do jornalismo, com o advento dos intelectuais-caixeiros.

Desse movimento, iniciado na Associação dos Empregados no Comércio, participei ativamente, com Pedro Felício, Venício Leite, João Alves Rocha, Aquiles Arrais e vários outros.

Já agora, com a auto-crítica que os anos me permitem, posso tirar, daquela fase de minha iniciação intelectual, algumas conclusões, que se acham fixadas em meu livro de memórias, ainda inédito. Nele, com efeito, aludo a que, dos filhos de meu pai, todos os varões fizeram versos, sendo que a mim coube o privilégio de representar a mais alta ou maior expressão, às avessas, dos menestreis da família...

Na oratória, porém, a classificação me é mais favorável, pois tive os meus momentos de felicidade, mercê de um pouco de audácia e de presença de espírito.

Desde aqueles tempos formei a convicção de que o orador,

além de ser autor, é, acima de tudo, ator. É que o destemor ao respeitável público, a gesticulação adequada e oportuna, a modulação de voz, aliada aos recursos da retórica - são valiosos atributos que fazem os grandes oradores e que dão, à arte da palavra, as prerrogativas de um gênero à parte, caracterizado e definido nos compênios de literatura.

A circunstância de haver demonstrado possuir algumas dessas qualidades, segundo a afirmação dos meus contemporâneos, foi o suficiente para me aproximar de dois vultos exponenciais do velho grupo - José Alves de Figueiredo e Irineu Nogueira Pinheiro, que passaram a manter comigo uma relativa camaradagem intelectual. Tanto assim foi que, nos meus encontros com qualquer um deles, a despeito da distância que nos separava em idade e merecimento, falávamos sobre livros, sobre autores, episódios do folclore regional, isto é, coisas do espírito.

Recordo-me de quando visitou o Crato o desembargador Moreira da Rocha, então presidente do Estado. A cidade perdeu a sua pacatês habitual, preparando-se, engalanada e festiva, para recepcionar o Governo e sua comitiva.

Na Praça 3 de Maio, onde se concentrava a população, estava a tribuna em que deveriam falar os oradores, que eram dois apenas: o Dr. Irineu Pinheiro, pela população da cidade e, pela União Artística Beneficente, eu.

Irineu proferiu um discurso finalmente burilado, focalizando, de início os problemas que afligiam o Crato e o Cariri, notadamente a ausência da Estrada de Ferro. Perorou, como era de praxe, apresentando as saudações da cidade aos visitantes.

Depois de sua magnífica oração, judiciosa em conceitos e impecável quanto à forma, seria a minha vez de "soltar o verbo", em nome da agremiação de que eu era orador oficial.

Advertido pelo jornalista Matos Ibiapina de que o Presidente não gostava de discursos, foi com receio que tentei aproximar-me da tribuna. Antes, porém, de atingi-la, eis que o Presidente, numa imperdoável quebra de protocolo, e com surpresa geral, movimentou-se em direção à casa do Cel. Antonio Luiz Alves Pequeno, chefe político da localidade, sem ao menos agradecer a saudação do orador do

Crato ou, ao menos, solicitar que outrem o fizesse.

Tenho a impressão de que o fato se tornou desagradável para nós ambos: para ele, porque falou: para mim, porque até fui impedido de fazê-lo.

Mais tarde, regressando ao Ceará, após uma ausência de mais de 12 anos, tive ensejo de reatar as minhas antigas relações com Irineu, já então em circunstâncias bem mais favoráveis para mim.

Passei a observar a sua predileção pelo estudo dos fatos, crenças, usos e costumes de nossa região, sob o duplo aspecto da sociologia e da história.

Foi quando se deliberou a dar publicidade ao seu primeiro e grande livro - "O Joaseiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914", editado pelos Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, em 1938.

Com o aparecimento dessa obra - a mais fiel e completa que conheço sobre o Patriarca do Juazeiro e sobre o movimento sedicioso de 1914 - passou Irineu a ocupar posição das mais destacadas entre os historiadores do nosso Estado.

A par da narração e análise dos acontecimentos - de que resultou a deposição do presidente Franco Rabelo - o emérito escritor estuda uma personagem, interpreta um fato, focaliza um costume, salienta um episódio, elucida uma dúvida, tudo isso de maneira amena e sem pedantismo, dando assim, ao seu livro, um sabor e uma utilidade que ilustra, interessa e convence.

Além do folheto "Joaquim Pinto Madeira", publicado em 1946, Irineu fez editar, em 1952, um outro a que denominou - "José Pereira Filgueiras". Neste opúsculo, de 30 páginas apenas, está contida a maior e mais convincente defesa do quase lendário Capitão-Mor do Crato, tão injusta ou apressadamente analisado por historiadores apaixonados ou que desconheciam as condições especialíssimas da política da então província do Ceará, no período tumultuário que vai de 1817 a 1824.

Mas de todos os trabalhos a que deu publicidade, não resta dúvida de que o mais importante, pelo conteúdo e pela extensão é, mercidamente "O Cariri", que circulou no ano de 1950.

A propósito deste monumental trabalho - que representa o mais honesto e o mais precioso repositório de fatos da história do Cariri, notadamente do Crato - externou José Lins do Rêgo, através de crônica divulgada pela imprensa, conceitos os mais judiciosos e merecidos ao seu ilustre autor.

Importa frizar, no entanto, que a obra maior de Irineu Pinheiro ainda está inédita e é, exatamente, o livro a que denominou - "Efemérides do Cariri".

Em uma das minhas visitas ao Crato, franqueou-me Irineu as suas coleções de jornais antigos, a fim de que pudesse coligir os dados de que então necessitava, para a documentação de meu livro de memórias - "Menoridade".

Nesse ensejo, em que trabalhei em seu próprio gabinete, me foi dado a satisfação de compulsar as suas Efemérides, meticulosamente elaboradas.

Penitencio-me, no entanto, de haver, de certo modo, concorrido para o retardamento da publicação dessa obra preciosa. É que, pedindo a minha opinião sobre o método de exposição das Efemérides, subordinado ao critério de classificação dos assuntos - aliás adotado pelo Barão do Rio Branco nas Efemérides Nacionais - disse-lhe francamente que preferia o método cronológico, de que se utilizou o Barão de Studart, nas "Datas e Fatos" para a História do Ceará.

Nas nossas palestras subsequentes observei que Irineu havia arrefecido um pouco aquele entusiasmo de publicar imediatamente o seu grande livro, chegando mesmo a me afirmar que iria pensar na conveniência da adoção do sistema cronológico, apesar do trabalho exaustivo que lhe iria causar essa modificação.

Nos vários encontros que tivemos, por ocasião das festas comemorativas do Centenário de Crato, para cujo brilhantismo muito concorreu a palavra escrita e falada de Irineu, não me foi dado compulsar de novo as Efemérides, tendo, porém, a certeza de que poderíamos contar com a sua próxima publicação.

Irineu Nogueira Pinheiro não foi em vida um vaidoso nem tão pouco teve a preocupação de projetar a própria personalidade - atitude exdrúxula que caracteriza certa corrente de intelectuais, nos

dias atormentados em que vivemos.

De um título, porém, tenho ciência de que ele se orgulhava - o de pertencer ao quadro de sócios do Instituto do Ceará.

Em verdade, sempre que nos comunicávamos, ou pessoalmente ou por correspondência, o seu primeiro pensamento estava ligado direta ou indiretamente a este augusto sodalício, já para realçar os méritos da Casa do Barão de Studart, já para aludir ao trabalho ciclópico dos seus membros efetivos, hoje grandemente empenhados na elaboração da História Geral do Ceará.

É natural, portanto, que na sessão de hoje, além de reverenciarmos a memória do nosso companheiro, determine V.Excia, Sr. Presidente, seja inserido em ata um voto de profundo pesar pelo falecimento do inesquecível colega.

As homenagens póstumas que esta Casa lhe presta não são apenas protocolares. Irineu Pinheiro a elas fez jús porque foi, em vida, o autêntico e legítimo Historiador do Cariri.

() Discurso proferido no Instituto do Ceará na primeira sessão ordinária de junho de 1954.
"Publicado na Revista do mesmo Instituto, 1954"*

CARIRI (*)

ANTÔNIO BEZERRA

Constitui o Cariri a zona ubérrima que se estende ao sopé da serra do Araripe numa extensão de cerca de 200 quilômetros, com largura irregular, a qual é banhada por correntes perenes como o Caldas na Barbalha, Grangeiro e Batateira no Crato, que formam as nascentes do Rio Salgado, e por inúmeros olhos d'água, alimentos da agricultura, de cuja exuberância só tem podido ser bem avaliada em anos de seca.

Por sua posição e fertilidade está aquele delicioso oásis isento da tremenda calamidade.

Terreno predileto da cana e dos cereais, em bem poucos lugares deste imenso país se ostentam aquelas gramíneas com mais viço e esplendor.

A cana plantada uma vez, reproduz-se por espaço de cinqüenta e mais anos, dando sempre boa colheita ao lavrador, que apenas lhe dispensa o cuidado necessário de livrá-la do afogo das plantas sarmentosas.

Na Barbalha uma estaca dessa valiosa arrudinácea produz setenta touceiras.

Devido à frescura e umidade do solo, resiste o milho à ausência da chuvas no inverno por cinqüenta e mais dias, e está reconhecido que um grão produz de 400 a 500. Em terrenos especiais, um grão de arroz produz de 500 a 800, e, como nas melhores terras do Maranhão, dá este delicioso cereal duas a três colheitas por ano.

Uma tarefa de mandioca, João Grande produz 40 quartas de 80 litros em seis meses.

No Município do Araripe, antigo Brejo-Santo, a mandioca ocupa um espaço de 180 quilômetros, onde se conserva até dez anos; e desde que aparece consumo, derruba-se o mato que cresceu no mesmo terreno, e aproveitam-se as túberas que nem por isso deixam de produzir menos fécula alimentícia.

Vi caules dessa utilíssima eufogracia que se elevavam a seis metros de altura.

No ano de 1889, tempo de seca, exportou a vila de Araripe 26 milhões de litros de farinha.

O fumo no Cariri desenvolve-se de modo prodigioso; vi folhas que tinham mais de metro de comprimento sobre 50 centímetros de largura. E tudo isso pelo modo grosseiro e atrasado por que se agricultura naquela região.

Ali o solo, o vale, a serra prendem a atenção do homem que estuda.

Fragmentos por toda a parte de peixes, de insetos, de moluscos, de anfíbios e até de esqueleto humano, envoltos em substância calcárea em estado de cristalização ou melhor de spatilização, fazem acreditar que aquele pedaço do território cearense estivera durante longo período coberto pelas águas.

Georges Gardner, o sábio professor de Calcutá, que residiu por alguns meses na cidade do Crato, pretendia que o Cariri havia sido fundo do mar.

O que é certo é que, achando-se abundância desses fósseis no Museu Nacional, onde assistem professores nacionais e estrangeiros, a paleontologia tem pouco adiantado do que sabemos a respeito.

As serras oferecem outro assunto não menos atraente.

De 929 metros acima do nível do mar conservam elas a mesma altitude com pequenas diferenças em todo o seu prolongamento, a exceção dos extremos que descem para o vale, como na vila do Araripe e ponta meridional do lado do rio de S. Francisco.

A chapada, que varia de 18 a 48 quilômetros na largura, apresenta por toda a parte a mesma planície, onde se vêem os mesmos indivíduos da vegetação hamadriade da beira mar, sobressaindo a anacardiácea - cajú, e a rizobolácea - pequi, cujas frutas prestam grande auxilio à população pobre.

A amêndoa deste último, que é sobremodo saborosa e substancial, fornece ainda finissimo óleo que é muito apreciado, e há de prestar grande serviço à indústria quando for devidamente conhecido.

Os pequis, em anos de seca, dão frutos duas vezes, em maio

e em outubro.

Os terrenos superiores compõem-se de areia e de argila, desagregações do psamito, que forma grande parte das rochas do Araripe.

As águas das chuvas que caem naquela região se escoam lentamente e vão para a camada do gneis, base da serra, donde jorram da falda para o vale e formam inúmeras fontes do lado do Ceará, não podendo aparecer no Piauí, por ser mais alta daquela banda a rocha constitutiva do depósito.

Alguém supõe que essas águas vem do Rio S. Francisco, mas basta atender-se que aquele rio corre em nível mais baixo e na distância de mais de 180 quilômetros, como tive ocasião de verificar, para convencer-se da sua impossibilidade quem quer que tenha tido dúvida a respeito.

Os riachos que descem do Araripe pelo lado do sul dirigem-se todos ao Rio S. Francisco.

Aos que recusam aceitar que as águas que alimentam as fontes sejam das chuvas por filtração na montanha, baseando-se no fato de que no ano de 1877, quando não houve inverno, foi justamente o tempo em que se tornaram mais abundantes, responde-se: que as sobreditas águas levam um ano, dois e mais para chegar ao ponto terminal, e por conseguinte que as daquele ano haviam sido produzidas pelos invernos anteriores.

A cidade do Crato acha-se situada a 423 metros e 91 centímetros acima do nível do mar; pois bem, as fontes do Grangeiro e Batateira irrompem da serra a 60 metros acima do nível daquela cidade.

Convém ainda notar que, onde existe um olho d'água, corresponde-lhe uma depressão mais ou menos sensível no cimo da serra; e tanto assim é que desaparecem as vertentes desde Ipueiras, onde surge a rocha nua que, como um espinhaço, se dirige até Brejinho, a 3 quilômetros da vila do Araripe, em cuja confrontação torna à mesma formação da serra em geral.

Por aqui não faltam nascentes.

Raimundo Salviano, morador no sítio Cabreiro, a leste de S. Rosa, cavou tanto uma fonte, internando-se pela serra, que por fim

conseguiu aumentar consideravelmente o volume d'água.

Tenho provas para não ser convencido do contrário.

O vale do Cariri, ao que parece, deve ter passado por grandes transformações.

Documentos do século passado afirmam que o rio Salgado corria até além da cidade do Icó, sendo engrossado pelo Riacho dos Porcos, que nasce do Jardim, e pelo Caldas, Grangeiro, Batateira e Carás, que saem do grande vale.

As águas espadanavam por toda a parte.

Quando Frei Fidelis, religioso franciscano, sentou em 1704 as bases da capela de N.Senhora da Penha no Crato, fê-lo na margem de uma lagoa que ocupava o espaço da praça hoje da matriz, e o lado oposto pouco distava da serra do Araripe.

As casas deste lado foram construídas com calçadas de quatro palmos de altura por causa da grande umidade, e pouco a pouco ficaram aterradas pelas areias que desciam dos altos arrastadas pelas chuvas.

A serra nos séculos anteriores devia ser unida à de S.Pedro e às adjacentes, formando uma só cadeia, mas pela dissolução tem-se separado e ameaça com o correr dos tempos desaparecer de todo.

Ha concorrido para essa grande perda a destruição das matas que lhe serviam de anteparo à violência das águas, destruição que teve começo desde o tempo dos primeiros povoadores de 1703 em diante.

De quando em vez desaba um pedaço, que não só aterra o vale mas torna mais seco o terreno.

Em 1889, os sítios Vale-verde e S.Vicente foram invadidos em mais de cem metros pelas areias e blocos de schisto argiloso que desceram da serra.

A mata desapareceu totalmente do vale, e hoje apenas existe, no sítio Cabeça, uma amostra de quão luxuosa e esplêndida devia ter sido a vegetação nessa abençoada região.

É sabido que se tornam mais escassas as águas à proporção que aumenta a ausência da mata.

Em Brejo-Seco, outrora lugar inundado, hoje obtém-se água,

no mesmo sítio, a dez e doze palmos de profundidade, e a prova está no nome que se deu à localidade.

Em 1832 o Coronel Pinto Madeira, oferecendo combate na Barbalha à força de Antonio Cavalcante, guardou todos os pontos menos o brejo Salamanca, que ele sabia era impossível de atravessar por causa das lamas e atoleiros.

Aconteceu o que ele previa; morreram diversos soldados das tropas legais.

Atualmente apresenta o brejo feição muito diferente; as areias aterraram os pântanos, e si bem que tenha diminuído o rigor e excesso de vegetação, melhoraram as condições climáticas, cessaram as oftalmias, as febres palustres e as chagas cancerosas, conhecidas pelo nome de bobas, que era um tormento para a população.

Tem sofrido o vale do Cariri grandes transformações, repito, que fizeram decrescer o seu valor, mas apesar de todos esses estragos, continuo a pensar que aquela ubérrima região vale por si o resto do Estado, inclusive o Baturité ainda com a sua esplendorosa riqueza do café.

O futuro decidirá.

(Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1954).

DISCURSO

AMIGOS, FAMILIARES, CARÍSSIMAS IRMÃS DOROTÉIAS, COLEGAS DE TURMA DO ANO DE 1937:

Estamos de volta, alegremente, comemorando mais dez anos do término de nosso curso Normal: 60 anos, bodas de diamante. Rendemos graças ao Altíssimo pelos anos bem vividos que se foram. Quanto tempo teremos ainda entre o despertar e o desmaio do sol, portanto entre as madrugadas e os crepúsculos? O presente é tudo o que qualquer um de nós possui. Que o nosso dia-a-dia se repita sem o vento que embarça ou desbarata tudo, e nele se repita e subsista sempre a ESPERANÇA. Algumas de nós se foram, como os pássaros no descer da noite, para recomeçarem os seus trinados nos páramos celestes, ao lado de nosso beija-flor, ZEZITA PETRIBU e outras dedicadas mestras, que aqui na terra adejavam de flor em flor. Todas elas estão salvas dos vendavais das incertezas, e nos aguardam nos jardins celestes onde os raios da luz divina tremeluzem numa vibração de eterna felicidade. Entretanto, as colegas que seguiram a caminho da própria glorificação: CLEIDE, ANTONIETA, RITA, LITINHA, CECY, GRACI, IEDA, ANETE, IRACEMA, ESTER, estão aqui presentes em espírito, assistindo a santa missa, cujo oficiante é o mesmo sacerdote que celebrou os nossos 50 anos de formatura, o jesuíta padre Pedro Vicente Albano, filho amado de nossa querida Maria Inês Albano. Sentimo-nos neste preciso instante, qual singelas orquídeas, presas ao tronco gigantesco, e à sombra da árvore implantada por PAULA FRASSINETTI. Estamos cada vez mais arraigadas, emaranhadas, e de nós já despontaram tantas orquídeas que por sua vez desabrocharão florindo os caminhos da vida afora, no milagre das gerações sucessivas, pois aqui estamos presentes, algumas de nós, como avós e bisavós, orgulhosas das gerações que sempre povoarão o mundo.

Aquele Deus que muitos pensam poder encontrar somente na outra vida, está aqui presente, entre nós, dentro de nós, ao nosso redor. Não um Deus abstrato, acima das nuvens, mas um Deus concreto, sempre ao nosso lado. Ele é que renova a força especial que há dentro de nós e nos faz reviver, cultivando a ambição positiva que nos leva a aumentar a capacidade mental. É possível qualquer pessoa buscar a vitória de suas aspirações, mirando-se pelo avesso.

É preciso ter habilidade de relaxar um pouco e o discernimento fluirá, certamente, pois mirando-nos pelo avesso veremos quão poderosa é a mente humana e o quanto podemos usar as potencialidades do nosso cérebro, devidamente e sobreviver. Deliberemos não livrar-nos de preocupações, às vezes tantas, mas sim dominá-las, pois por trás de cada obstáculo se descobre novos horizontes.

SESSENTA ANOS...colegas, a idade nem a contagem do tempo nos impedem de estarmos sempre dispostas, esbanjando alegria, como se a vida nunca fosse acabar. Temos como exemplo, poetas, escritores, pintores, mães de família, mestras e também gente humilde e generosa, numa criatividade patente, produtiva e progressiva, dando uma uma lição de pujança e juventude aos adolescentes indecisos, sem visão do que é belo e jamais fenece. "O que é essencial no ser humano, não é atingido pelo tempo". Velhice....quem disse? As limitações dos sentidos, dos órgãos e dos membros, não devem ser encarados como decadência ou proximidade do fim. Com a idade o homem cresce em experiência, sabedoria, generosidade, amor, compreensão e outras virtudes. Vejamos Cora Coralina; dos 62 aos 92 anos de idade...nos mostrou a primorosa arte de sua poesia. Estejamos certas de que há sempre uma renovação do senso de vitalidade e confiança.

Conservemos uma boa aparência somada com a vitalidade. Nunca nos deixemos abater pelas transas do destino, pois a vida é um apanhado de dores, alegrias e amores, certas tristezas, sonhos e ilusões, acertos e desacertos, tantas decepções, também quantas saudades...no espaço livre onde a luta é renhida, porém apesar de tudo...bom mesmo é viver!

Neste instante de prece em que estamos reunidas junto a Deus aqui presente, façamos um projeto: deste momento em diante, tornemo-nos alegres, transmitindo a todos, horas de alegria. Dizem que "rir humaniza", pois através do sorriso demonstremos um profundo amor à vida que Deus nos tem dado como dádiva preciosa.

Digamos juntas: OBRIGADA, SENHOR!

VALDELICE ALVES LEITE

"Discurso pronunciado em 23.11.97 na
Missa do Cinquentenário de Turma,
no Colégio das Dorotéias - Fortaleza".

LIGEIRO PERFIL DE MONSENHOR TÁVORA

Pinheiro Távora

Dentre os descendentes do casal Antônio Fernandes da Silva Távora e Idalina Alves Távora Correia Negreiros de Lima Fernandes Távora - 3ª Geração de Manuel Peixoto da Silva Távora - na fazenda Caranguejo, se destacara, dentre alguns dos seus irmãos, Elisiário, Belisário e Carloto, que também seguiram a carreira das letras, Monsenhor Antônio Fernandes da Silva Távora.

Foi Monsenhor, antes de mais nada, um espírito iluminado como membro ilustre do Clero de seu tempo.

Orador, fluente, alvo, faces róseas, voz forte de tom retumbante alto, cuja altura de 1,80 m e sua vasta erudição, concorreram, simultaneamente, para seus triunfos oratórios não só na Tribuna Sagrada, bem como na forense, onde teve oportunidade de defender inúmeros acusados.

Além de ser uma figura respeitável, por seus elevados dotes de austeridade em tudo que empreendia, foi o ilustre prelado um político combativo, um jornalista de escol que muito honrou, com suas inúmeras e brilhantes produções, a imprensa brasileira.

Inclinado à política e nela tendo assento, como ficou dito, foi Monsenhor um dos primeiros membros da Velha Guarda Liberal no Ceará, no último quartel do II Império e no início da primeira República.

Já antes, porém, fora Senador, em cujo Senado Cearense deixara fartas produções parlamentares nos anais políticos, não só na Câmara Provincial, como ainda na que se iniciara, na que se organizara ao alvorecer do regime Republicano.

No Crato, terra que ele não esquecia, e onde entrara em lutas veementes com fortes adversários políticos, ali ao lado da Velha Guarda, teve que enfrentar duros prélios eleitorais em momentos diversos de sua carreira política, não deixando, porém, naquele rincão, um só inimigo capital.

Foi, por outro lado, um infatigável advogado dos pobres, o que sempre fez com o mais acendrado espírito de humanidade.

Foi Monsenhor, ainda, sob outro suave aspecto, um protetor

de famílias pobres, pois educou vários moços de famílias humildes, hoje médicos e bacharéis, cumprindo assim os desígnios de sua consciência no terreno do civismo e do espírito cristão.

Para fortalecer melhormente nosso juízo, sobre a inconfundível personalidade deste cearense ilustre, divulgamos abaixo a sua biografia feita pelo meu inesquecível amigo piauiense Hugo Victor Guimarães, jornalista ilustre, acompanhada da respectiva carta de despedida que fizera, quando dali se afastara para sempre, em tom lírico, quiçá romântico ao povo Cratense, aos 15 de julho de 1888.

BIOGRAFIA DO MONSENHOR TÁVORA

HUGO VICTOR GUIMARÃES

É uma das maiores figuras do Clero brasileiro e um cearense que honra e eleva o nome de sua terra.

Nascido a 17 de outubro de 1851 na fazenda "Caranguejo", município de Jaguaribe - Mirim, filho de Antônio Fernandes da Silva Távora e D. Idalina Alves de Lima, descende de duas famílias portuguesas: - Fernandes da Silva, do Porto, e Távora, de Lisboa, pelo lado paterno, e pelo materno, da família Vidal de Negreiros.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza, depois de feitos os primeiros estudos com o professor português VITORINO, que deixou fama na zona jaguaribana, ordenando-se a 30 de novembro de 1879.

Provido vigário encomendado de freguesia de Jaguaribe, ali permaneceu até 1883, quando teve remoção para a do Crato, na qual se demorou até 1891, ano em que a política o atraiu de maneira absorvente, porque embora tivesse tido assento na Assembléia do Antigo Regime, só de então firmou crédito de político militante, pondo-se ao lado do governador JOSÉ CLARINDO contra o MARECHAL FLORIANO.

Acompanhando ao Rio o governador deposto pela Escola Militar, ali publicou um manifesto no jornal "COMBATE", nele escrevendo, ainda, artigos veementes de combate ao florianismo, o que valeu ser seu nome apontado na lista dos inimigos da ditadura

que deviam ser deportados o que não aconteceu, porém. Esses artigos e o manifesto foram colecionados pela redação do "Correio do Cariri" que os reimprimiu sob o título SENADOR PADRE FERNANDES e ESCRITOS POLÍTICOS, e os distribuiu largamente.

Precedia-os uma encomiástica apresentação devida à hábil pena do Dr. J.B. de Siqueira Cavalcante.

Ainda em abril de 1892, foi nomeado vigário de CACHOEIRA DE ITAPEMIRIM, do então bispado do Rio de Janeiro, no Estado do Espírito Santo.

Exerceu essa comissão até junho do ano seguinte quando foi transferido para a importante paróquia de Vassouras, no Estado do Rio, lugar que deixou a pedido seis meses mais tarde, indo residir temporariamente em Juiz de Fora, Minas.

Em 1894 acompanhou D. José Lourenço da Costa Aguiar, primeiro bispo do Amazonas, e de quem foi o braço direito na organização da nova diocese, sendo nomeado cônego da Catedral de Manaus a 8 de dezembro desse ano.

Acompanhou-o ainda na qualidade de Secretário Particular em diferentes visitas nos rios Solimões, Purús, Madeira, Negro etc, fazendo das suas viagens minuciosas descrições que publicou a um só tempo em forma de correspondência na VERDADE e APÓSTOLO, jornais católicos vindos a lume em Fortaleza e no Rio de Janeiro.

Em 1896 fez rápida visita ao Ceará, e de volta seguiu com o bispo do Amazonas para Roma, fazendo a viagem AD LIMINA APOSTOLORUM, permanecendo na capital da cristandade por espaço de dois anos.

Matriculado na UNIVERSIDADE S. APOLINÁRIA, conquistou sucessivamente nas matérias de direito civil e canônico os graus de Licenciado, Bacharel e DOUTOR IN UTROQUE JURE.

Terminando o curso, matriculou-se na Academia dos Nobres, à qual dificilmente são admitidos estrangeiros, e estudou a ciência da DIPLOMACIA E TRATADOS.

Ao deixar a Academia em 1899, foi nomeado pelo Papa Leão XIII, seu camareiro secreto com honras de Monsenhor.

Durante sua permanência em Roma escreveu para diferentes

jornais religiosos da Itália e Portugal.

Foi na Europa um brasileiro à altura dos créditos do seu país.

Homem de vasta cultura, jornalista combativo, orador de largos recursos, tendo deixado nos ANAIS da Assembléia peças oratórias admiráveis, escritor e observador, atilado, Monsenhor Dr. Fernandes, sobre quem o seu sobrinho Senador Fernandes Távora escreveu interessante estudo publicado na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1946, foi também o protetor e encaminhador da família mandando educar às suas expensas, irmãos e sobrinhos, todos homens notáveis, inclusive o falecido bispo de Caratinga, DOM CARLOTO TÁVORA e o eminente homem público, Dr. BELISÁRIO TÁVORA.

Chegou a ponto de sacrificar-se economicamente, de pedir dinheiro por empréstimo, a juros escorchantes, para que seus irmãos - MANUEL, CARLOTO, ELISIÁRIO e BELISÁRIO, não interrompessem os estudos.

Deve-lhe o Ceará, também, a fundação de colégios e outras obras de merecimento.

"Deputados provinciais e Estaduais do Ceará - Hugo Victor Guimarães"

DESPEDIDA

Partindo hoje para a capital afim de tomar parte nos trabalhos da Assembléia provincial, vamos por meio da Vanguarda fazer nossa despedida aos nossos caros e muito amados paroquianos.

Em nosso lugar fica regendo a freguesia o muito Rev. Padre Manuel Félix de Moura, com plenos poderes, como Coadjutor Pró-Pároco.

Pedimos e exigimos de nossa paroquianos que tratem ao meu colega e amigo com aquela mesma paciência, caridade e respeito com que nos tem tratado.

Os longos e gloriosos trabalhos nesta e noutras províncias exigem de todos nós um respeito e afeto particulares.

Sacerdote de vida penitente e puríssima nós não.. podíamos confiar a guarda de nossos paroquianos a um pastor mais excelente

e digno.

OBRAS DA MATRIZ: - Por causa do copioso inverno com que a Providência nos visitou não deixamos em princípio as obras que pretendemos fazer com a nossa Matriz; mas delas, fica encarregado o Rev. Padre Félix e esperamos que o ajudareis com todas as vossas forças.

CASAMENTOS DE AMIZADES: - Conforme já pedimos do púlpito de novo recomendamos aos Srs. donos de sítios que remetam a lista de toda essa gente e promovam por todos os meios que a caridade aconselha o casamento de tal gente.

É uma grande obra de caridade.

CASA DA CARIDADE: - De novo pedimos a todos os habitantes desta freguesia que não vos esqueçais de dar suas esmolas para a Casa de Caridade.

Nada admira tanto como praticar-se a virtude ainda mesmo com fome e nudez.

Havendo tão enorme colheita de legumes esperamos que socorrereis a sua necessidade.

A sombra augusta e veneranda do Padre Ibiapina protege aquela casa e nos pede uma esmola pelo amor de Deus.

REABERTURA DO NOSSO SEMINÁRIO: - Com certeza virão este ano os padres da Congregação da Missão, trabalhar no Seminário e em princípios do ano vindouro será aberto com toda solenidade.

Quem tiver seu educando para aquele estabelecimento desde já o vá preparando de tudo o que é necessário.

COLÉGIO CRATENSE: - Recomendamos muito o Colégio Cratense dirigido pelo hábil e distinto Sr. José Joaquim Teles Marrocos.

Profundo latinista e perfeito educador, ninguém melhor do que ele pode ir preparando alunos para o Seminário.

CRIANÇAS DESVALIDAS: - Pedimos a coadjuvação das autoridades públicas afim de serem remetidas para a escola de meninos pobres dirigida pelo Padre Félix, tantas crianças que vagam por estas ruas.

As oficinas e as escolas estão desertas e as crianças se viciam na aurora da existência.

Ainda hoje o nome do Dr. Ayres é pronunciado com respeito

e saudade pelos aracatyenses.

As artes ali florescem e os pobres comem o pão com o suor de seu rosto.

A mesma recomendação fazemos a respeito da Escola da Casa de Caridade.

NÚPCIAS DE OURO DO S.S. PADRE LEÃO XIII: - Já vos pedimos do púlpito uma prova de amor e respeito das núpcias de ouro de Leão XIII e de novo vos pedimos com a maior instância, prendas, óbolos, orações.

Trinta e um (31) de dezembro é o grande dia.

Até fins de agosto deve estar tudo pronto.

O Padre Félix fica encarregado de nomear comissões neste sentido e de dirigir tudo na melhor ordem possível.

Dirijamos nossa vista para a estrela mais fulgurante do Universo.

DOENÇA DO NOSSO IMPERADOR: - Não vos esqueçais de orar e fazer comunhões pela saúde do nosso querido Imperador, cuja vida nos garante dias de paz e tranqüilidade para a nossa amada e estremecida Pátria.

A VANGUARDA: - Pedimos com o mais vivo interesse a todos os nossos paroquianos, sem distinção de cor, política e credo, que não deixem cair a Vanguarda.

A imprensa neutra e moralizada é um dos mais poderosos fatores do progresso e civilização de um povo.

Nós estamos dispostos a ajudar esta empresa gloriosa ainda mesmo com algum sacrifício.

Nós felicitamos de todo coração aos distintos cavaleiros que atirarão aos ombros tão árdua quão grandiosa empresa.

Nossa humilde pena será incansável no sentido de torná-lo o mais interessante possível na parte literária e religiosa.

Uma cidade importante como o Crato não pode deixar de ter um periódico nas condições da Vanguarda.

Está na hora dos cratenses sustentarem com todo o brilhantismo possível a empresa da Vanguarda.

ORAÇÕES RECÍPROCAS: - A Deus pertence saber se voltarei para o meio de vós.

Posso morrer por lá, então não nos veremos mais.

Parto sem deixar um só inimigo aqui porque os cratenses são muito cheios de caridade.

Não entramos em política com o fim de fazer mal a pessoa alguma nem procurar comunidade para nós; e assim tendo em vista servir com sacrifício à Pátria que tanto amamos.

Somos cearenses até a medula dos ossos e pela glória desta província e de todo o Brasil lutaremos até a morte.

Estamos inteiramente convictos de que o Estado tem alma e não pode prescindir da Igreja.

Não se esqueçam de nós em vossas orações a Deus.

Por nossa vez não nos esqueceremos jamais de pedir a Deus muita paz e alegria para as vossas almas.

Quando desaparecer por entre o azul das serranias, podeis afirmar que lá vai o nosso corpo, mas fica aqui o nosso coração.

Quando por ali passarem as nuvens e ventanias, lembrai-vos que por elas vos mandamos muitas saudades. (CRATO, 15 de julho de 1887. a) Vigário ANTÔNIO FERNANDES SILVA).

(Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1971).

PINTO MARTINS - HERÓI NACIONAL

Fortaleza, quinta maior metrópole do País, e cidade de nítida vocação turística acaba de ganhar um aeroporto internacional de alto nível. Alguns serviços ainda estão em implantação mas o novo Aeroporto já recebeu o aplauso de toda a coletividade.

Nosso Aeroporto homenageia Pinto Martins, herói cearense da aviação, e que foi, à sua época, nome conhecido e respeitado em todo o mundo.

Quando de seu centenário em 15 de abril de 1992, a FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA patrocinou pesquisa para a implantação do Memorial Pinto Martins que foi inaugurado no Rio de Janeiro, cidade onde residem os familiares do herói e que foi o ponto de chegada de sua epopéica viagem em hidroavião unindo "as três Américas" e que ainda hoje é um dos pontos mais marcantes da história da aviação mundial.

Com a proximidade da inauguração do novo terminal de passageiros, Cláudio Pereira, Presidente da FUNDAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA, esteve em visita de cortesia à Secretaria de Turismo Anya Ribeiro, a quem ofereceu o Memorial para enriquecer, como atração turística, o novo Aeroporto.

O Governo do Estado convidou o sobrinho-neto de Pinto Martins, Nelson Ricardo Pinto Martins, que coordenou o Memorial, para a solenidade de inauguração e para discutir a ampliação do projeto.

Nelson Pinto Martins e a esposa Núbia elaboraram estudo dando nova dimensão ao Memorial que ocuparia uma área de 300m², sendo dotado de todo o conforto moderno, recursos de multimídia e acrescido com espaço polivalente e dinâmico para ser usado em variadas apresentações de avanços tecnológicos.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Euclides Pinto Martins, cearense de Camocim, realizou o primeiro vôo sobre o Oceano Atlântico entre a cidade norte-americana de Nova York e o Rio de Janeiro. Nascido em 15 de abril de 1892, foi estudar Engenharia Mecânica nos Estados Unidos em 1908.

A bordo do hidroavião Sampaio Correia, partiu de Nova York, em 16 de agosto de 1922, com destino ao Rio de Janeiro, para, como Pinto Martins afirmava, unir as três Américas. A meta era percorrer a distância de 5.430 milhas em 175 dias e 100 horas de vôo.

Com todo o apoio da imprensa americana Euclides Pinto Martins partiu num hidroavião de 28 metros de envergadura, asas de pano, hélices de madeira, que pesava oito toneladas e era puxado por dois motores "Liberty". A aeronave de estrutura bastante rudimentar foi construída pelo próprio Pinto Martins e pelo piloto da marinha americana, Walter Hilton. Cinco dias após saírem de Nova York foram atingidos por uma forte tempestade em Cuba e naufragaram. O grupo prosseguiu viagem com o hidroavião Sampaio Correia II.

Em novembro de 1922 o hidroavião tocou as águas do rio Cunani, no Oiapoque. Passou por estados nordestinos, sendo recebido com muitas festas. No dia 08 de fevereiro de 1923 todo o comércio do Rio de Janeiro fechou e cerca de 500 mil pessoas, lideradas pelo também pioneiro Santos Dumont, foram receber Pinto Martins e seu grupo. Após o término de sua viagem Euclides recebeu convite para chefiar a polícia aérea de Nova York e não aceitando, passou a comprar cartas de prospecção de petróleo acreditando que o Brasil possuía grandes poços de petróleo. Em 12 de abril de 1924, aos 31 anos de idade, foi encontrado em sua residência no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, com um tiro na cabeça.

O povo cearense o homenageou batizando com seu nome o principal aeroporto do Estado no dia 13 de maio de 1952. Pinto Martins também é nome de uma rua no bairro Dias Macedo.

(Publicado no Jornal da Fundação Cultural de Fortaleza).

ESCRITOR CRATENSE EM ACADEMIA NO PARÁ.

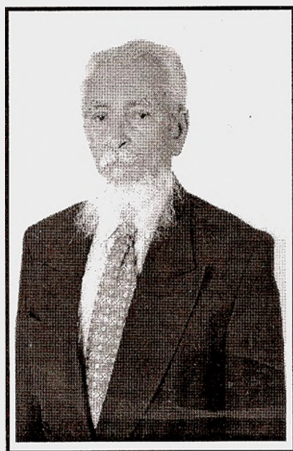
O escritor Raimundo Liberalino Maya, natural do Crato, pertence, como sócio-fundador, à Academia de Letras Municipais do Pará. Reside há muitos anos em Marabá, onde exerceu e ainda exerce muitos cargos, não obstante haver ultrapassado a faixa dos 90 anos. Uma glória para a Princesa do Cariri, que sempre ofertou ao País figuras de real destaque.

Quem é:

Raimundo Liberalino Maya nasceu em Crato aos 8 de Abril de 1908, filho de Liberalino Ferreira Maia e Virginia Freire da Costa Maia. A família Maia é tradicional no Crato, dela fazendo parte o Pe. Cícero Romão Batista, o Cel. José Francisco Pereira Maia, antigo deputado Provincial, e o Dr. Álvaro Maia, que foi governador do Amazonas. A parteira no seu nascimento foi a famosa Mãe Tudinha - à qual gerações seguidas de cratenses pediam a benção à sua passagem pelas ruas da cidade.

Ainda menor de idade, teve aumentada a mesma, para votar, por iniciativa do Cel. Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, que acompanhava, politicamente, o Cel. Antonio Luiz Alves Pequeno.

Em 1930 aliou-se ao movimento da Aliança Liberal, de que resultaram as deposições de



*Raimundo Liberalino Maia (foto)
95 anos, filho do Crato,
membro da Academia*

Matos Peixoto, do Governo do Ceará, e Washington Luis da Presidência da República.

Em 1932 deixa o Crato. Cumpre a sina do cearense, que é de emigrar dentro do seu próprio País, em busca de melhores condições. É ele mesmo quem narra:

"1932 - auge da seca. No dia 5 de Abril, em companhia do meu primo Raimundo "Arara", às 6 horas da manhã, lançávamos o nosso olhar de despedidas para esse imenso jardim (O Cariri), diretamente da Ladeira das Guaribas, um tapete verde estendido desde o sopé da nossa querida Araripe, até os brejais, compostos de pomares e canaviais, sempre verdes, mesmo nas piores secas...".

Destinavam-se à Vila de Aparecida, no Piauí, no Município de Jurumenha, onde os esperava José Barbosa Maia. Ali logo se inscreveu no 7º Batalhão Provisório, organizado pelo Piauí, para ir combater os revoltosos paulistas, mas logo se deu o fim daquela Revolução Constitucionalista e ele pediu baixa.

Atravessou, depois, o Rio Parnaíba e iniciou peregrinação pelos estados do Maranhão, Goiás e Pará. Inicialmente se fixou na cidade de Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis, ao norte do atual Estado do Tocantins. Ali chegou em 1937 e no começo de 38 se casou com Filomena Borges de Oliveira, "mulher aguerrida, boa esposa e boa mãe". O casal permaneceu junto até que a esposa morreu. Desse casamento nasceram Virginia, Astério, Astésio, Aulete João, Aquiles Átila, Oriete Maia, Vanja Maria, Apricio e Agrício. Hoje são 23 netos. Seus netos estão em Universidades e Centros de Cultura.

Raimundo Liberalino Maia(foto) reside em Marabá, Pará e diz que "se não conseguí vencer a pobreza, não perdi a dignidade" e é motivo de orgulho de sua família.

ÍNDICE

- FORUM HERMES PARAHYBA	05
- LITERATURA CARIRIENSE	11
- NOVO LIVRO DO DR. RAIMUNDO BORGES	13
- COMENTÁRIOS SOBRE A BIBLIOGRAFIA DO CANGAÇO NORDESTE DO BRASIL	14
- PADRE ÁGIO, O HOMEM QUE TOCA	21
- PIONEIRAS DA MEDICINA	26
- HÁ 25 ANOS FALECIA J. DE FIGUEIREDO FILHO	29
- ARARIPE NA HERLINDA	30
- EM VOLTA DE JUVENAL GALENO	36
- O CENTENÁRIO DE CÂMARA CASCUDO	44
- O CASAMENTO DA NETA DE CHICO PRETO	46
- SALVE BARBALHA SESQUICENTENÁRIA	51
- MEDITAÇÃO	60
- FR. AGATANGELO DO CRATO (Ambrósio Bezerra Lobo)	63
- BIOGRAFIA	63
- PERFIL DE PE. AGATANGELO	64
- MILAGRE OU SIMPLES GRAÇA - EXTRAORDINÁRIO	67
- CRATO: CONCORRIDA VERNISSAGE DE EDILMA ROCHA	71
- CARTA	72
- COELHO ALVES - CURRICULUM VITAE	73
- MEU PARAISO	75
- ALGUNS TIPOS POPULARES DO CRATO	77
- DR. ÁLVARO MADEIRA: DESCENDÊNCIA ILUSTRE	80
- RELAÇÃO DE NOMES DE RUAS APROVADAS E SANCIONADAS NO PERÍODO DE 1990 A 1994	81
- LEIS SANCIONADAS PELA ADMINISTRAÇÃO DR. JOSÉ ALDEGUNDES MUNIZ G. DE MATOS NO ANO DE 1990	83
- LEIS SANCIONADAS PELA ADMINISTRAÇÃO DR. JOSÉ ALDEGUNDES MUNIZ G. DE MATOS NO ANO DE 1991	85
AOS MEUS EX-ALUNOS DA TURMA 1941 DO GINÁSIO DO CRATO	89
- DISCURSO LIDO POR AMARÍLIO CAVALCANTE NO LANÇAMENTO DO LIVRO GINÁSIO DO CRATO, 1941 - SONHOS E SAUDADES	92
- O SENADOR ALENCAR	94
- "AS QUATROS SERGIPANAS"	99
- PALAVRAS PARA GIOVANNI LIVÔNIO SAMPAIO POR LUIZA MARIA MOREIRA SAMPAIO	102

- LOUVAÇÃO A DR. BORGES	106
- ESPERANDO FÁTIMA	112
- DR. JOAQUIM FERNANDES TELES	113
BOSQUEJO PARA UM ENSAIO BIOGRÁFICO	114
- EDIVAL TÁVORA, GRANDE ARTÍFICE DA HISTÓRIA	123
- DR. EDIVAL TÁVORA PRESTA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA	124
- ICC ENCONTRANDO DIFICULDADES PARA SEDE PRÓPRIA	125
ACADEMIA: UM ANO	125
- DR. PIO SAMPAIO, MÉDICO OU ANJO?	126
- DR. PIO SAMPAIO - MEU PAI POR DR. MARCIANO LIMA SAMPAIO, MÉDICO E SEU FILHO CAÇULA	128
- DR. PIO POR SUA FILHA	130
- MEU PAI PIO DE SÁ BARRETO SAMPAIO	131
- 04 MANDATOS LEGISLATIVOS, CARGO ADMINISTRATIVOS E PARTICIPAÇÃO EM SOCIEDADES BENEMÉRITAS	132
- TRABALHO PUBLICADO	133
- NECROLÓGIO	133
- ILUSTRE CRATENSE	138
- SAUDAÇÃO À ACADEMIA	141
- NAIR SILVA, PATRIMÔNIO DE JUAZEIRO QUE DESAPARECE	145
- NAIR SILVA, O MEU ADEUS	147
- DR. ÁLVARO RODRIGUES MADEIRA	149
- CARIRIENSE EM DESTAQUE - DIMAS MACÊDO	152
- BOQUEIRÃO DE LAVRAS UMA BELEZA RARA	154
- DR. FÁBIO ESMERALDO	155
- FALECEU A POETISA DANDINHA VILAR	156
- PODER LEGISLATIVO: CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO - PALÁCIO JOSÉ VALDEVINO DE BRITO - PLENÁRIO PAULO BEZERRA	157
- PRIMEIRA IMPERATRIZ	159
- GUERRA DE CANUDOS - 100 ANOS	160
- MONSENHOR ESMERALDO: O PRIMEIRO VIGÁRIO DE JUAZEIRO	171
- O HISTORIADOR DO CARIRI	178
- CARIRI	185
- DISCURSO	189
- LIGEIRO PERFIL DE MONSENHOR TÁVORA	192
- BIOGRAFIA DO MONSENHOR TÁVORA	193
- DESPEDIDA	195
- PINTO MARTINS - HERÓI NACIONAL	199
- UM POUCO DE HISTÓRIA	200
- ESCRITOR CRATENSE EM ACADEMIA NO PARÁ	201

À Administração Municipal do Crato,
sob o comando de Prefeito
Raimundo Coelho Bezerra de Farias,
o sincero reconhecimento do I.C.C.
pela inestimável cooperação financeira
ensejada para a presente
edição de Itaytera.